

Le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

ANNO I

N. 1

FLOREAL

Publicação bi-mensal

de critica e litteratura

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

Rua Sete de Setembro, 89

1º Andar

Rio de Janeiro — Brazil — 1907

EXPEDIENTE

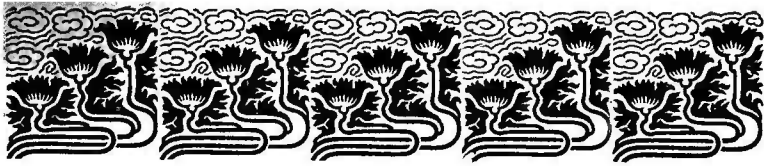
Assignaturas

Trimestre...	3\$000	—	Semestre...	6\$000
Anno.	12\$000			
Avulso..	\$500			

Rio, 25 de Outubro, 1907.

Summario

Artigo inicial — *Lima Barreto*; Dialogo — *A. Noronha Santos*; Dia de Amor — *D. Ribeiro Filho*; Ossos (versos) — *M. Pinto de Souza*; Recordações do Escrivão I. Caminha — *Lima Barreto*; Revista da Semana: Pretextos — *Lima Barreto*; Jornaes e Revistas — *A. Noronha Santos*; Echos, &.



Não é sem temor que me vejo á frente desta publicação. Embora não se trate do *Jornal do Commercio* nem da *Gazeta de Pekim*, sei, graças a um tirocinio prolongado em revistas ephemeras e obscuras, que immenso esforço demanda a sua manutenção e que futuro lhe está reservado. Sei tambem o quanto lhe é desfavoravel o publico, o nosso publico, sabio ou não, letrado ou ignorante. Faltam-lhe nomes, grandes nomes, desses que enchem o céo e a terra, vibram no ether imponderavel, infelizmente não chegando a todos os cantos do Brazil; faltam-lhe desenhos, photogravuras, retumbantes paginas a côres com *chapadas* de vermelho—materia tão do gosto da intelligencia economica do leitor habitual; e, sobretudo, o que lhe ha de faltar, será um director capaz, ultra-capaz, maneiroso, dispondo da sympathia do jornal todo poderoso, e sabio nas sete sciencias da rua Benjamin Constant e em todas as artes estheticas e technicas.

Desgraçadamente, não tenho essa sabedoria excepcional que super-abunda por ahi; e, se alguma cousa justifica a minha directoria, não é com certeza o meu saber.

No nucleo que fundou e pretende manter esta publicação; não sou eu quem mais sabe isto ou aquillo; antes, um sou que menos sabe.

Não foi esse o motivo; talvez fosse por ser eu o mais apparentemente activo e, para empregar uma

palavra da moda, o mais ostensivamente lutador, que os meus companheiros me deram tão honrosa incumbencia.

Não que eu o seja de facto. Examinando-me melhor, creio que ha em mim um inquieto, a quem a mocidade dá longiquas parecências de activo e de combatente; e quiçá taes semelhanças tivessem enganado os meus amigos e companheiros, elevando-me á direcção desta pequena revista.

O seu engano não foi total, penso eu; na epocha de vida que atravesso, o inquieto póde bem vir a ser o lutador e o combatente, taes sejam as circumstancias que o solicitem. Eu as desejo favoráveis a essa util mutação de energia, para poder levar adiante este tentamen de escapar ás injunções dos mandarinatos literarios, aos esconjuros dos preconceitos, ao formulario das regras de toda a sorte, que nos comprimem de modo tão insolito no momento actual.

Não se trata de uma revista de escola, de uma publicação de *clan* ou malóca literaria. Quando, como nos annos que correm, a critica sacóde e procura abalar sciencias duas e mais vezes miliares, como a geometria, e os dogmas mais arraigados, como o da indestructibilidade da materia, seria paradoxalmente exotico que nós nos apresentassemos unidos por certos theoremas de arte, com séguras theorias de estylo, e marcando um determinado material para a nossa inspiração.

Não se destina, pois, a *Floreal* a trazer a publico obras que revelem uma esthetica novissima e apurada; ella não traz senão nomes dispostos a dizer abnegadamente as suas opiniões sobre tudo o que interessar a nossa sociedade, guardando as conveniencias de quem quer ser respeitado.

E' um revista individualista, em que cada um poderá, pelas suas paginas, com a responsabilidade

de sua assignatura, manifestar as suas preferencias, communicar as suas intuições, dizer os seus julgamentos, quaesquer que sejam.

Não estão (é preciso dizer) no seu programma as estupidas hostilidades preconcebidas. No julgamento do pensamento que nos precedeu, levaremos em conta as difficuldades que o nosso tem encontrado para se exteriorisar e tomar corpo, e tambem que o antigo se encandeia no novo; o novo no novissimo, e que, quando mesmo isso não se dê, ambos pódem coexistir, por mais antagonicos que sejam, sem que um diminua a grandeza do outro. E' licção da Natureza. Os monstruosos *Hipparions* do mioceno lentamente evolveram até á esbelteza do *pur-sang* contemporaneo; ao lado delles, porém, pela superficie da Terra, quasi sem modificações, os mastodontes terciarios ficaram nos nossos elephantes actuaes.

Mas, comquanto as nossas divergencias sejam grandes, ha entre nós uma razão de completo contacto: é a nossa incapacidade de tentar os meios de publicidade habituaes e o nosso dever de nos publicar.

Este caminho se nos impunhá, pois nenhum de nós teve a rara felicidade de nascer de pae livreiro, e pouca gente sabe que, não sendo assim, só ha um meio de se chegar ao editor—é o jornal. Pouca gente sabe tambem que o nosso jornal actual é a cousa mais inintelligente que se possa imaginar. E' alguma cousa como um cinematographo, menos que isso, qualquer cousa semelhante a uma *féerie*, a uma especie de magica, com encantamentos, alçapões e fogos de bengala, destinada a alcançar, a tocar, a emover o maior numero possivel de pessoas, donde tudo o que fôr insufficiente para esse fim deve ser varrido completamente.

Cada um de nós está certo de que seria perfeitamente incapaz de levar emoções aos habitan-

tes respeitaveis de Paracutú ou de attrahir leitores da rua Presidente Barroso ou Marquez de Abrantes; mas, estamos certos tambem que essa média entre a sensibilidade obstruida de afastados compatriotas, o semi-analphabetismo de uns e a futilidade de outros, actualmente representada pelo jornal diario, não tem direito a distribuir celebridade e a estabelecer uma escala de meritos intellectuaes.

Demais, para se chegar a elles, são exigidas tão vis curvaturas, tantas iniciações humilhantes, que, ao se attingir ás suas columnas, somos outros, perdemos a pouca novidade que traziamos, para nos fazermos iguaes a todo o mundo. Nós não queremos isso. Burros ou intelligentes, geniaes ou mediocres, só nos convenceremos de que somos uma ou outra cousa, indo ao fim de nós mesmos, dizendo o que temos a dizer com a mais ampla liberdade de fazel-o.

Temos grandes duvidas, insisto, mas não tantas que façamos residir toda a grandeza da litteratura, todo o seu alcance e destino superiores, em rutilantes chronicas duvidosamente impressionistas ou no desenvolvimento em conto das anedoctas da folhinha Laemmert.

Taes cousas pódem ser justas, como descanso de obra maior ou como meio de vida, mas não dando nunca direito aos pontificados literarios que hoje, devido ao *tam-tam* dos jornaes, dão aos que usam e abusam dellas.

E de tal forma sentimos que o publico (tão habituado anda elle aos processos jornalisticos!) nos era inacessivel se não lhe dessemos aqui alguma cousa do jornal, que fomos buscar numa revista estrangeira um modelo que participasse das duas cousas. Assim é que, nesta, uma parte será toda consagrada á materia habitual das revistas e a outra, dividida em secções, será como que um jor-

nal de quinze em quinze dias, onde serão examinados, tratados, explanados, segundo as nossas forças e aptidões, os acontecimentos de toda a ordem que se houverem passado no nosso meio.

Se o favor publico nos ajudar, o que não esperamos, ampliaremos uma e outra parte, buscando capacidades maiores que as nossas, outros talentos mais fortes, mas sempre evitando trazel-os dentre essas grandes celebridades, jovens ou anciãs, que tudo absorvem, que tudo empolgam, procurando-os nos pensamentos novos que não andem á cata de empregos proveitosos.

LIMA BARRETO.



DIALOGO

PAMPHILIO

Acredita, Philetas, que a theoria oriental ligeiramente adaptada, resolveria de modo completo o problema feminino. A vida em casa, em companhia das creadas—são tantas as mulheres que vivem assim—, e dos filhos, se os tivessem.

PHILETAS

Isto é simplesmente horrivel. E tu o affirmas, serio, sem um sorriso, hoje, quando os harens entreabrem aos poucos as suas portas, e desvendam aos nossos olhos o seu antigo mysterio; hoje, quando os turcos, passam, por assim dizer, o Bosphoro pela segunda vez, e deixam-se seduzir pelo contagio libertador da velha Europa! Deliras, meu pobre amigo.

PAMPHILIO

Deliro, talvez. Mas não percebeste ainda que a liberdade da mulher traz como consequencia fatal

o seu desamor, e finalmente a sua incompreensão? Vê o exemplo dos Estados Unidos. Não te parece que se está creando lá um novo ser humano, exquisito, anormal, cuja posse sexual constituirá em breve uma nova aberração?

PHILETAS

Ha nisto um quê de sadismo que não me desagradava de todo. Somos levados pela corrente, e asseguras-me que descobriremos terras que os nossos passos ainda não violaram? Que maior certeza e volupia poderíamos desejar?

PAMPHILIO

E' uma previsão equivocada, que não me pode seduzir. A identidade absoluta, Philetas! Como se poderão completar dois seres eguaes? Desejas o advento do Terceiro Sexo; francamente, os dois que hoje existem já bastam para desgraça e miseria commum.

PHILETAS

Vejo nas tuas palavras, o medo instinctivo de uma nova moral sexual. Novas complicações amorosas! Que incomparavel prophesia acabas de lançar ao mundo!

PAMPHILIO

As antigas são sufficientes por muito tempo ainda, Philetas. E' certo que o dominio absoluto, a posse exclusiva já passaram de moda. O estúpido romantismo deu-lhes o ultimo golpe. E tu que certamente o achas detestavel, deves-lhe uma grande gratidão. Sim, o romantismo, não podendo escapar a todos os dictames do bom senso, quando incensou e transfigurou o amor, dando-lhe como terra conquistada o Mundo inteiro, não exigiu, o mais das vezes, que elle fosse eterno. Sabia que o

fogo abrazador arde depressa e cedo se extingue. E esta simples imagem impondo se com toda a força de uma coisa commum, banal, irreductivel, bastou para que elle não fosse levado a exagerar a sua força avassaladora.

PHILETAS

Ouço-me falar nas tuas palavras, Pamphilio, mas has de permittir que eu, embora reconheça, neste ponto, o valor do romantismo, prefira-lhe a noção secca, exacta, estrictamente real de um Chamfort, ou melhor, daquelle adoravel fim do seculo XVIII. Citar-te-ia tambem de bom grado Stendhal, com a sua grande experiencia *italiana*, mas as lamentaveis aventuras da sua vida sentimental estragaram-m'o para sempre. Induziram-n'o a considerar como bem supremo, e supremo ideal, aquelle Amor-Paixão, que elle proprio, sem que o percebesse, com a sua theoria tão transcendentalmente ironica da *crystallisação*, amesquinha e deprime. O Amor-Paixão! Vá, mas que não seja demorado em excesso. Urge restituir ao amor aquelle aspecto de cousa ephemera e instavel, que lhe tentaram tirar, e a todas as creações humanas, neste nosso tempo mystico; e que se torne na vida uma parada rapida e nada mais. Violenta? sim. Ha de ser violenta.

PAMPHILIO

Mas conseguirás acaso, que o ciume, que deveria ser neste caso um sentimento concomittante á paixão, não sobrenade e perdure, quando esta já for levada por agua abaixo?

PHILETAS

O cão caçado de roer um osso, enterra-o, querido Pamphilio. E' o que todos os amantes fariam se podessem, de uma velha paixão. A's-vezes,

quando bem enterrado, chega-se um outro cão, e guiado pelo faro, revolve a terra e atira-se ao destroço enterrado. Mas a este tempo, o primeiro cão quasi sempre já se foi, e que lhe pode importar o que elle não vê nem quer ver? O ephemero, o eterno ephemero!

PAMPHILIO

E os crimes por amor? Não reconhecetes nelles uma revolta consciante contra o amor ephemero? Que faz o homem quando mata a mulher amada, que lhe foge, se não puxal-a para si, viva ou morta?

PHILETAS

Uma parada rapida. Eu já tive muitas vezes a sensação da eternidade, de que vivia seculos, e isto do modo mais mais simples deste mundo: estando á espera de um bond, n'um dia quente, e ouvindo no silencio pesado, ao longe, as notas monotonas de uma escala. E' certo que durante estes dois ou tres minutos eu não pensava no bond, nem que chegaria em breve, para interromper cruelmente a minha incomparavel sensação de bem-estar. Mas iria revoltar-me contra elle? O amor é uma parada rapida, Pamphilio. Não lhe neguei a intensidade e a violencia. E é tão exclusivista, como aliás toda paixão emquanto domina o homem, que este ás vezes, para mantel-a no seu estado de pressão, quando a sente arrefecer na mulher, recorre á solução facil e grotesca do assassinato. Jogo estúpido de creança que arrebenta a boneca com que não soube brincar! Não lhe posso dar outro nome.

PAMPHILIO

E o marido que mata?

PHILETAS

São crimes conjugaes, Pamphilio, o que é bem differente. O dever! E este mesmo, aos poucos

perde a sua força. Ha tantas escapatorias que se lhe substituem: a separação, o divorcio, a indiferença do publico. Confessemos que o crime por amor está se tornando aos poucos uma coisa sem sentido.

PAMPHILIO

Mas que farás então do atavismo, da volta subita e tragica aos costumes naturaes, logo fe-rozes?

PHILETAS

Meu caro Pamphilio, acredita que entre os selvagens os crimes por amor ainda são mais raros que entre a gente civilisada. Se não me repugnasse folhear tanto livro illegivel, seria facil a demonstra-ção. Mas lê o «Brasil e a Oceania», de Gonçalves Dias,— como se tivesses deante de ti uma tribu tapuya!— e verás como entre elles se repartiam naturalmente as mulheres. Os velhos abdicavam, e aos rapazes offerciam-se as indias velhas, sendo aliás de lastimar que entre nós se tenha perdido (em parte) este delicioso costume. Consola-te, pois, Pamphilio, e consente que este crime, não direi barbaro, mas social, desapareça por fim da terra. Já terás por certo notado que elle tinha um ar de *coisa escripta*, que lhe tirava qualquer alcance ju-ridico, policial, e mais propriamente penal. Deixa-o pois morrer em paz, como a epopéa, a tragedia classica, e o dramalhão romântico, e não te oppo-nhas a que o homem lance mão de outros meios, mais logicos e mais simples, para affirmar o seu amor

ANTONIO NORONHA SANTOS.

Dia de Amor

III (*)

Ao passar o portão, Vera perdeu a voz, a cor e os passos. Pedro tomou-lhe as mãos e veio guiando-a até a sala de visitas. Fel-a sentar-se.

— Que tens?

Acarinhou-lhe a fronte; mirou encantado a sua pallidez que tornava o rosto da mesma cor dos cabellos louros.

Sentados, cercados de um silencio emocional e esthetico, sentiam-se embaraçados n'uma teia de anciedades e n'um enredo de ideias entusiastas e sensuaes, confusas e febrís.

— Que tens?

Vera agarrou-lhe as mãos:

— Dize-me, Pedro, fala-me tudo quanto calaste em tua historia de amor. Fala-me! Eu não te comprehendia..

Elle sorriu da exaltação e não respondeu. Enlaçou-a pelos hombros, apertou-lhe o busto, os seios de encontro ao peito arfante. Era o exordio da posse: a carne desvairou-o.

Mudo, electrisado, em ancias de delirio, insano de ardente força nervosa, ergueu-a d'alli e arrastou-a ao quarto que nadava na luz cantante da manhã.

— Pedro! Pedro! Espera!.

(*) — Os dois primeiros capitulos deste conto foram publicados em duas edições domingueiras do *Correio da Manhã* que não continuou a publicação por tel-o julgado immoral. Sobre Moral, a redacção do poderoso jornal diario tem maiores certezas que o Sr. Poincaré sobre geometria. E' um facto notavel que registramos para servir aos que entre nós se dediquem ao estudo experimental da intelligencia.

Elle abriu os braços; Vera cambaleou desamparada, no meio do quarto, rindo, como uma animalzinha.

Rápida desembaraçou-se das roupas, quasi sem dar a Pedro tempo de fixar as fórmulas puras do seu corpo flexuoso e branco.

Núa, avançou para elle, risonha do antegoso, voluptuosa do sonhado paroxysmo.

E as horas foram. Na luz do quarto voavam perfumes; parecia que eram pollens em dispersão, rescendendo e fecundando a flor radiosa do ar para um brilho maior e uma luxúria infinita.

O Sol tocou o zenith. No collegio vizinho a meninada debandou em algazarra pelo gramado, em recreio do meio-dia.

O rapazio gritava e saltava fazendo alarido, e esse clamor feliz, de gargantas espontaneas e indisciplinadas, chegava-lhes aos ouvidos como um hymno de graça.

— Escuta: são as crianças, filhos do amor alheio, que cantam o nosso amor.

Vera sorriu voluptuosa e extenuada, a bocca crivada de beijos, a face enrubecida de carinhos, os olhos pisados de espasmos.

Pedro erguera-se sobre os cotovellos, fatigado, sem ar. Vera saltou do leito, nervosa, a concertar as tranças do cabello em desordem. Elle a reteve em posição, mirando-lhe esthesiado e contente as linhas amplas e esculpturaes das espaldas, da cintura, das ancas.

— Achas que estou magra?

— Não. Tens a sobriedade carnal das mulheres nervosas e sensuaes.

Vera voltou-se, fazendo estremecerem os peitos, acarinhou o corpo de Pedro, gozando o tacto da macieza e da elasticidade de sua musculatura. Disse:

— Falta-nos carne, a malsinada e victoriosa carne que a estulticie christã não póde e não sabe admirar!

— Mas nós somos sadios e resistentes;— respondeu Pedro,— o nosso amor de agora é uma prova plenaria.

Afastaram-se do leito, rodaram pelo quarto, mudos, lentos, felizes. Pedro fechou a janella que enfrentava o corredor, interceptando assim a corrente de ar.

— Vem!

Passaram, insensíveis á temperatura, até o quarto de vestir onde, unidos, posaram defronte do grande espelho do *psyché*.

— *Amor e Psyché!*— disse Vera a sorrir.

Eram formosos assim nós, enlaçados, como um marmore vivo, classicos e pagãos, alvos e louiros, viçosos, sensuaes e jovens.

— Quem de nós é o mais bello? — perguntou Vera.

— Os dois. Ou antes, aquelle que de nós for o mais amoroso, porque, como a Força e a Fórma, o Amor e a Belleza estão conjugados para sempre.

— Oh! então o mais bello sou eu! — exclamou Vera radiante.

O espelho reproduzia, como que feliz, essa scena mythologica.

— Si o aço conservasse a nossa imagem! — disse Pedro.

Vera sorriu:

— Este espelho não! que já deve ter guardado a ti e á tua mulher.

— Oh! — disse elle malicioso — a minha mulher é como o teu marido!

— Psit! — fez ella corando.

Vieram a sala de jantar onde, nós e arcadia-nos, fizeram uma ligeira refeição. Depois sentaram-se a um sofá que Pedro acolchoou com um

lençol. Era junto á janella que olhava o nascente. Pedro cerrou as venezianas contra o vento:

— Tens frio? — perguntou.

— O frio é um pretexto para os que têm horror á Belleza — respondeu Vera —. Ao Sol dos teus olhos eu estou para sempre aquecida. E não dizes que eu sou ardente? de que serve o meu fogo, si o calor da minha volupia por ti fosse incapaz de servir de tunica á minha estatua?

— Vera! Vera!

— Deixa-me falar. Ou tens tu frio?

— Eu? muito! a idéa de perdêr-te!. de que em pouco tempo deixarás esta casa vasia! faz-me tiritar!

Ella empallideceu.

— Pedro! cala-te! Nós nos amaremos para sempre!

— Como?!

Ella se enroscou nelle:

— Não sei! mas nós somos, toda a vida, mutua posse, indefectivel conjuncção! Sabes? ha um recurso: a fuga!

Pedro sentiu as carnes lhe tremerem, espasmos agitarem-lhe angustiosamente a pelle e os cabellos:

— A fuga! Mas si estamos chumbados ao logar commum! Fugir para o mundo dos cretinos e dos christãos! Os bosques de myrtho da Hellade são hoje estações de vias-ferreas! as latadas de pampanos promissores são engenhos de cultura intensiva. A fuga!. Impossivel! E, si nós ficassemos? Não amas o teu marido? eu amo a minha mulher!

— Sim, Pedro; mas é o amor da condemnação, o amor do habito imposto. O sentimento puro, de eleição, filho da nevrose poetica, o romance intellectual do gozo duplo, da loucura a dois; esse que agora nos enlaça, ha de ficar perdido para nós

e para a vibração universal, quando a noite vier, si a fuga, a fuga gloriosa não nos arrebatara por ahi — onde? a um cantinho sob o Sol e os sóes!...

Emudeceram offegantes, anciosos, como si a vida lhes fugisse agora, pendidos sobre o abysmo de uma irrespondivel interrogação. Depois Pedro passou a mão pelos olhos e sorriu :

— A fuga é a resistencia.

— Como?

— Ficaremos integros e tenazes nos nossos amores. Amarmo-nos-emos com avidez, alegria e serenidade ; sonharemos juntos, ternos e submissos como seres que se votam um ao outro mas que não se pertencem. Que importam as nossas familias? Nós nos amaremos como noivos, espiritualmente, n'um romance mental, sem a presença da carne e sem o testemunho dos sentidos.

— Cala-te! Dizes um absurdo. Eu te quero e tu me queres, tão forte e fatalmente que, si não nos pertencermos, o Sol nunca mais ha de trazer o dia. E a astucia? seremos imbecis, incapazes de enganar o mundo que nos engana? Vê: lá em casa, tu conheces, no recanto da chacara ha um carramanchão esquecido: eu vou plantar trepadeiras pela grade. Tu irás: estaremos occultos. Que havemos de fazer? O sacrificio do amor, o estrangulamento dos desejos, a recusa aos instinctos, toda essa anti-vida é o crime maior que se commette sobre a Terra. Não nos dominemos, não abafemos os gritos da carne que nasceu para florir, palpitar e viver. E' sciencia, sabedoria e romance. O romance só tem razão de ser para vingar as nossas tendencias naturaes que a cegueira social e religiosa esmaga. Nós nos amamos? possuamo-nos!

— Sim! sim! — disse Pedro radiante. Falas como um genio. O amor te faz uma vidente. E eu suppunha que fosses uma mulher. Formosa e bondosa, e nada mais pensei que eras.

— Sim? Mas tu não me falavas, não me inspiravas? Não te escutava eu inebriada?

— Todas as mulheres ouvem o que se lhes dizem, fantasia ou verdade, belleza ou sandice; ellas nos ouvem sempre, e tanto mais attentam quanto mais ridicularias se lhes dizem.

— Mas eu.

Pedro tapou-lhe a bocca com um beijo, e enlaçou-a pela cintura.

— Vem.

— Agora não. Espera.

Sorriu excitada e mandou que Pedro fumasse um cigarro.

— Queres ver como eu sei dansar?

Arrastou as cadeiras, abriu um espaço, e, cantando a *Hespanha*, dansou a valsa hespanhola.

Pedro seguia inebriado, sem perder um só, todos os movimentos das suas ancas, dos seus peitos, das suas côxas, dos braços que faziam arco e aureola em torno da cabeça radiosa, dos pés que riscavam no soalho subtís as linhas rythmicas da valsa de fogo.

— Basta! basta!

Ella parou offegante no ultimo compasso, quedou immovel em frente a elle que abriu os braços nervosos attrahindo-a, cheio de admiração pela sua elasticidade e deslumbrado pela sua nudez palpitante e offegante.

— Como tu cheiras bem!

Pedro mergulhou a cabeça entre os seus peitos e nas axillas, e perdeu o folego.

— Vem agora, — disse ella.

Forte como um homem, carregou-o nos braços, assim desmaiado de odor, esthesia e volupia, para o leito onde o amor acabou de extenuar-se em delirios da felicidade maxima.

A tarde adiantava-se; os mais bellos fulgores

do Sol projectavam longas sombras em que o quarto ia mergulhando aos poucos.

Tornaram á sala de jantar onde acabaram todos os fructos. Depois retugiaram-se na sala de visitas onde ella ficou ao piano a executar o seu repertorio lyrico e traductor da sua ancia excelsa de harmonia.

Silencioso o piano, elles tinham os olhos rasos de pranto. O entardecer invadia tudo em um crepusculo soberbo.

— E' hora de me vestir! — disse Vera beijando-o nos olhos.

Pedro estremeceu :

— Não! Dorme commigo.

Ella abanou lentamente a cabeça em ar de impotencia e de angustia. Pedro, tocado d'essa indefinivel melancolia, suspirou e reagiu :

— Sê forte! riamos e cantemos. Pois si somos felizes e gloriosos de uma alegria archi-pura...

Vera pendurou-se-lhe ao pescoço a sorrir :

— Estou contente de ti! contente de viver! Amo-te, e tu és bello e és bom!

— A vida é bôa! — exclamou elle exaltado —. E tu és formosa e bondosa e genial! A immortal esperanza aqui está nos nossos corpos nús. A carne sã é virtuosa; o amor pleno é eterno! Rir, cantar e amar; trabalhar e pensar; ver a belleza da fórma, o brilho do ar, a musica, o perfume, a vibração vital e sensual da carne. eis a vida como a recompensa de um certo estado da materia e de um certo movimento da força, que vemos ser mutavel e perenne em toda a immensidade! Tu me amas? Bem! que importa o crepusculo traga a noite que nos vaé separar até quando?! Acabamos o dia mais admiravel da nossa historia e romance, sem pena e sem loucura; conhecemos o amor, a nudez, a belleza. a nossa vida tocou o

vertice a que aspiram todas as ancias universaes. Que mais?

— A morte! — disse ella serenissima.

— Mas a morte.

— o que é? a morte não existe; é um preconceito anti-philosophico que o amor fecundo desmente a toda hora. Para nós é uma revivescencia. sairíamos da vida pela porta triumphal do amor, como entramos na vida entre as palmas victoriosas do amor. Si buscarmos a morte por instincto, morreremos tão bem como as flores que se desfolham na haste e as aves que caem fulminadas na borrasca. O amor é a brisa que leva os pollens: leva-nos ella a nós tambem, para onde? Para a Vida!

Risonha, juvenil como uma graça mythologica, Vera tomou a mão de Pedro e veio trazendo-o como um cego até o quarto onde começou a vestir-se.

O crepusculo era então maravilhoso: ao longe, além do quadro da janella, montando nos telhados, derramando-se pelas cristas da montanha, arroxendo as arvores, uma morna e panoramica claridade ia fenecendo como um suspiro do dia, sem echo, merencoreo e resignado.

Vestida ella agora como uma senhora da moda, Pedro olhava-a surdamente feroz de não ver mais a mulher sob o peso odioso, hypocrita e imbecil do vestuario usual.

— E' o frio! a escuridão! — disse ella dolorosa.

— Por que vieste? por que foi que nos amamos? — interrogou elle alienado. — Partes? E acreditas que eu possa ficar sosinho n'esta casa, nu e abandonado, inteiramente só, a sentir-te amada e feliz em cada canto onde passaste nua?

A palavra lhe faltou: a sua angustia era aniquiladora. Ella soffria assim tambem:

— Queres que eu fique?

— Oh! fica!

Vera começou a despir-se. Pedro agarrou-lhe os braços:

— Não! Vae-te. E' preciso que vás. Nós não temos perdão para um acto de fraqueza. Separemo-nos. Quem ama como nós, tem todas as energias. O amor que nos engrandece, que foi a revelação da nossa belleza e fortuna, deve prender-nos á vida e esclarecer-nos a razão. Vae, Vera! vae...

Vestiu-se tambem. Eram seis horas da tarde. Sairam lentamente pelo jardim; attingiram a rua; seguiram em demanda do bonde em que embarcaram conversando calmamente sobre um assumpto interessante, tão dignos e tão cordiaes como antes d'esse immorredouro dia de amor, d'antes, sob a copa amiga das mangueiras centenarias da casita de Vera, onde chegaram já quasi ás oito horas da noite.

— Adeus, Pedro.

— Adeus, Vera.

21— VIII—906.

DOMINGOS RIBEIRO FILHO.



RECORDAÇÕES DO ESCRIVÃO ISAIAS CAMINHA

Eu me lembrei de escrever estas recordações, ha dous annos, quando, um dia, por acaso, agarrei um fasciculo de uma revista nacional, esquecida sobre o sofá de minha sala humilde, pelo promotor publico da comarca.

Nella, um dos seus collaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoraveis á natureza da intelligencia das pessôas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos productos, quando os havia, ou, em regra geral, pela ausencia delles.

Li-o a primeira vez com odio, tive desejos de rasgar as paginas e escrever algumas verrinas contra o autor. Considerei melhor e vi que verrinas nada adiantam, não destróem; se, acaso, conseguem afugentar, magoar o adversario, os argumentos deste ficam vivos, de pé. O melhor, pensei eu, seria oppor argumentos a argumentos, pois se uns não destruíssem os outros, ficariam ambos face a face, á mão de adeptos de um e do outro partido.

Com essa reflexão, que me animo a chamar de bom conselho e excellente intelligencia, vieram-me recordações de minha vida, de toda ella, do meu nascimento, infancia, puericia e mocidade. Mentalmente comparei os meus extraordinarios inicios nos mysterios das letras e das sciencias e os prognosticos dos meus professores de então com este meu triste e bastardo fim de escrivão de collectoria de uma localidade esquecida.

Por instantes, dei razão ao autor do escripto. Cheio de melancolia, daquella melancolia nativa que me ensombra nas horas de alegria e mais me deprime nas de desalento, accendi nervosamente um cigarro, fui á janella, olhei um momento o rio a correr e me puz a analysar detidamente os factos do meu passado que me acabavam de passar pelos olhos.

Verifiquei que, até o curso secundario, as minhas manifestações quaesquer, de intelligencia e trabalho, de desejos e ambições, tinham sido recebidas, senão com applauso ou approvação, ao menos como cousa justa e do meu direito; e que, dahi por

diante, dêz que me dispuz a tomar na vida o logar que parecia ser do meu dever occupar, não sei que hostilidade encontrei, não sei que estúpida má vontade me veio ao encontro, que me fui abattendo, decaindo de mim mesmo, sentindo fugir-me toda aquella sômma de idéas e crenças que me alentaram na minha adolescencia e puericia.

Cri-me fóra de minha sociedade, fóra do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma cousa e em troca me dava tambem alguma cousa. Não sei bem o que cri; mas achei tão cerrado o cipoal, tão intrincada a trama contra a qual me fui bater, que a representação da minha personalidade, na minha consciencia, se fez outra, ou antes, esphacelou-se a que eu tinha construido, e fiquei como um grande paquete moderno, cujos tubos da caldeira se houvessem rompido e deixado fugir o vapor que movia suas machinas.

E foram tantos os casos dos quaes essa minha conclusão resaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem periphrases, para, de algum modo, mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirara, era apressada, pois, não *estava em nós*, na nossa carne e nosso sangue, mas *fóra de nós*, na sociedade que nos cercava, as causas de tão feios fins de tão bellos começos.

Com isso, não foi minha tenção fazer obra d'arte, romance, embora aquelle Taine que, certa vez, o Dr. Graciliano, o promotor publico, deu-me a ler, dissesse que a obra d'arte tem por fim dizer aquillo que os simples factos não dizem.

Não é meu proposito tambem fazer uma obra de odio, de revolta emfim; mas uma defesa a accusações deduzidas superficialmente de apparencias, cuja essencia explicadora, as mais das vezes, está na sociedade e não no individuo desprovido de tudo, de familia, de affectos, de sympathias, de fortuna;

isolado contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insidia do veneno.

Perdoem-me os leitores a pobreza da minha narração. Não sou propriamente um literato, não me inscrevi nos registros da livraria Garnier, do Rio, nunca vesti casaca e os grandes jornaes da Capital ainda não me acclamaram como tal—o que de sobra, me parece, são motivos bastante serios, para desculparem a minha falta de estylo e capacidade literaria.

Cachamby, Espirito Santo, 12 de Julho de 1905.

ISAIAS CAMINHA,

Escrivão da Collectoria.

I

*Mon cœur profond ressemble à ces voûtes d'église
Où le moindre bruit s'enfle en une immense voix.*

(Guyau. Vers d'un philosophe.)

A tristeza, a compressão e a desigualdade de nivel mental do meu meio familiar, agiram sobre mim de um modo curioso: deram-me anceios de intelligencia. Meu pae, que era fortemente intelligente e illustrado, em começo, na minha primeira infancia, estimulou-me pela obscuridade de suas exhortações. Eu ainda não tinha entrado para o collegio primario, quando uma vez me disse: — Você sabe que nasceu quando Napoleão ganhou a batalha de Marengo? Arregalei os olhos e perguntei: — Quem era Napoleão? — Um grande homem, um grande general... E não disse mais nada. Encostou-se á cadeira e continuou a ler o livro. Afas-

tei-me sem entrar na significação de suas palavras; comtudo, a entonação de sua voz, o seu gesto e olhar ficaram-me eternamente. Um grande homem! . .

O espectáculo do saber de meu pae, realçado pela ignorancia de minha mãe e de outros parentes della, aos meus olhos de criança, surgiu como um deslumbramento.

Pareceu-me então que aquella sua faculdade de explicar tudo, aquelle seu desembaraço de linguagem, a sua capacidade de ler linguas diversas e comprehendel-as, constituíam, não só uma razão de ser de felicidade, de abundancia e riqueza, mas também um titulo para o superior respeito dos homens e para a superior consideração de toda a gente.

Sabendo, ficavamos de alguma maneira sagrados, deificados. Se minha mãe me apparecia triste e humilde — pensava eu naquelle tempo — era porque não sabia, como meu pae, dizer os nomes das estrellas do céu e explicar a natureza da chuva.

Foi com estes sentimentos que entrei para o curso primario. Puz-me aødado no estudo. Brilhei, e com o tempo foram-se desdobrando as minhas primitivas noções sobre o saber. Accentuaram-se-me tendencias; puz-me a collimar glorias extraordinarias, sem lhes avaliar ao certo a significação e a utilidade. Houve na minha alma um tumulto de desejos, de aspirações indefinidas. Para mim, era como se o mundo me estivesse esperando para continuar a evoluir.

Eu ouvia uma tentadora sybilla fallar-me, a toda hora e a todo instante, na minha gloria futura. Agia desordenadamente e sentia a incoherencia dos meus actos, mas esperava que o preenchimento final do meu destino me explicasse cabalmente. Veio-me a *pose*, a necessidade de ser diffe-

rente. Relaxei-me no vestuario e era preciso que minha mãe me reprehendesse para que eu fosse mais zeloso. Fugia aos brinquedos, evitava os grandes grupos, punha-me só com um: ou dois, á parte, no recreio do collegio; lá vinha um dia, porém, que brincava doidamente, apaixonadamente. Causava com isso espanto aos camaradas: Oh! O Isaias brincando! Vae chover

A minha energia no estudo não diminuiu com os annos, como era de esperar; cresceu sempre progressivamente. A professora admirou-me e começou a sympathisar commigo: De si para si (suspeito eu hoje), ella imaginou que lhe passava pelas mãos um genio. Correspondi-lhe a affeição com tanta força d'alma, que tive ciumes della, de seus olhos azues e de seus cabellos castanhos, quando se casou. Tinha eu então dous annos de escola e doze de idade. Dahi a um anno, sahi do collegio, dando-me ella, como recordação, um exemplar do *Poder da Vontade*, luxuosamente encadernado, com uma dedicatoria affectuosa e lisongeira. Foi meu livro de cabeceira. Li-o sempre com mão diurna e nocturna, durante o meu curso secundario, de cujos professores, hoje, poucas recordações importantes tenho. Eram banaes! Nenhum delles tinha os olhos azues de D. Esther, tão meigos e transcendentaes que pareciam ler o meu destino, beijando as paginas em que estava escripto! . .

Quando acabei o curso do Lyceo, tinha uma bôa reputação de estudante, quatro approvações plenas, uma distincção e muitas sabbatinas optimas. Demorei-me na minha cidade natal ainda dois annos, dois annos que passei fóra de mim, excitado pelas notas optimas e pelos prognosticos da minha professora, a quem sempre visitava e ouvia. Toda a manhã, ao acordar-me, ainda com o espirito acariciado pelos nevoentos sonhos de bom

agouro, a sybilla dizia-me ao ouvido: Vae, Isaias! Vae!. Isto aqui não te basta. Vae para o Rio! Então, durante horas, através das minhas occupa-ções quotidianas, punha-me a medir as difficuldades, a considerar que o Rio era uma cidade grande, cheia de riqueza, abarrotada de egoismo, onde eu não tinha conhecimentos, relações, protectores que me pudessem valer. Que faria lá, só, a contar com as minhas proprias forças? Nada. Havia de ser como uma palha no redomoinho da vida — levado d'aqui, tocado para alli, afinal engulido no sorvedouro... ladrão. bebedo.. tysico e quem sabe mais? Hesitava. De manhã, a resolução me tomava quasi inabalavel, mas, pela tarde, acobardava-me diante dos perigos que antevia. Um dia, porém, li no «Diario de ***» que o Felicio, meu antigo condiscipulo, formara-se em pharmacia, tendo recebido por isso uma estrondosa, dizia o Diario, manifestação dos seus collegas. Ora o Felicio! pensei de mim para mim. O Felicio! Tão burro! Tinha victorias no Rio! Porque não as havia eu ter tambem — eu que lhe ensinara, na aula de portuguez, de uma vez para sempre, a differença entre o adjunto attributivo e o adverbial? Porque!?

Li essa noticia na sexta-feira. Durante o sabbado, tudo enfilerei no meu espirito, as vantagens e as desvantagens de uma partida. Hoje, já não me recordo bem das phases dessa batalha; porém, uma circumstancia me occorre das que me demoveram a partir. Na tarde de sabbado, sahi pela estrada em fora. Fazia máo tempo. Uma chuva intermittente cahia desde dous dias. Sahi sem destino, a esmo, melancolicamente aproveitando a estiada.

Passava por um largo descampado e olhei o céo. Pardas nuvens cinzentas galopavam, e, ao longe, uma pequena mancha mais escura parecia

correr engastada nellas. A mancha approximava-se e, pouco a pouco, vi-a subdividir-se, multiplicar-se; porfim, um bando de patos negros passou por sobre minha cabeça, bifurcado em dois ramos, divergentes de um pato que voava na frente, a formar um V. Era a inicial de *Vae*. Tomei isso como signal animador, como bom augurio do meu proposito audacioso. No domingo, de manhã, disse de um só jacto á minha mãe:

— Amanhã, mamãe, vou para o Rio.

Minha mãe nada respondeu, limitou-se a olhar-me enigmaticamente, sem approvação nem reprovação; mas, minha tia, que costurava em uma ponta da mesa, ergueu um tanto a cabeça, descançou a custura no collo e fallou persuasiva:

— Veja lá o que vai fazer, rapaz? Acho que você deve aconselhar-se com o Valentim!

— Ora qual! fiz eu com enfado. Para que Valentim? Não sou eu um rapaz illustrado? Não tenho todo o curso de preparatorios? Para que conselhos?

— Mas olhe, Isaias! você é muito criança. Não tem pratica. O Valentim conhece mais a vida do que você. Tanto mais que já esteve no Rio ..

Minha tia, irmã mais velha de minha mãe, não tinha acabado de dizer a ultima palavra, quando o Valentim entrou envolvido num comprido capote de baeta.

Descançou alguns pacotes de jornaes manchados de sellos e carimbos; tirou o bonet com o emblema do Correio e pediu café.

— Você veio a proposito, Valentim. Isaias quer ir para o Rio e eu acabo de lhe recommendar que se aconselhasse com você.

(*Continúa*)

Ossos

Hoje, ao relêr as paginas sombrias
Das duvidas de outr'ora,
E' ao vêr como importuna tu sorrias,
Em lugar de sorrir, minh'alma chora.

Chora, porque lembrar passadas cousas
E' procurar motivo
Para desenterrar de sob as lousas
O que, suppondo morto, está bem vivo.

E que funda impressão tem quem exhuma
Uma sombra gelada!
Parece que atravez de tenue bruma
Palpita e vive a creatura amada.

E' o mesmo corpo, o mesmo penetrante
Olhar que se dilata,
E que vive e que morre num instante,
E ao mesmo tempo vivifica e mata.

A retina parece que condensa
A visão derradeira
De quem, ungido da suprema crença,
Vai habitar a terra hospitaleira.

E depois de passados longos annos
De cruciante tortura,
Materialisa com signaes humanos
O esqueleto que jaz na sepultura.

Revista da quinzena

PRETEXTOS

A CARAVANA — De quando em quando, os nossos literatos mais famosos, por suas obras ou pela posição que occupam na politica e na administração, resolvem reunir-se e formar uma sociedade, um club, que dê banquetes congratulatorios e convoque sessões ruidosas, não esquecendo, ás vezes, de declarar que o club ou a sociedade tem por fim tambem animar as letras e as artes e propugnar pela disseminação do gosto artistico.

Convidam este e aquelle, procuram os varios chefes dos bandos litterarios, alliciam alguns Atticos suspeitos de usura na gerencia dos jornaes e dous ou tres Mecenas cheios de duvidas na doutrina das letras dobradas, e dão um nome á aggre-miação.

Como não possam deixar de ser grandes literatos os nossos grandes jornalistas, são estes tambem convidados e os poderosos jornaes, *ipso facto*, falam na associação, por intermedio de noticias em que lindos adjectivos cascadeam e rutilam, redigidas a rigor pelos supplentes dos mais celebres mestres, pois sempre os ha nas redacções importantes.

Por dous ou tres mezes, o club prende a attenção do publico.

Desde a velha literatura dos conselheiros imperiaes que isso se observa.

Em 1883 ou 1884, se não me falham a memoria e o pouco conhecimento que tenho dessas cousas, sob o augusto patronato de S. M., o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil, e com a assistencia de diplomatas das nações amigas e outras pessoas

importantes, nesta cidade, fundou-se a Associação Protectora dos Homens de Letras do Brazil. O nome não lhe ia mal. O Conselheiro João Manoel Pereira da Silva pronunciou o discurso inaugural, uma peça solida de saber e erudição; o Sr. Quesada respondeu; e depois. e depois? Nunca mais se ouviu falar na associação nascida debaixo de tão bellos auspícios.

Tinha por fim, acho eu, animar a profissão das letras, publicar obras, etc. Vindo a Republica, a Democracia portanto, em 1897, se de todo não estou esquecido, funda-se uma outra sociedade de literatos, pintores, musicos, etc., sob o nome de Centro Artistico. Como estavamos no regimen da Fraternidade, já a sociedade tinha um fim mais amplo; queria, tencionava concorrer para a educação do publico em materia de arte.

A inauguração foi modesta, á vista da estréa da antecessora; houve, no entanto, um banquete, cujo *menu*, em francez de Rabelais, dava de alguma sorte como patronos do gremio os heróes do romance do sabio cura de Chinon.

Propunha-se o Centro, como já tive occasião de dizer, a refinar o gosto publico, a levantar a cultura artistica da população brasileíra, ou, no minimo, da carioca, além de ter outros fins intelligentes e graves. Que fez? Exposições de *bric-à-brac*, exhibições de quadros vivos e representações de peças nebulosas, obrigadas a claque e casaca, que se deviam mostrar, com lustre e brilho, nas salas elegantes do Cassino e Lyrico da Guarda Velha.

Singular maneira de melhorar o gosto publico e de levantar a cultura da massa!

Não acredito absolutamente que a arte possa ser popular, não acredito mesmo que possa interessar sinceramente, não direi já o povo, mais a um grupo social inteiro, uma casta, uma classe; e não acredito tambem que os nossos literatos amem

o povo, interessem-se pela sua sorte, achem nelle poesia, materia prima para as suas obras.

Pelo menos, não se encontram vestigios disso nos seus volumes. Coisa curiosa! Não temos uma aristocracia ou uma burguezia brilhante que se transmitta atravez das gerações—não temos; entretanto, as nossas letras, quando se voltam para a cidade, não encontram material para a sua obra senão na roda do Lyrico, nos bondes de Botafogo, nas barcas de Petropolis e nos passeios da Tijuca. E' singular! Para o resto, uns velhissimos folhetins á França Junior, palpavelmente errados no tocante á observação.

Acantonam-se num ponto só e esquecem uma das maiores funcções da literatura, que é de soldar os grupos de um paiz uns aos outros, revelando a cada um delles as successivas maneiras de pensar, de sentir, os sonhos, as aspirações particulares a cada qual, procurando, como mostra Guyau, os sentimentos e sensações communs na incoherencia de sentimentos e de sensações de cada individuo, de cada grupo, de cada classe.

Referindo-se aos individuos que não fazem parte da gente que elles adoram e exageram num romantismo curioso, os nossos literatos, só lhes vendo defeito superficiaes, degradam, amesquinham-nos, sem absolutamente descobrir nelles as grandezas que têm, as qualidades que possuem; entretanto—como são as cousas?—para as arvores do Sumaré, para a praia de Copacabana, que, positivamente, não são homens de carne e osso, quanta ternura, quanta palavra bonita!

Eu julgava que os literatos e jornalistas, que se propõem a levantar a cultura geral do povo, deviam ter, por intermedio de suas obras, revistas e jornaes, communicado aos seus leitores as idéas conductoras para que elles fizessem essa ascensão por si mesmos. Seria mais facil e seria mais dif-

ficil. Acho que negam a utilidade de sua obra, appellando para os outros meios que não ella mesma.

A *Caravana*, que se acaba de fundar, parece querer me dar razão, quando organiza um concurso de bandas de musica, cujo fim é extirpar da sensibilidade popular do soldado o gosto pelo tango e pelo maxixe. Porque não lhe mostraram, os literatos e jornalistas da “Caravana”, nos seus livros, nos seus artigos, a hediondez do “Vem cá mulata”? Se uma campanha jornalística ou litteraria era insufficiente, como serão proveitosos alguns concursos semi-officiaes?

Custa-me a comprehender que outra musica que não esta, falle á sensibilidade do nosso soldado, e digo isto sem desdem ou desgosto. Para mim, é tão razoavel e justo que o n. 125, da 3ª companhia do 10º batalhão de infantaria, se anime ao som do “Feitiço”, como o Commendador Esperidião se enthusiasme pela *Tosca* de Puccini. Fóra da sensação de cada um de nós, não ha criterio seguro para a emoção artistica; e, se é possível uma arte superior, devia ella tirar das sensações individuaes e particulares da nossa disparatada população, uma geral, feita daquellas que um genio pudesse harmonizar, proporcionar com a força unificadora de seu talento.

E’ missão de genio, emquanto não chega elle, mesmo depois de chegar, tanta razão tem o 125 como o Commendador Esperidião.

Comtudo, devido á minha educação, tenho preconceitos de arte, por isso lastimo que o Centro Artístico não tivesse tornado effectiva a sua mesianica propaganda d’Arte, para que a “Caravana”, hoje, não necessitasse estabelecer concurso para afastar das fanfarras o “Vem cá mulata”

REVISTAS E JORNAES

O cinematographo («*Mercur de France*», 1º de Setembro)
 — A cultura latina («*Jornal do Commercio*», 28 de
 Setembro).

Remy de Gourmont, n'um dos seus ultimos *Epilogos*, interessa-se pela sorte do cinematographo: «O cinematographo ameaça acaso o theatro, pelo menos esta especie de theatro que é principalmente um espectáculo para os olhos? E' provavel. A photographia cinematica vae ter o destino brilhante da photographia estatica. A primeira quasi que aniquilou a gravura; a outra substituirá quasi em toda parte o espectáculo fornecido directamente por movimentos humanos.»

Explica-nos em seguida os motivos da sua sympathia: «Gosto do cinematographo. Interessa a minha curiosidade. Com o seu auxilio, dou a volta ao mundo, e paro, á vontade, em Tokio, em Singapour. Sigo itinerarios insensatos. Vou a New-York, que não é bonito, a Suez que se lhe excede pouco em belleza, e percorro na mesma hora as florestas do Canadá e as montanhas da Escossia; subo o rio Nilo até Khartoum, e momentos depois contemplo a melancolica amplidão do oceano, do convez de um transatlantico.

.....

As scenas da vida privada, comicas ou tragicas, arrançadas para o cinematographo, interessam profundamente o publico. O seu merito primordial é a clareza. São sempre simples, de enredo elementar. O quadro em que evoluem preserva-as da banalidade absoluta; e tambem a rapida mudança de scenarios. Um conto representado por gestos e que dura dez minutos desenvolve-se em vinte sitios differentes. Si se trata de ir no encalço de alguém, e trata-se frequentemente disto, des-

enrolam-se paisagens variadas. Uma scena deste genero mostrou-me um cantinho inteiro da Hespanha. A rapidez dos movimentos augmenta a impressão de vida. E' ás vezes extraordinariamente intensa, e a gente esquece a vulgaridade da historia, por achar graça nos seus episodios.

.....

O cinematographo tem uma moral. E' intensamente moral. A casa Pathé, que fornece muitas destas pelliculas, não zomba dos bons principios. Pode-se ter certeza que a virtude será sempre recompensada, o crime castigado, que os namorados se hão de casar, como é devido, e que os maridos infieis serão cuidadosamente surrados pela esposa ultrajada. O cinematographo é popular e familiar. Em suas tendencias, deseja ser educador. Isto ha de passar, ou pelo menos, ao lado destas scenas inclinadas em demasia para a moralidade usual, hão de nos dar sem duvida outras mais elevadas. Muitos contos de Mérimée, de Maupassant dariam espectaculos gesticulados, de uma bella intensidade.

Muitos dramas de Shakespeare poderiam igualmente fornecer scenas emocionantes. Podemos aconselhar sem remorso estas transposições, porque não tocam na propria obra; respeitariam a palavra.

A palavra, eis o que o theatro não respeita. Por isso um dos encantos do cinematographo é que nelle não se fala. Os ouvidos não se irritam. Os personagens não nos communicam as suas tolices habituaes. E' um grande allivio. O theatro mudo é a distração ideal, o melhor descanso possivel: passam figuras que uma musica ligeira arrasta comsigo. Nem se tem mais o trabalho de sonhar.»

Estas considerações de R. Gourmont induzirão muita gente a olhar com menos desprezo o cine-

matographo. Quem sabe o papel que está reservado á litteratura cinematographica, si assim pode ser chamada? Devorará talvez o romance, o conto, a comedia, o drama, o poema narrativo. Um poema sem versos, que ideal, em certos casos! Mas isto são sonhos, sonhos incertos. Apreciemos, com R. de Goumont, as suas vantagens actuaes:

« Considerado sob o ponto de vista scientifico, o cinematographo é uma das mais curiosas e mesmo uma das mais bellas invenções do nosso tempo. Melhorado, tornar-se-ha um instrumento perfeito e verdadeiramente magico. Não ponho em duvida que nos dê um dia as paysagens com todas as suas côres, os matizes do céu e das florestas. Então conheceremos effectivamente a vasta terra até aos seus recantos mais inacessiveis e os costumes diversos dos homens virão se agitar deante de nós como um bando de dançarinas doces. Tiremos proveito delles. Bem tolo ou desprovido de curiosidade será quem desdenhar esses espectaculos.»

O *Jornal do Commercio* publicou na integra, a primeira conferencia de Ferrero—sobre a cultura latina. Gravemente Ferrero derrubou os altares germanistas que ha longos annos já, eram apon-tados ao nosso culto e ao nosso supersticioso respeito.

E de toda a escola do Recife, o Sr. Sousa Bandeira foi o unico a protestar (*Paiz*, 28 de Set.) contra as proposições atrevidas do historiador italiano.

A proporção, a harmonia e a *systhese*!

Eis as três grandes qualidades que Ferrero descobre no espirito latino, e cuja ausencia é notavel no espirito anglo-saxonio-germanico.

É impossivel reproduzir a demonstração de

Ferrero; mas em poucas palavras com discernimento penetrante, faz-nos vêr uma das causas predominantes na invasão da germanomania: a guerra de 70. Diz elle: «Certo é todavia, que se a 6 de Agosto de 1870, em Wörth e Spicheren—o que não era impossivel—os Francezes tivessem batido os Allemães e a guerra de 1870 tivesse tido um resultado opposto, nós não teriamos assistido áquella especie de germanomania de que foram acommetidas todas as nações da Europa, sem exceptuar, em dado momento, a Italia. Teriamos assimilado com maior discernimento tudo—e não é pouco—o que na cultura allemã é digno de ser admirado; não teriamos acreditado que em tudo que é allemão houvesse o germen antigo fructificado a uma superioridade inatingivel; não teriamos prestado a tantas cousas allemães a homenagem de uma imitação por demais servil e para nós funesta». Cola-janni já dissera alguma cousa semelhante, e a gente lembra-se dos urros cannibaes de Anthéro do Quental, ao lêr as noticias das primeiras victorias prussianas. Era o triumpho pelo canhão, e pelo morticinio, da Cultura e do Pensamento germanico, sobre a Leviandade e a Frivolidade do espirito francez.

Ferrero restabelece a verdade: «A especialisação das sciencias, por exemplo, fez crescer nos ultimos annos a influencia das universidades allemães no mundo, ao passo que diminuiu a das universidades francezas. Não se descobriram muitas cousas novas, de importancia decisiva, nas universidades allemães durante os ultimos trinta annos; se tomardes como exemplo a medicina, vereis que tudo quanto fizeram depois de 1870 os professores allemães não tem a importancia do que fizeram sós, Claude Bernard e Pasteur». E allude em seguida ao «genio synthetico e creador»; seria o caso de citar-se a rêsposta de R. Quinton a um inquerito

sobre a influencia allemã, onde elle mostra que os creadores da biologia são todos francezes: Cuvier, Lamarck, Geoffroy Saint-Hilaire, Bichat, C. Bernard, e Pasteur, que fundaram successivamente a anatomia comparada e a paleontologia, a zoologia philosophica, a embryogenia, a histologia, a physiologia e a microbiologia.

A conferencia de Ferrero foi uma bella conferencia. Emquanto nos lembrarmos della, não poderemos mais sonhar com a “Chanaan” do Sr. Graça Aranha. Mas não estará por algum tempo inacessivel «por motivo de concertos»?

ANTONIO NORONHA SANTOS.

ECHOS, &

Instantaneos — Santos Dumont — Parisiense. Mais conhecido no globo do que a Cléo de Mérode. Tem automovel, frequenta bellas mulheres, e apparece nos albums de Sem, ao lado do grão-duque Wladimir, outro legitimo parisiense, tambem. Se o quizessem collocar no ról dos grandes inventores, entre Fulton e Denis Papin, não ficaria menos espantado do que nós. Vemos daqui o seu sorriso de piedade e mófa. —Eu? diria. Se vocês continuam com esta cantiga, desmoralizam-me. Pois não viram ultimamente, um jornal illustrado, que eu venéro, pois traz a miudo innumeras reproducções dos meus innumeros balões, declarar convictamente que as ascensões delles, constituem um sport como os outros mais? Que diria Lebaudy, o meu glorioso rival, podre de rico, se soubesse que eu me gabo de ter inventado qualquer cousa? Dei-

xemos esta gloria futil aos fabricantes de sacca-rolhas inquebráveis. Direcção dos balões? Já me enfara este eterno estribilho, e resolvi entregar-me á construcção dos hydroplanos. Acertarei ou não? Isto, no fundo, que importa? Taças de ouro, meda-lhas de platina, concursos, apostas que esvasiam cofres, só isto vale, e poderei, algum dia, gabar-me, de ter levado as emoções do panno verde para os dominios ranços e castos da Sciencia.

* * *

E' preceito estabelecido em um dos nossos grandes jornaes diarios que só póde ser qualificado *eminente* nas suas columnas o Senador Lauro Sodré.

Sendo uma sabia resolução do director, a decisão é respeitada religiosamente por todos os seus auxiliares no jornal.

Por occasião de se receber aqui a noticia do fallecimento de Sully Prudhomme, ao redigir tão infausta nova, conta-se que um redactor inadvertido juntou ao nome do autor de *Stances et Poèmes* o adjectivo exclusivamente reservado áquelle senador.

Vindo a ser avisado da infracção, á ultima hora, alta noite, cheio de somno e fadiga, o redactor em questão, excepcionalmente seguro que, em tal jornal, *eminente* era só o Senador Lauro Sodré, qualificou de *denodado* poeta a Sully Prudhomme.

* * *

Os reformadores da orthographia acreditaram que pugnavam em pról de uma obra de simplificação e economia.

Não ha quem a esse respeito tenha opinião contraria. Orthografia é muito mais simples e gasta menos letras do que orthographia; entretanto, ha

um facto que desmente essa proposição, á primeira vista de tão forte evidencia.

Ao tratarmos da impressão desta Revista, o impressor avisou-nos que seria mais cara se usassemos a orthographia academica.

Com isto, não ha quem se opponha, a vantagem da economia levou um golpe profundo, e a de simplificação ficou um tanto abalada, quando nos disse tão sagaz professional que a revisão na graphia reformada exigia tres, quatro e mais provas.





Floreal

ANNO I

*
Num. 2



PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto



REDACÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 89

(1.º andar)



BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

— G. J. —

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.... ..	3\$000	— Semestre.	6\$000
Anno.....			12\$000
Avulso.....			\$500



Rio, 12 de Novembro, 1907

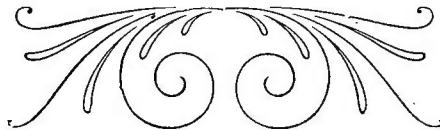


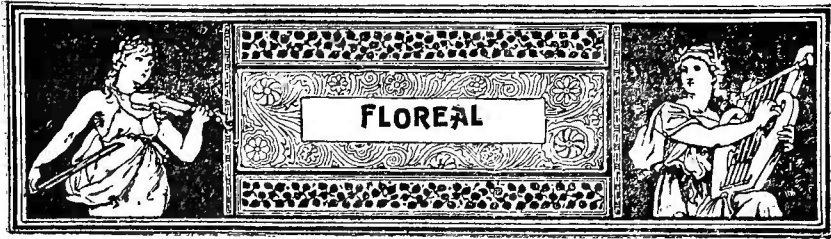
Summario :

<i>Spencerismo e Anarchia</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Face a Face</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Historia Triste</i>	Carlos de Lara.
<i>Recordações do escriptão Isaias Caminha (Continuação)</i> ..	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Pretextos</i>	A. Noronha Santo
<i>Questões actuaes</i>	Edmundo Enéas Galvão
<i>Protocollo</i>	
<i>Echos</i>	





Spencerismo

e Anarchia

UMA pedra, lançada no espaço, não seria por isso considerada um planeta ou um astro — seria, quando muito, um bolido. Mas imagine-se agora que essa pedra, que poderia não ser bem uma pedra, que poderia ser apenas um grão de areia, cresça, por grãos imperceptíveis, até se tornar, por exemplo, do tamanho do Sol. Chega um momento em que se pôde dizer d'ella, positivamente, que é um astro. O que não se pôde dizer é o momento preciso em que o grão de areia passou a ser pedra, e o momento preciso em que a pedra passou a ser astro. Assim em uma infinidade de casos. Uma despesa de 1 real, por exemplo, ou de 20 réis pôde não arruinar absolutamente um individuo. Essa despesa pôde crescer ainda, dobrar, triplicar-se, augmentar constantemente, por parcellas muito pequenas, sem que, por largo espaço, deixe de poder ser feita sem constrangimento, sem soffrimento; em dado instante, porém, percebe-se que ella seria penosa. Qual o instante preciso ou, pelo menos, com approximação de 100 réis em que isso passaria a acontecer? E' o que não existe ou o que não se pôde dizer. N'uma téla branca que tivesse recebido uma aguada de Nankin que fosse desde o negro, esbatendo-se insensivelmente, até uma zona que não houvesse recebido tinta alguma, não se

poderia dizer a linha precisa de separação das duas zonas. Em qualquer dos tres casos, porém, pôde-se delimitar uma zona dentro da qual estará necessariamente comprehendido o momento, o valor, a linha que se deseja fixar. No primeiro caso, por exemplo, podiam ser escolhidos dois instantes taes que se poderia dizer, do primeiro : « Aqui ainda é pedra » ; e do segundo : « Aqui já é um astro ». Assim nos outros casos.

Tratando-se da fixação das attribuições convenientes do Estado, essas imagens occorrem naturalmente. Suppondo estabelecida a necessidade do Estado para dois ou tres casos, o que eu supponho aqui expressamente, feito por um raciocinio semelhante ao de E. Faguet no seu *Socialisme en 1907*, suppondo mais, de uma maneira semelhante, estabelecido o erro do Socialismo, quando se trata de fixar entre esses dois extremos — a Anarchia e o Socialismo — a zona conveniente de acção do Estado, está-se diante d'um caso como os enunciados acima. Indo da Anarchia para o Socialismo não se pôde fixar o instante preciso em que a acção do Estado, demonstradamente necessaria nos dois ou tres casos suppostos, fosse passar a ser má. Aqui como lá o que se pôde fazer é fixar dois limites dentro dos quaes é preciso manter a acção do Estado.

Esses limites serão então provisórios. Com o tempo, com a aquisição de novos conhecimentos, com o progresso scientifico, naturalmente, aos poucos, defeitos e erros antes pouco perceptíveis, ir-se-ão tornando evidentes. E a acção do Estado poderá ser delimitada theoreticamente, com rigor crescente, tal e qual como nos casos acima, no caso da téla, por exemplo, o aperfeiçoamento dos processos de observação, da propria visão humana, determinariam a approximação progressiva das linhas limites.

No *Individuo contra o Estado*, estudando as consequências affastadas e proximas de actos de governo, no artigo intitulado — *A escravidão futura* — Spencer chega a formular a idéa fundamental a ter em vista na escolha d'esses limites, no exame das extensões do Estado, no julgamento das maneiras de resolver os problemas que se trata de affectar ou não á intervenção administrativa :

« A questão primordial para o homem politico deveria ser sempre : Que typo de structura social eu tendo a produzir ? »

E é esse o ponto a que eu queria chegar. Lançando mão d'esse criterio e do raciocinio feito para estabelecê-lo, poder-se-ia, se é que isso não foi feito ainda, atacar Spencer com um exito apparente. Spencer tendo dito que em toda especie de Sociedade, cada especie de structura tende a se propagar, poderia alguém raciocinar do seguinte modo :

« Se isso é verdade, se, portanto, toda e qualquer intervenção do Estado tende a se propagar por esse modo, o unico meio de impedir que o Estado invada tudo e que se chegue ao Socialismo é reduzir o Estado a zéro. O criterio primordial de Spencer annulla, portanto o Estado, e ou Spencer é contradictorio ou elle é Anarchista.

E' esse, comquanto errado, o ataque melhor que, n'esse sentido, póde ser feito ao Spencerismo como doutrina politica. E' a elle que eu tenho em vista particularmente responder, comquanto tratando a questão de uma maneira geral.

Na extensão ou na retracção das intervenções do Estado ha uma certa posição que goza de propriedades particulares. Essa posição, que para facilidade de exposição eu chamarei de posição média, é a que tem lugar quando a acção do Estado se limita á manutenção da ordem, á defeza externa, á distribuição da justiça, a certas questões de hygiene

e de segurança, á certa intervenção nos trabalhos publicos — tudo isto considerado em qualidade e não em quantidade.

Relativamente a essa como a qualquer outra posição d'essa natureza, na posição média notam-se duas ordens de forças : uma tendente a effectuar o affastamento n'um ou n'outro sentido, tendendo a extender ou a restringir as attribuições que o Estado tem então ; outra tendendo a impedir ou a desfazer esses deslocamentos — eu chamarei centrifugas as primeiras, centripetas as segundas. O que ha de especial na posição média a esse respeito, é a precisão particular com que essas forças então actuam. Assim, no momento actual, salvo condições particulares e de muito pequena duração, seria impossivel tornar menor do que ella é ahi, a intervenção do Estado. Póde-se bem imaginar o que seria a reacção contra uma tentativa d'essa ordem — a eliminação do policiamento ou coisa semelhante — que conduzisse a uma posição inferior á posição média. A acção ahi é simples e precisa tanto quanto se póde desejar. As noções a respeito são bastante geraes, o raciocinio bastante elementar para constituirem uma força centripeta garantidora, n'esse sentido, da estabilidade da posição média.

No sentido da extensão das attribuições do Estado já os factos não se passam assim. Comprehende-se que exista, desde logo, força centripeta — decorrente, pelo menos, de interesses em jogo; mas essa força seria muito pequena no começo do deslocamento, ou pelo estado actual de instrucção, ou porque na realidade não haja erro ainda, ou pelos dois motivos. Em todo o caso, á medida que se caminha n'essa direcção, dentro de algum tempo chegam-se a posições conhecidaemente de erro. Posições taes que se a maior parte não lhes vê a falha, esta foi vista e mostrada por alguns indivi-

duos. E se continúa o movimento e se vae progressivamente extendendo a intervenção do Estado, aos poucos os erros vão sendo melhor percebidos e a força decorrente disso, força centripeta, vae-se fazendo maior e actuando cada vez mais intensa e mais palpavel. E como este raciocinio relativo a convicções, póde ser feito, correspondentemente, em relação aos interesses, e nas duas direcções, póde-se dizer que a acção centripeta cresce com o afastamento n'um ou n'outro sentido, da posição média.

A acção das forças centrifugas é menos precisa, menos facil de perceber sobretudo quanto á variação das convicções. Vê-se bem, dada a maneira de pensar actual, que na posição média se appellaria de bôa vontade para o Estado diante de muita difficuldade; que se teria fé no seu poder; que se acreditaria facilmente na efficacia da extensão de suas intervenções. Quando, nas condições actuaes em que o Estado intervem muito, sendo facil a comprehensão de certos erros, se espera ainda tanto d'elle, e é ainda tão exagerada a idéa que geralmente se faz do seu poder, comprehende-se bem o que não seria isso quando os erros a commetter, se os houvesse, fossem muito pequenos. Vê-se bem que ahi a força centrifuga é bastante superior, nas condições actuaes, á força centripeta. Isso vê-se bem. Mas a partir d'esse ponto, á medida que o Estado vae intervindo cada vez mais, como variam as condições a esse respeito? O Spéncerismo e o Socialismo farão, n'esse sentido, progressos parallelos? Augmentarão os adeptos do Socialismo, a sua fé se irá tornando cada vez mais viva? Esses elementos crescerão para diminuir quando se tornarem muito grandes os erros? Ou a variação será irregular havendo successivamente e em grãos diversos, crescimentos e desfallecimentos? Não se póde dizer.

O mesmo não se dá, porém, com a parte relativa ao interesse, podendo-se ali prevêr e conhecer a variação com precisão relativa. A medida que se vae tornando maior a intervenção cresce necessariamente o grupo encarregado de a tornar effectiva. Augmentam-se os cargos publicos, são feitas nomeações, e um numero cada vez maior de individuos passa assim a fazer sob as ordens do Estado, trabalho de governo. Além d'esses individuos ha muitos outros a quem as medidas d'essa natureza aproveitam ainda. Seja uma protecção alfandegaria em que se visa directamente um objectivo de desenvolvimento industrial, seja uma medida de espirito muito differente, como uma exigencia hygienica, isso sempre se dá. Toda essa gente tem interesse na intervenção feita e vae agir, quando mais não seja, no sentido de manter a situação — como um dente de encliquetagem. E' essa a primeira consequencia: a resistencia a voltar para traz; depois ha outra — a tendencia a ir para diante, ao crescimento, á extensão da intervenção. Imaginemos, por exemplo, o caso de uma medida proteccionista. Imaginemos que, com o intuito de desenvolver uma determinada industria são creados impostos alfandegarios bastante fortes para garantirem os productos nacionaes d'essa especie da concorrência estrangeira. Necessariamente esta industria ha de se desenvolver. Tratando-se de um bom emprego de capital, o capital afluirá para ella. Virá então a concorrência interna e, salvo circumstancias particulares, um abaixamento de preços. Desde logo, acostumados a maiores lucros, os industriaes procurarão ou desejarão, em grande parte, obter um accrescimo de protecção. E forma-se assim uma força centrifuga que tende a crescer á proporção que os preços baixam e vão permittindo a concorrência estrangeira.

Como este caso, semelhantemente ao que se

dá aquí, passam-se as coisas em um sem numero de outros casos. E junte-se a isso o interesse que possam ter em novas intervenções os que não foram contemplados pelas existentes; junte-se a acção de umas intervenções sobre outras, de diminuição reciproca de vantagens; que com o numero dos interessados cresce a capacidade de resistir e o poder de ir para diante; a efficacia dos precedentes; a dependencia entre governantes e governados; e se terá idéa do que é essa força centrífuga proveniente de interesses em jogo e de como ella, pelo menos durante um largo espaço, cresce quando se caminha para o Socialismo.

Assim se conhece até certo ponto a variação d'essa parte da força centrífuga; mas quanto á variação total continuamos reduzidos a hypotheses e a probabilidades tal e qual como na parte relativa ás convicções e justamente por causa d'isso. A força centrífuga total que nós vimos ser, na posição média e para o estado actual de cultura, muito maior que as resistencias que ella poderia encontrar então, essa força centrífuga total virá a ser algum dia, em alguma posição, menor que a força centripeta correspondente — ou porque a primeira descreça ou porque cresça menos rapidamente que a segunda? Será sempre maior? Em todo o caso, seja qual fôr a supposição verdadeira, todas as hypotheses a fazer cahem forçosamente dentro de uma das duas seguintes: ou haverá posição de equilibrio antes do Socialismo ou ir-se-ha até lá.

No numero do *Mercure de France* de Janeiro de 1904, por occasião da morte de Spencer, vem publicada a carta seguinte dirigida por este em outubro de 1902 ao Sr. Davenay, creio que do *Figaro*:

« Senhor. — Não desci desde quarta-feira, as

desordens nervosas de que soffria tendo-se aggravado pela minha breve conversa convosco.

E' evidente que eu não devo aggravar ainda o meu estado por uma nova entrevista.

As opiniões que exprimi aqui diante de vós e que tendes a liberdade de publicar são resumidamente estas :

1º O Socialismo triumphará inevitavelmente apesar de todas as opposições.

2º Seu estabelecimento será o maior desastre que o mundo terá já mais conhecido.

3º Cêdo ou tarde, terminará por um despotismo militar.

Sinceramente vosso. — *Herbert Spencer.*»

Pelo que eu disse acima vê-se bem que eu não aceito essa affirmacão de Spencer, do advento inevitavel do Socialismo. Isso não pôde importar comtudo, de maneira alguma na diminuição, a serio, da sua obra.

Com effeito : que é que poderia ser derrubado por isso ? Os seus *Primeiros Principios* ? A sua *Biologia* ? A sua *Sociologia* ? Spencer pôde ter errado e segundo eu penso, errou mais de uma vez, mesmo no corpo da sua obra, mesmo no seu trabalho fundamental — nos *Primeiros Principios* — no ponto em que, por exemplo, elle combate o Scepticismo philosophico. Mas o que elle demonstrou — e é muito — o que elle construiu — e é extraordinario — o que elle edificou, não perderia nada do seu valor embora elle tivesse abjurado, ao morrer, de tudo o que dissera, de tudo o que pensara, e tivesse deixado em testamento, com firma reconhecida, uma declaracão completa n'esse sentido. Em todo o caso, seja como fôr, aqui, para o problema em questão, isso não importa absolutamente, uma vez que é essa — a do advento do Socialismo — uma das hypotheses formuladas.

E a conclusão agora é facil. No raciocinio

feito sobre as duas ordens de forças em presença está implicitamente contido o criterio do typo de structura formulado por Spencer e que nada mais é do que a avaliação de uma parte da força centrífuga e a affirmação, como hypothese, de um prolongamento com boas probabilidades a seu favor. De'essa maneira é bastante que as premissas estabelecidas acima não conduzam á Anarchia para ficarem afastadas ao mesmo tempo as duas alternativas da objecção imaginada:

E com effeito: porque se deveria pregar a Anarchia? Para crear embaraço á tendencia centrífuga? E' essa a objecção supposta. Mas justamente o raciocinio a fazer acceitar então, muito mais facilmente realizaria a estabilidade desejada, na posição média e nas posições proximas. Seriam aproveitadas então as vantagens do Estado sem os perigos da expansão socialista. E desde que isso é mais facil de obter e que o inconveniente apontado na existencia em qualquer gráo do Estado é assim affastado, a objecção cahe.

E' claro que o ensino e a propaganda Spencerista não póde considerar como certa a victoria, mesmo dentro do desenvolvimento normal. Talvez nunca se chegue a estabelecer um regimen que satisfaça, mesmo com larga aproximação, a doutrina de Spencer. Em todo o caso ha probabilidades. Assim na hypothese, por exemplo, de existir, antes do Socialismo uma posição de equilibrio entre as forças centrífugas e as forças centripetas, me parece provavel que se dê, em função do tempo, o crescimento da força centripeta, o decrescimento progressivo da força centrífuga, e o recuo gradual da posição do equilibrio. Semelhantemente mesmo na segunda hypothese, na do estabelecimento futuro do regimen Socialista. E talvez que então esse movimento de recuo nos leve até á posição média, tal-

vez mesmo mais longe, no sentido da Anarchia. Não se póde demonstrar, com effeito, que seja impossivel que, em uma época futura, o desenvolvimento e a generalização das noções de hygiene e de salubridade, o desenvolvimento de certa ordem de sentimentos, dispense, a esse respeito qualquer intervenção do Estado. Mas não é impossivel tambem a hypothese contraria. Não é impossivel que isso nunca se dê e que se fique sensivelmente aquem da posição média, porque, em ultimo caso, mesmo supposto indefinido, o progresso póde não ir além de certo valor.

N'essas diversas épocas o Spencerismo pregaria a limitação do Estado sem nunca pregar a Anarchia, como vimos. E mais ainda. Um dos elementos determinantes do movimento no sentido do regimen Socialista é a supposta identidade entre certas medidas já adoptadas e outras que se trate de tornar effectivas. Desde logo quanto menor é a cultura geral tanto maior é a facilidade de certas expansões pela difficuldade de percepção de distincções relativamente delicadas. A maneira de vêr Spencerista tenderia então a impedir a realização dos primeiros pelo receio de vel-as seguidas pelas segundas e da creação de um surto socialista. D'ahi em certa época a possibilidade do Spencerismo permittir intervenções que não permittiria em épocas anteriores. E d'ahi, finalmente, esta conclusão particularmente contraria a qualquer idéa da diminuição gradativa do Estado até a sua annullação final: a zona de acção do Estado, delimitada pela comprehensão Spencerista póde, assim, augmentar, dentro de certos limites, dadas certas circumstancias, com o tempo — tendo sido A em uma dada occasião, ella póde ser, em uma época futura, A mais qualquer coisa.

M. Ribeiro de Almeida.

Face a Face

Culpa não tem a flor de ser flor; culpa a estrella
 Não tem de ser estrella; e culpa de ser homem
 Não na tem o animal transfigurado pela
 Influencia dos ideaes soberbos que o coñsomem.

A flor culpa não tem porque nos fira o espinho;
 Culpa não tem o sol porque a luz nos deslumbre,
 Culpado o homem não é porque no seu caminho
 Ache o acúleo da ffor e as estrellas vislumbre.

Nem a força fatal que tudo tira ao nada
 Tem culpa de existir a natureza bruta,
 Tem culpa de existir a alma ao não ser forçada.

Pois essa força é o Deus que os homens não escuta,
 E os vê—talvez soltando ironica risada,
 Tombarem sem razão e sem gloria na lucta.

*
 * *

A gloria fôra ser universal e eterno
 Como um raio de luz ou como um grão de areia;
 Mas ter alma, sentir ora o céu e ora o inferno
 Para apagar-se como um sol que bruxoleia...

Isso é triste; e quem quer que misero padeça,
 Medite, sonhe, combata e sucumba na lida,
 Hade tentar em vão não curvar a cabeça
 A quella força atróz por tudo incomprehendida.

Não val pensar que a morte as ancias aniquila;
 Não val saber que a gloria é precaria e fugace,
 Para sentir-se na alma impavida e tranquilla,

Sem que jámais por ella um só remorso passe;
 Algo que nos arroube, algo que nos impilla,
 E á força desse Deus se opponha face a face.

J. Pereira Barrêto.

HISTORIA TRISTE

A' Lucillo.

Na sala junto, toda cheia de luz, dançava-se animadamente, e nós quatro em volta á meza, uma meza redonda de xarão, passavamos a noite em socegada palestra..

E foi alli naquella saleta onde as ramagens prateadas do papel resaltavam nitidas á claridade semi-velada d'um *abat-jour*, no meio daquelle relativo silencio que havia em torno de nós, emquanto lá fóra chovia forte e havia frio, e na sala, junto ao calor das luzes, dançava-se animadamente, que ouvi do Prado a narrativa de uma grande miseria, desta miseria que faz soffrer os bons e ainda é capaz de abalar os máos.

Prado a sabia contar; tinha na voz, no gesto e no olhar (um bom olhar zul um azul secco), as grandes sensações porque passára.

«Foi um Londres, em uma noite fria de inverno, noite cheia de neblina e humidade: sahira de um dos *Music-Hall* um pouco affastado do centro, ia tomar um carro que o levassc a *Piccadilly* ou a *Regent Street*, quando viu junto a si, uma loira de uns quinze annos, alta, delgada, uma figura suavemente franzina.

«Debaixo de um capote, um rico capote de fazenda grossa que lhe ia até aos pés, o corpo se mostrava perfeitamente desenhado. Na cabeça um gorro de pelles preso por um grande grampo, deixava ver bem o ouro macio dos cabellos; calçava sapatos de verniz».

Prado parou um pouco, começando a beber devagar um calix de licor.

Eu afficto pelo résto disse duas ou tres vezes:

— Então loira, hein! quinze annos, hein! nós aqui não temos disso!

O Ramiro a meu lado, de olhar acceso, a mexer nervosamente o copo cheio de Pipermint, chupava o charuto, ante-gozando um pouco sensuamente o fim da aventura.

«Pois é verdade; ella desembaraçada chegou-se a mim:

« Procurava um cavalheiro, — sympathisara commigo—e demais que grande frio, estava de cortar, cahia até neve, e bem perto havia um hotel modesto, mas limpo, onde ao abrigo do tempo, poderíamos fallar com calma. E em um riso brejeiro, repetiu ainda que—sympathisara commigo».

Ramiro resmungou :

— Que achado!

«Foi também o que eu pensei, quando com todo o carinho tomei-lhe o braço, e fomos andando a procura do hotel, que se fazia annunciar ao longe por uma lanterna vermelha, que brilhava fraca no nevoeiro espesso.»

Ramiro insistiu:

— Então queres dizer que não foi um achado!? Tão novinha e aquella hora pelas ruas! E' muita sorte!

«Espera, filho, ouve o final... Muito agarrada a mim e dizendo sentir muito frio, disse também chamar-se Lucy, e ter quinze annos. Soube que fôra seu pae que a perdera, dando-a, a troco de cinco libras, a um homem bruto, que a maltratava muito, e de quem ella sentia um nojo constante.

«Mas não ficara muito tempo com elle, e na tarde em que voltára á casa, seu pae, ameaçando-a, dissera-lhe que fosse para a rua arranjar a vida, que trouxesse dinheiro, senão que a mataria a pancadas. E todas as noites quando ella chegava, o seu primeiro cuidado, era entregar-lhe o dinheiro que trazia! Quando era pouco, apanhava!

«Tinha muito medo d'elle, e era por isso que eu a encontrava ali, áquella hora em que as ruas vão ficando desertas, em que a neblina é quasi neve, e em que o vento mata!

«E ainda tinha mãe, mas esta vivia sempre bebada equasi sempre presa! Uma grande lastima! Uma grande miseria! Porém não era ella só. Londres estava cheia! Ha dias morrera a Jenny, uma companheira sua; era tuberculosa, e uma dessas manhãs, acharam a pobresinha, cahida junto a uma esquina, já toda inteiriçada!

«Havíamos chegado ao hotel—The Butterfly Hotel—li pelas portas.

«Ao subirmos um sujeito me perguntou :

— «Quarto com ou sem fogo?

— «Com fogo, sim! pediu Lucy.

— «16 a esquerda.

«Lucy ao entrar no quarto, aquecido bastante pelo calor que vinha de um fogão ao fundo, esfregando as mãos em um contentamento infantil, perto ao fogo que queimava forte, feliz por momentos, falava a rir :

— «Oh como é bom! Como é bom! Moraria aqui toda a vida! E sabe você, nem sempre me trazem para logares assim, levam-me para onde não ha quasi luz e muito menos calor... Oh como é bom! E o frio que me maltrata tanto!

«Depois, com o olhar muito brilhante, disse-me ás pressas:

— «Não me queira mal por isso... e ao tirar o grosso capote de fazenda cara, estava em camiza! O corpo estava gelado, tinha talvez febre!

— «Só tenho isto; foi meu pae quem m'o deu quando lançou-me á vida! Elle tira-me tudo!»

Na sala já não se dançava mais, chamaram-nos á meza.

E o Prado acabou assim:

« Quando sahi dei-lhe duas libras; tanta desgraça me abalara! Pouco adiante vi que um sujeito ia ao seu encalço; era o pae com certeza... E sabem vocês, ainda fui roubado! Lucy batera-me o relógio e a corrente! »

Carlos de Lara.

Rio, 24 de Junho 07.



Recordações do escrivão Isaias Caminha

—:—

I

(Continuação)

— Quando você pretende ir, Isaias? indagou meu tio, sem surpresa e imediatamente:

— Amanhã, disse eu cheio de resolução.

Elle nada mais disse. Calamo-nos e minha tia sahiu da sala, levando o capotê molhado e logo depois voltou, trazendo o café.

— Quer paraty, Valentim?

— Quero.

Revolvendo lentamente o assucar no fundo da chicara, meu tio continuou ainda calado por muito tempo. Tomou um góle de café, depois um outro de aguardente, esteve com o calice suspenso alguns instantes, descançou-o na mesa automaticamente e, aos poucos, a sua physionomia de largos traços de ousadia, foi revelando um grande trabalho de concentração interior. Minha mãe nada dissera até ahi.

Num dado momento, pretextando qualquer cousa, levantou-se e foi aos fundos da casa. Ao sair fez á minha tia uma insignificante pergunta sobre o arranjo domestico, sem alludir á minha resolução e

sem despertar meu tio da scisma profunda em que se engolfara.

Ancioso, eu me deixei ficar á espera de uma resposta delle, notando as menores contracções de seu rosto e decifrando os mais tenues lampejos de seu olhar. Houve um segundo que elle me pareceu ter suspendido todo o movimento exterior de sua pessoa. A respiração como que parara, tinha o senho carregado, as rugas da testa larga e quadrada fixadas, como se tivessem sido vasadas em bronze, e os olhos immoveis, orientados para uma fresta da mesa, brilhantes, extraordinariamente brilhantes e salientes, como que a saltar das orbitas para farejar o rasto provavel da minha vida na intrincada floresta dos acontecimentos. Gostava delle. Era um homem leal, valoroso, de pouca instrucção, mas de coração aberto e generoso. Contavam-lhe façanhas, bravatas portentosas, levadas ao cabo pelos tempos em que fôra, nas eleições, esteio do partido liberal. Pelas portas das vendas, quando passava, cavalgando o seu sympathico cavallo magro, com um sacco de cartas á garupa, murmuravam: « que songa-monga ! Já liquidou dois. »

Eu sabia do caso, estava mesmo convencido de sua exactidão; entretanto, apezar das minhas precoces exigencias de moral inflexivel, não me envergonhava de estimal-o, amava-o até, sem mescla de terror, já pela decisão do seu character, já pelo apoio certo que nos déra, a mim e á minha mãe, quando veio a morrer meu pae, vigario da freguezia de*** Animara a continuar os meus estudos, fizera sacrificios para me dar vestuario e livros, desenvolvendo assim uma actividade ácima dos seus recursos e forças.

Durante os dous annos que passei, depois de ter as humanidades, o seu character atrevido conseguia de quando em quando arranjar-me um trabalho ou outro. Desse modo, eu ia vivendo uma doce

e mediocre vida roceira, sempre perturbada, porém, pelo estonteante proposito de me largar para o Rio: Vae Isaias! Vae!

Meu tio ergueu a cabeça, pousou o olhar demoradamente sobre mim e disse:

— Fazes bem!

Acabou de tomar o café, pedio o capote e me convidou:

— Vem commigo. Vamos ao Coronel... Quero pedir-lhe que te recommende ao Dr. Castro, deputado.

Minha tia trouxe o capote, e quando iamossaindo appareceu tambem minha mãe, recommendando:

— Agazalha-te bem, Isaias! Levas o chapéo de chuva?

— Sim, senhora, respondi.

Durante quarenta minutos, patinhamos na lama do caminho, até á casa do Coronel Belmiro. Mal tinhamos empurrado a porteira que dava para a estrada, o vulto grande do fazendeiro assomou no portál da casa, redondo, num longo capote e coberto de um largo chapéo de feltro preto. Approximamo-nos.

— Oh! Valentim! fez preguiçosamente o Coronel. Você traz cartas? Devem ser do Trajano, conhece? Socio do Martins, da rua dos Pescadores...

— Não senhor, interrompeu meu tio.

— Ah! E' seu sobrinho... Nem o conheci... Com vae, menino?

Não esperou a minha resposta; continuou logo em seguida:

— Então, quando vae para o Rio? Não fique aqui. Vá... Olhe, o senhor conhece o Azevedo?

— E' disso mesmo que vinhamos tratar. Isaias quer ir para o Rio e eu vinha pedir a V S...

— O que? intèrrompeu assustado o Coronel.

— Eu queria que V. S., Sr. Coronel, gaguejou o tio Valentim, recommendasse o rapaz ao Dr. Castro.

O Coronel esteve a pensar. Mirou-me de alto a baixo, finalmente falou:

— Você tem direito, *seu* Valentim. E'... Você *trabalhou* pelo Castro. Aqui para nós: se elle está eleito, deve-o a mim e aos defuntos, e um pouco a você que desenterrou alguns.

Riu-se muito, cheio de satisfação por ter repetido tão velha pilheria e perguntou amavelmente em seguida:

— O que é que você quer que lhe peça?

— V. S. podia dizer na carta que o Isaias ia ao Rio estudar, tendo já todos os preparatorios, e precisava, por ser pobre, que o Dr. lhe arranjasse um emprego.

O Coronel não se deteve, fez-nos sentar, mandou vir café e foi a um compartimento junto escrever a missiva.

Não se demorou muito; as suas noções grammaticas não eram sufficientemente fortes para retardar a redacção de uma carta. Demoram-nos ainda um pouco e, quando nos despediamos, o Coronel abraçou-me, dizendo:

— Faz bem, menino. Vá, trabalhe, estude, que isto aqui é uma terra atôa, com licença da palavra, de m... O Castro deve fazer alguma cousa por você. Elle foi assim tambem. O pae você o conheceu, *seu* Valentim?

— Sim, Coronel, fez meu tio.

— ...era muito pobre, muito mesmo. O Hermenegildo, o Castro, quiz estudar. Nós..., nós, não, eu, principalmente que era presidente, arranjei-lhe uma subvenção da Camara... E foi assim. Hoje, accrescentou o Coronel immediatamente, não é preciso, o Rio é muito grande, ha muitos recursos... Vá, menino!

Não chovia mais. As nuvens tinham corrido de um lado do horizonte, deixando ver uma nesga de céu azul. Um pouco de sol banhava aquellas collinas tristes e fatigadas, por entre as quaes caminhavamos. As cigarras se puzeram a estridular e vim vindo, de cabeça baixa, sem apprehensões, cheio de esperanças exuberante de alegrias.

A minha situação no Rio estava garantida. Obteria um emprego. Um dia pelos outros iria ás aulas, e todo o fim de anno, durante, seis faria os exames, ao fim dos quaes seria Doutor!

Ah! Seria doutor! Resgataria o peccado original do meu nascimento humilde, amaciaria o supplicio premente, cruciante e omnimodo de minha côr... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito á minha magestade de homem, andaria com ella mais firme pela vida em fóra. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cerebro.

O flanco, que a minha pessôa, na batalha da vida, offerencia logo aos ataques dos bons e dos mãos, ficaria mascarado, disfarçado... Ah! Doutor! Doutor!... Era magico o titulo, tinha poderes e alcances multiplos, varios, polyformicos... Era um *pallium*, era alguma cousa como chlamyde sagrada, tecida com um fio tenue e quasi imponderavel, mas a cujo encontro os elementos, os maus olhares, os exorcismos quebravam-se. De posse della, as gottas da chuva afastar-se-iam transidas do meu corpo, não se animariam a tocar-me nas roupas, no calçado sequer. O invisivel distribuidor dos raios solares escolheria os mais meigos para me aquecer, e gastaria os fortes, os inexoraveis, como commum dos homens que não é doutor. Oh! Ser formado, de annel no dedo, sobrecasaca e cartola, inflado e grosso, como um sapo entanha antes de ferir amartellada á beira do brejo; andar assim pelas ruas, pelas praças, pelas estradas,

pelas salas, recebendo cumprimentos : doutor, como passou? Como está, doutor? Era sobrehumano!...

Estavamos quasi a chegar.

Pelo caminho, andamos os dois calados. Eu vinha entregue ás minhas reflexões e meu tio, uma vez ou outra, veio perturbal-as com uma pergunta qualquer. Eu respondia, sem vontade de continuar a conversa; depois da terceira tentativa para entabolal-a, não insistiu mais. O sól fugia aos poucos, as cigarras deixaram de cantar e quando chegamos em casa, a chuva cahio novamente.

Almocei, sahi até á cidade proxima para fazer as minhas despedidas, jantei e, sempre, aquella visão doutoral não me deixava. Vinha-me uma face della, depois outra mais brilhante, esta provocava uma consideração, aquella mais uma propriedade da carta omnipotente. De noite, no tecto da minha sala baixa, pelos portaes, pelas paredes, eu via escripto pela luz do lampeão de petroleo — Doutor! Doutor!

Quantas prerogativas, quantos direitos especiaes, quantos privilegios, esse titulo dava! Puz-me a considerar que isso devia ser antigo... Newton, Cesar, Platão e Miguel Angelo deviam ter sido doutores!

Foram os primeiros legisladores que deram á carta esse prestigio extra-terrestre... Naturalmente, teriam escripto nos seus codigos: tudo o que ha no mundo é propriedade do doutor, e se de alguma cousa outros homens gozam, devem-n'o á generosidade do doutor. Era uma outra casta, para a qual eu entraria, e desde que penetrasse nella, seria de osso, sangue e carne differente dos outros—tudo isso de uma qualidade transcendental, fóra das leis geraes do Universo e acima das fatalidades da vida commum...

— Levas toda a roupa, Isaias? veio interromper minha mãe.

— A que houver, mamãe.

Eu estava deitado num velho sofá amplo. Lá fóra, a chuva cahia com redobrado rigor e ventava fortemente. A nossa casa fragil parecia que, de um momento para outro, ia ser arrazada. Minha mãe ia e vinha de um quarto proximo; removia bahús, arcas; cozia, futejava. Eu devaneava e ia lhe vendo o perfil esqualido, o corpo magro, premido de trabalhos, as faces cavadas com os mal-lares salientes, tendo pela pelle parda manchas escuras, como se fossem de fumaça entranhada. De quándo em quando, ella me lançava seus olhos avelludados, redondos, passivamente bons, onde havia raias de temor ao me encarar. Suppuz que advinhava os perigos que eu tinha de passar; soffrimentos e dores que a educação e a intelligencia, qualidades a mais na minha fragil consistencia social, haviam de attrair fatalmente. Não sei que de raro, excepcional e delicado, e ao mesmo tempo perigoso, ella via em mim, para me deitar aquelles olhares de amor e espanto, de piedade e orgulho. Aos seus olhos — muitas vezes se me veio a afigurar—eu era como uma rapariga, do meu nascimento e condição, extraordinariamente bonita, vivaz e perturbadora... Seria demais tudo isso; cercal-a-ia logo o ambiente de seducção e corrupção, e havia de acabar por ahi, por essas ruas...

Por vezes, tambem acreditei que ella nada quizesse exprimir com elles; que tinha por mim a indifferença da machina pelo seu producto. Que importa aos teares de *Valenciennes* o destino de suas rendas!

Eu a cria, então, resignada a ficar alli, nas proximidades de uma cidade de terceira ordem, tendo, de onde em onde, noticias minhas naquella grande cidade que a sua imaginação a custo havia de representar. E quem sabe se as noticias seriam de ordem a lhe provocar duvidas

sobre a sua maternidade?! Coitada! Pobre de minha mãe!

— Olhe, mamãe, disse eu, logo que me *arrume* mando-a buscar. A senhora está ouvindo?

— Sim, respondeu ella com fingida indifferença.

— Alugaremos uma casa. Todo o dia, quando eũ fôr trabalhar, tomarei a sua benção; quando tiver de estudar até alta noite, a senhora ha de dar-me café, para espantar o somno... Sim, mamãe? E me puz a abraçal-a effusivamente.

— E' bom! Estuda, Isaias, fez ella, desvenilhando-se de mim brandamente. Não tè importes commigo... Estuda, meu filho! Eu já estou velha, demais.

— Mamãe não acredita em mim.

— Acredito, meu filho; mas... mas não quero sair daqui.

No dia seguinte, quando eu me despedi, ella me deu um forte abraço, afastou-se um pouco e me olhou longamente, com aquelle olhar que me lançava sempre, fosse em que circumstancia fosse, onde havia mesclados, terror, pena, admiração e amor

— Vae, meu filho, disse-me ella afinal. Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...

E não acabou. O chôro a tomou convulsa e me afastei chorando...

(*Continúa*)

Lima Barreto.



Revista da quinzena

PRETEXTOS

A lei do sorteio— Todo o mundo sabe como é difficil entre nós discutir questões que interessam mais ou menos ao exercito. E' memoravel o exemplo de M. e Albuquerque que soffreu uma valente refutação a golpes de espada, ao que elle retrucou com logica cerrada e um guarda-chuva protector, por ter repetido com outras palavras, o que Thomaz Ribeiro dissera no seu poemeto, «As novas Conquistas» (Lisboa, 1864) :

mais faz que espada ou lança, escopro e serra ;
 mais que mil arsenaes uma officina.

.. ..
 soldado e general, é quem trabalh...;
 é mais condecorado, o que mais faz;

D'ahi a hypocrisia com que foi atacada indirectamente a lei do sorteio, sem que ninguem, a não ser o mesmo escriptor acima citado, em tres artigos admiraveis publicados na «A Noticia» se atrevesse a impugnar a necessidade do serviço militar obrigatorio — com ou sem sorteio, com ou sem insenções !

Ha innegavelmente grandes vantagens em ser brasileiro. Affonso Celso enumerou muitas dellas com louvavel facundia no seu livro para presente de annos «Porque me ufano do meu paiz». Esque-

ceu-se de uma das mais solidas, que é precisamente não estar o brasileiro sujeito ao pesado fardo do serviço militar.

Vae esta grande, esta enorme vantagem desaparecer ? Não sei, mas parece-me difficil, quasi impossivel.

Lembremo-nos que já houve, entre nós, ha muitos annos, uma guarda nacional.

Esta curiosa lei do sorteio pertence á classe das leis panacéas, ultimamente tão em moda, e que tem por fim confessado reconstituir o nosso edificio social. Com as Universidades veriamos reerguer-se o tão abalado ensino publico : tres ou quatro reitores novos, e o Rio de Janeiro, S. Paulo, Bello Horizonte, transformar-se-iam instantaneamente em Berlin, Iena e Goettingen. Com a simples lei do sorteio, teriamos um poderoso exercito.

Ah, essas reformas no papel !

E' mais que provavel que tudo continuaria no mesmo; tanto se póde ter um exercito disciplinado de 15.000 homens como de 50.000. Mas ninguem o quer dizer.

Se a reforma do exercito não tivesse outro effeito senão este, não valeria a pena falar. Toda a reforma idealista além de ingenua, é commovente.

Sensibilisa, e numa lei sentimental todos os absurdos são perdoaveis.

Mas a lei do sorteio tem graves defeitos, que desde logo foram apontados. Não é desnecessario repetil-os : creio que não foram ainda bem apprehendidos. E' uma lei que vem ferir profundamente o brasileiro, e isto não póde ser posto em margem n'um paiz em que o elemento nacional está talvez senão seguramente em condições de riqueza inferiores ao elemento estrangeiro. A lei do sorteio viria augmentar este desequilibrio economico. No interior, já sabemos pelo que se passava no tempo do Imperio, o que será a sua applicação. Recrutamento

e sorteio, são duas palavras synonymas no nosso vocabulario politico.

Em França, paiz riquissimo, onde o estrangeiro não detem como aqui a maior parte da riqueza nem está para o elemento indigena na proporção que se nota no Brasil—terra de immigração e de conquista—houve no emtanto um deputado que em 1893 propoz na Camara se lançasse uma taxa sobre os estrangeiros por não estarem como os francezes sujeitos ao serviço militar. E em abono da sua proposta, citava factos. Lê-os é lêr um libello terrivel contra o serviço militar no Brasil. Havia nesta epoca em Pariz,..... 50.000 creados estrangeiros empregados de preferencia aos francezes, porque não soffriam interrupções no seu serviço. E os chefes de innumeradas casas commerciaes, respondiam aos rapazes que lhes pediam emprego, depois de terem feito o seu serviço militar :

Preferimos os estrangeiros porque elles não tem que fazer serviço nenhum. E isto simplesmente, por serem estes rapazes obrigados a faltar temporariamente ao seu emprego, pela exigencia do serviço de vinte e oito dias.

Dir-me-hão que estes negociantes eram máos patriotas. Concordo, mas é necessario reconhecer que o patriotismo não é oleo que facilite o bom funcionamento do mechanismo commercial.

Ha um grande engano da parte de muitos espiritos credulos e enthusiasts quando suppõem que nos paizes europeos o serviço militar é livremente acceito como um dever de todo bom patriota. E' na realidade um peso fatigante, imposto como um mal necessario. Atravéz da ironia de um Courteline, comico profissional, sente-se a revolta contra a absurda disciplina dos quartéis. E mil outros escriptores trazem-nos o seu testemunho.

Eu já tive a illusão de que para alguma cousa nos serviria vivermos n'um paiz novo, de pouca cultura e mal civilizado ainda. Teríamos ao lado desta desvantagem positiva, grandes e reaes proveitôs.

E' uma illusão que se me vae fugindo aos poucos. Estamos fadados a absorver a civilização européa pelos seus lados mais penosos e mais tristes.

Podíamos ter organizado o serviço voluntario; o soldado seria um profissional bem pago e bem tratado. Uma boa paga, que chamariz em certas regiões do Brasil! Euclides da Cunha, nos «Sertões», já nos mostrou uma raça forte de homens, que dariam soldados incomparaveis. Desde que se estabelecessem quartéis regionaes, teríamos em breve núcleos possantes, em um palavra, um exercito.

Mas para organizar um exercito deste modo, seria necessario tomar em consideração as condições economicas e sociaes do Brasil, verificar o numero de soldados que comporta o seu estado financeiro, entregar a especialistas o estudo do processo pelo qual se poderia estabelecer o voluntariado com successo entre nós. Mas quanto trabalho daria, quanta massada!

Preferiu-se escolher uma solução, á primeira vista mais *simples*, mas na realidade mil vezes mais complicada do que a outra.

Antonio Noronha Santos



Questões actuaes

O sorteio e a sociedade — Agita-se neste momento no nosso meic social, um problema, que, devido ás suas fundas raizes com os outros componentes do nosso bem estar, se torna um tanto difficil de resolver.

Refiro-me ao serviço militar obrigatorio.

Não sou pacifista a ponto de, embalado nos cantos theoricos das grandes potencias, acreditar na paz futura.

Comprehendo a necessidade de sermos fortes e aparelhados para futuras emergencias bellicosas.

A formação de um exercito, porém, ou por outra, o levantamento mais ou menos em massa da população, para se obter um amontoado de homens adextrados ao mister das armas, a que se dá o nome de exercito, acarreta consigo uma serie de problemas sociaes, que não são para desprezar.

Analysando os dados que para tal são precisos, reconheceremos, sem trabalho, a difficuldade de resolver a questão capital completamente.

O tirar 50 ou 60 mil homens dos nossos centros de producção, a fim de distrahil-os nos quartéis, sem utilidade pratica para a sua economia particular, é atrazar um tanto o nosso evoluir.

Estes homens, tirados das sciencias, artes, das industrias, lavoura, etc., naturalmente deixarão de produzir, para ficarem em uma estagnação de dois ou tres annos.

As despesas, originadas com o seu custeio, não são pequenas, ponto capital para nós que procuramos o equilibrio estavel das nossas finanças.

O desvio de sua actividade normal causará prejuizos consideraveis aos interesses de terceiros, e bem assim aos delles proprios, sem ser possivel alcançar, quer para uns, quer para outros, compensação alguma.

Agora, que, por meio de dispendiosa propaganda, procuramos chamar a concorrência estrangeira, parece um tanto antagonico desviarmos tantos braços e cerebros da produção nacional.

Não sou levado pelas grandiosas idéas socialistas, que pouco a pouco ganham terreno; mas, a militarisação por via directa traz consigo tal serie de difficuldades, que se me antolha embaraçosa ao evoluir normal da sociedade.

Se em vez destes gastos bruscos, destas responsabilidades, destes damnos, etc., o Estado procurasse por meios indirectos a militarisação gradual, se bem que muito demorada, estou certo que taes inconvenientes desapareceriam.

A guerra actual, a não ser em certos detalhes especiaes, cifra-se : no preparo e actividade dos commandantes e na educação militar e de tiro dos commandados.

Se desde os bancos da escola primaria, o menino fosse obrigado a comprehender o seu papel como futuro soldado, recebendo os fundamentos da disciplina militar ; e, se desde lá, elle principiasse a manejar o fusil de guerra, ao chegar aos bancos superiores, já teria pratica e noções necessarias á sua funcção como defensor dos interesses collectivos da nação.

Não quero dizer com isso, que se faça de cada escola uma academia militar ; de cada menino um soldado; não, tudo tem seu modo de ser e seu tempo.

A obrigatoriedade do ensino militar (disciplina militar) gradual para todas as escolas publicas e particulares, desde as primarias ás superiores,

incutiria em todos, a par do civismo, um amor pelas carreiras armadas, e tambem uma dóse de ensinamentos, que no momento preciso appareceriam.

Se todo cidadão fosse obrigado a apresentar um certificado, pelo qual provasse a sua pratica no tiro, quando pretendesse alguma cousa ligada ao governo, como actualmente se faz com o attestado de vaccina e outros, estou certo que muito se lucraria.

A fundação de campos de manobras, onde, durante o prazo maximo de 2 a 3 mezes, fosse o cidadão, no espaço de 3 annos, obrigado a exercitar-se em manobras constantes, sem ser jogado na vida plenamente militar, sem ter quasi tempo de olhar para seus companheiros, sem fazer senão os serviços estrictamente destinadas á guerra, apagaria estou certo, essa idiota repulsa contra a desigualdade de côr e classe e contra a idéa erronea de que os soldados são criados dos officiaes.

Não seria difficil que os industriaes e outros patrões concedessem uma licença de dois mezes, voltando assim os seus empregados a occupar os seus logares, logo que terminasse tão curto prazo de tempo.

Não haveria uma interrupção longa na actividade de cada qual e todos, é de esperar, na expectativa, fariam as suas economias, afim de supprir às necessidades da familia nesse periodo.

Dest'arte, não veriamos o elemento estrangeiro assenhorear-se dos postos que antes occupavam os nossos patricios.

Repito: é preciso que o serviço se resuma na sahida do cidadãos de sua casa para o campo de manobra e d'ahi para a sua casa; nada de quartel!

Poderiamos de outra forma, se adoptassemos o systema chileno, onde cada soldado, em tempo de guerra, passa a sargento-instructor de compa-

nhia, evitar as desvatagens da militarisação completa e directa.

Não é justa a nossa comparação habitual com que se dá nos exercitos dos paizes europeus, os quaes têm a sua razão de ser. A politica, população densa, situação, gráo de cultura, emfim mil outros factos, tornam facil a formação de immensos exercitos nelles. A base de toda a disciplina, ou por outra: a base do exercito está na disciplina, e o esta na unidade moral que faz de milhões de homens um só soldado. Poderá haver essa unidade, quando falta a comprehensão elementar dos deveres indispensaveis ao soldado, pois a sujeição pela bruta força legal e o desespero pelo longo prazo na fileira hão de fazer do soldado o maior inimigo da sua farda?

Tenhamos um exercito forte, mas, procurando primeiro conciliar os interesses do individuo com os da nação, os intercesses da parte com os do todo.

Procuremos inculcar no cidadão que o ser soldado não é trazer uma farda e amarrar-se a um sabre; e sim: o ser nobre e grande na sua inteira dedicação á patria.

Antes de qualquer mudança social, é preciso preparar gradualmente o animo do povo para ella.

Hatez lentement

Preparemos o caminho para os que atraz de nós vêm.

Edmundo Enéas Galvão.

Rio—1907.

Protocollo

O elegante jornal das 6 horas da tarde, o «Correio da Noite», quasi sem antecessores na nossa publicidade periodica, recebeu-nos de uma maneira gentil e superiormente fidalga, como sabem usar os seus valentes redactores com os que começam.

A' nossa vaidade, ainda um tanto juvenil, muito lisongearam as generosas palavras de sua noticia de apparecimento; entretanto, mesmo quando o tempo tiver tirado de cima de nós tão ridiculo defeito, não nos será possivel esquecer o que nella houve de são e de bom—a animação.

Agradecidos.

*
* *

Floreal mereceu de Gonzaga Duque a excepcional distincção de uns cumprimentos.

Ao destacarmos essas saudações, nós reservamos para espirito de escól que é o autor da *Mocidade Morta* o melhor dos nossos affectos, e votamo-lhe as alegrias que saboreamos nos classicos prelios da publicidade; visto que foi elle quem nos deu a immoredora consolação de um applauso sincero.

Que elle receba esta nota jubilosa com uma emoção correspondente á nossa, quando das suas mãos patricias partiram as palmas que foram o nosso hymno de marcha.

Demais, convem dizer, Gonzaga Duque é, para nós, um symbolo e uma synthese; elle é toda a mocidade viva que neste paiz ainda tem a vólupia hiperphysica da arte, do pensamento e do coração.

*
* *

A livraria Luso-Brazileira, desta cidade, acaba de editar um romance de Domingos Ribeiro Filho—O CRAVO

VERMELHO. E' o primeiro de uma série de estudos sociaes e moraes, a que o autor denominou— *Estudo de uma moral*. E' um livro de idéas, angustiado por esse problema que as religiões e as philosophias, com os seus messias e utopistas, têm procurado resolver. A mola interior do livro é aquella questão de todas as moraes: o estabelecimento de uma regra para a nossa conducta á felicidade. Escripto com vigor, sem os arrebiques de estylo dessa nossa litteratura de *a proposito*, o livro do Domingos merece ser lido por aquelles que não guiam as suas leituras pelas receitas dos jornaes.

A falta de espaço obriga-nos a retirar a noticia desenvolvida que d'elle iamos dar na «Revista da Quinzena», na secção —*Litteratura e arredores*— da nossa publicação.

*
* *

O nosso apparecimento não foi auspicioso.

Vendemos 38 numeros, graças aos esforços do nosso distribuidor, o Thomaz Labanca. A capa, disse-nos elle, *matou muito*; é bom que os srs. ponham uma vista: a alameda do Jardim Botânico, a Itapuca ou a Caixa de Conversão.

Teve razão, Labanca; a tal capa aparentou-nos desgraçadamente com a folhinha Ayer.

Demais, sabindo no sabbado, impressada entre tantos e bellos jornaes illustrados, a nossa pobre revista nem sequer podia ser notada.

Alguns jornaes, porém, tiveram a delicadeza e a lealdade de noticiar o nosso apparecimento; foram poucos: o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta*, cremos, e o *Jornal do Brazil*.

Agradecemos tão relevante favor, especialmente ao ultimo, que não se demorou em fazel-o.

ECHOS

Os maravilhosos progressos que o jornalismo nacional tem feito nestes ultimos annos, são estupendos. Ha uma verdadeira instabilidade em cada qual, nessa febril procura de aperfeiçoamentos e disposições novas.

A *Gazeta*, por exemplo, deu ao Rio um exemplo edificante de compadecido respeito pelos grandes sentimentos alheios: trouxe para a primeira pagina, para o Bino-culo, a secção de anniversarios e os ternos bilhetes de amor que, ás vezes, appareciam humilhados entre os «Aluga-se» e «Vende-se», na 4ª pagina.

Jornaes ha que festejam o semestre com boletins gratuitos, e desprezando a base de todo e qualquer jornal, que é ser lido, muito lido, conseguem festejar consecutivos anniversarios.

O desenvolvimento do jornal não foi tão velóz como o do cinematographo ou do *foot-ball*; mas, neste ultimo lustro, vae sendo de uma rapidez que causa pasmo.

O facto, que mais accentuadamente demonstra os progressos rapidos do nosso jornalismo actual, é o de ter *O Paiz*, em mezes, pago a immensa quantia de 800 contos que devia ao Banco da Republica.

* * *

Hontem, em casa de M^{me}. de Bulhoens Silvá, o chá foi servido absolutamente fervendo. E' triste vemos actualmente, quando a energia e a tenacidade do governo passado reformaram quasi totalmente a nossa cidade, esse lado fraco dos nossos criados.

Em Paris ou Londres, não é preciso ir aos primeiros hoteis para se ter, á sua meza o chá na temperatura adequada ao paladar.

Aqui, ou elle vem a ferver ou vem frio, gelado.

O sr. Barão do Rio Branco, com a sua alta cultura historico-geographica e o seu consideravel saber nessas cousas do *savoir-vivre*, deve tomar o maximo cuidado que tal não se dé, quando entre nós estiver El-Rey D. Carlos.

Não seria máo que S. Exa. recommendasse aos nossos Ministros em Paris ou Londres que enviassem para aqui alguns copeiros praticos nessa difficil operação.

Além de servirem para o uso de S. M. Fidelissima, com certeza haviam de ensinar aos nesses actuaes copeiros esse aperfeiçoamento na technica de seu officio. E' uma idéa!

(Dos «Pequenos Echos», da *Noticia*, de 5 do corrente.)

*
* *

Si a *Caravana* litteraria vae trotando pelo asphalto das letras patrias com a lentidão dos camellos chucros ás margens do Asphaltite, uma outra caravana não menos pittoresca tem feito as suas traficancias pelo paradoxal deserto da capital do Brasil.

Referimo-nos á caravana parlamentar, cuja missão pelo areal da patria e tem uns ares medievaes de cavallaria andante e o aspecto divertido d'um *tour* de rapazio pelas confeitarias e casas suspeitas.

Nada ha a oppor a essas sortidas cujo espirito não tem a alta monta com que querem illudir-se os parlamentares e os homens de muito talento.

Si bem que sejam innocuos, uns e outros, apenas por amor á triste coherencia das coisas, nós observamos que nesta 2^a caravana, como na 1.^a, ninguem quer ser camello; são todos beduinos.

Talvez que, na Historia Natural, o homem se distinga bem do camello. . . . mas só na Historia Natural.

*
* *

Não é fóra de tempo dar alguns echos das conferencias do sr. G. Ferrero.

Como se sabe, tiveram lugar no palacio Monróe, o catita polacio Monróe do alto gosto do Barão do Rio Branco; e dellas, graças ao curioso geito que tem o sr. Mario de Alencar para peneira ou crivo, foram joeirados todos aquelles que não fazem parte da *essencia da fina flôr da intellectualidade carioca*.

Estiveram presentes colleteiras eruditas, confeiteiros illustrados, negociantes de vinhos que fallam italiano porque nasceram na Italia, além de um interessante desembargador, que aproveitou conscienciosamente o tempo para conversar, no vão de uma janella, com um seu joven amigo, sobre uma novissima marca de suspensorios.

Lastimo, dizia o seu interlocutor, que fiquem occultos pelo collete e paletot. São tão bonitos!...

O desembargador, se bem que joven (*jeunesse qui veille..*), resiste ao somno; o mesmo, porém, não se dá com muitos outros, entre os quaes o sr. de Rio Branco, que foi apanhado *pregando uma pestana*. A idade...

E' preciso não esquecer tambem que houve um Doutor Vasconcellos (?) que aproveitou aquellas lindas e sabias palavras sobre os tempos de Tiberio, para discutir com um amigo cousas do.. Moulin Rouge.

Houve suggestão?

*
* *

A 26 do mez ultimo, o «BINOCULO», o super-elegante «Binoculo» da *Gazeta de Noticias*, o inventor do Corso, pelo que, como tão bem diz *O Pádo*, merece a gratidão do estabelecimento Moreau, ensinava a significação de *professional beauties*. E' engraçado! Se o elegancial «Binaculo» continúa nesse papel de dictionario Valdez, vae se ver abarbado com os meninos dos cursos secundarios da cidade.

A toda a hora, terá que attender a listas de *significados*, chegadas do Gymnasio, do Paula Freitas e Alfredo

Gomes, pedindo a traducção de *bread, milk, money, all right, man, place, very good e yes*.

E' pena que o Binoculo, que se destinava aos altos fins de «Manual de civilidade», venha acabar nesse infimo papel de alumno adiantado de classe de inglez, pelo methodo de Ahn. E isso é tanto de penalisar, quanto bem se póde imaginar que lhe vae faltar espaço para a descripção quintessenciada das *toilettes* femininas que passam na rua do Ouvidor, o que lhe dava tão linda semelhança com os catalogos do *Parc Royal*, casa estimadissima pelas estonteantes bellezas do *Meyer e Todos os Santos*...

Uma cousa: os senhores devem ter notado que, actualmente, os conselhos elegantes substituiram as receitas de doces de que antigamente os nossos jornaes não se esqueciam de dar. Não notaram? Pois vaie a pena para esclarecer alguns pontos da nossa evolução jornalística.

Os jornaes...

*
* *

— «Quantos, Labanca?»

— «Trinta e oito», respondeu o Labanca, com intonação compungida.

— 38! Sim, tinham sido 38 os exemplares avulsos, vendidos do primeiro numero da *Floreal*! Trinta e oito—38—sobre os 850.000 habitantes da cidade do Rio de Janeiro, por curiosidade, por esquecimento, por qualquer motivo, este aqui, aquelle mais adiante, haviam composto unidade por unidade, aquelle numero, unico entre todos os da serie dos numeros inteiros, que teriam que figurar no activo da *Floreal*:

VENDA AVULSA.... 38 EXEMPLARES

Trinta e oito heroes eram esses, seguramente, que ousavam assim proceder diante de toda esta heroica ci-

dade, talvez na rua do Ouvidor, á vista do Dr. Ataulpho e da casa Raunier! Uma onda de gratidão nos invadiu a alma. Bemdictos 38! Bemaventurados 38! Dignos 38! A vida vos seja propicia e os peccados vos sejam perdoados! Que um genio bom vos conduza os passos, e sonhos amigos vos indiquem, sem capciosidades, o bicho de cada dia!..

E veio-nos a curiosidade de saber quem elles eram... Foi esse um trabalho difficil em que tivemos de empregar todo o nosso esforço, vencendo obstaculos formidaveis. E um a um fomos resolvendo aquelles 38 mysterios. Soubemos quem era o primeiro... Depois o segundo, o terceiro, o quarto... Finalmente, o trigesimo terceiro, o o trigesimo quarto, o trigesimo quinto!... Faltavam tres... Quem seriam elles? Ahi foram baldados os processos communs de investigação. As maneiras e os recursos normaes de inquerito falhavam completamente, e fomos obrigados a empregar processos extraordinarios. Lemos o Stuart Mill, o Bain, o Jevons... Procuramos entender Hegel, fomos á rua Benjamin Constant, consultamos o sr. Ferrero... Compramos o Kant e fomos a sessões espiritas.... Ousamos passar a menos de 10 metros da Academia Garnier.... Embrenhamo-nos n'uma teia emaranhadissima de cogitações, fizemos um raciocinio complicadissimo que nos levaria paginas a expôr aqui, e ficamos sabendo que que os 3—esses 3 que restavam—eram.... imaginem lá!.. Da *Caravana!!!*...

— Sim!! Da *Caravana!!!*... Da *Caravana* que havia effectuado uma reunião secretissima e que havia entregue a 3 dos seus membros plenos poderes e 1\$500 para a compra de 3 numeros da *Floreal!!!*...

— *Caravana!* A *Floreal* retira ao que disse de ti no seu primeiro numero o correspondente a esses mil e quinhentos réis! *Caravana!* Ser-te-ha contado isso no teu activo! Não se dirá mais de ti que não sabes senão comer banquetes e compôr *menus!* Tem confiança, *Caravana!*

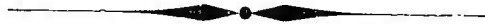
No juizo final da Historia, em que parecez acreditar, ser-te-hão descontados mil e quinhentos réis (Rs. 1\$500) de peccados e indigestões!!...

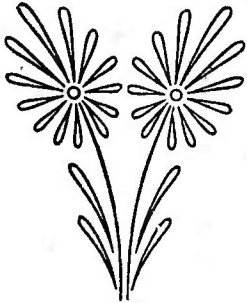
*
* *

Dos Pequenos Echos da *Noticia*:

«E' no primeiro domingo a sahida mensal do Collegio de Sion, de Petropolis.»

E' importante!





Floreal

ANNO I



Num. 3



PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto



REDACÇÃO

RUA SETE DE SETEMBRO, 89

(1.º andar)



BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

Avulso: \$500

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.	3\$000	— Semestre.	6\$000
Anno.			12\$000
Avulso.			\$500



Rio, 12 de Novembro, 1907



Summario :

<i>A Evolução da Materia</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Tunica de Beijos</i>	Octavio da Rocha
<i>Cezar</i>	Gilberto Moraes.
<i>Plueação Negativa</i>	D. Ribeiro Filho
<i>Recordações do escrivão Isaias Caminha</i> (Continuação)..	Lima Barreto.

Revista da Quinzena :

<i>Jornaes e Revistas</i>	Juliano Palhares.
<i>Literatura e arredores</i>	Lima Barreto
<i>Theatros e Conferencias</i>	Chaves Barbosa
<i>Echos</i>	



AVISO

Prevenimos aos interessados que os numeros atrasados desta Revista podem ser obtidos na livraria Luso-Brasileira, á rua da Assembléa a. 46, ou na nossa redacção, á rua Sete Setembro n. 89, sobrado, onde sempre estamos, nos dias uteis, das 4 ás 5 hoas, á disposição dos que nos procurarém.



A Evolução da Materia

PELO DR. GUSTAVE LE BON

— Os raios cathodicos, os raios X, a luz negra, a radioactividade, crearam mais de uma difficuldade ás idéas que encontraram reinantes no dominio da Physica. Concépções antigas, velhas hypotheses, d'essas que Augusto Comte condemnou como anti-scientificas e que talvez sejam elémentos necessarios da comprehensão e resultados inevitaveis da capacidade de associar idéas, foram tomadas de surpresa por essas aparições com que não se contava, em desaccordo com ellas, apparente ou real. Multiplicaram-se então as investigações, construíram-se e destruíram-se hypotheses e theorias, tentando interpretar os factos conhecidos e soldar ás antigas as novas observações. O Dr. Gustave Le Bon distinguio-se extraordinariamente n'esse trabalho e o seu livro — *L'Evolution de la Matière* — é resultado de estudos feitos n'esse sentido.

— A conclusão ultima d'esse livro, conclusão que o Dr. Gustave Le Bon põe desde logo em destaque, prende immediatamente—é a negação do principio da indestrutibilidade da materia. Ao principio de Lavoisier — *Nada se perde, nada se crea* — elle substitue o seguinte: *Nada se crea, tudo se perde.*

—Dadas as idéas correntes actualmente, eu imagino que muita gente deverá ter diante d'isso a impressão que eu tive, de que se tratava ou de um erro grosseiro, ou de um paradoxo mais ou menos bem sustentado: em todo o caso de um trabalho de nenhum ou de pouco valor scientifico. Mas acontece que a demonstração do principio de Lavoisier deixa logar a objecções. Ella se limita á constatação, com o gráo de imprecisão das balanças mais aperfeiçoadas, da permanencia do peso; e é o caso de perguntar se entre a approximação da pesada e a duvida da generalisação não ha talvez lugar para alguma coisa que teria então um alcance provavelmente extraordinario. O facto, assignalado por Spencer, de não se poder conceber o desaparecimento de uma porção de materia, ainda mesmo que a nossa conformação cerebral o mantivesse indefinidamente não parece bastante forte ahi — não seria a primeira vez que o homem se encontrasse diante de duas affirmações diametralmente oppositas e todas duas irrecusaveis diante dos elementos cerebraes: bastava mesmo por, exemplo, o famoso sophisma de Zenon.

De qualquer maneira, eu li as primeiras paginas do livro e tendo lido essas primeiras paginas li todo elle. Elle é interessantissimo e talvez seja o ponto de partida consciente de uma grande modificação philosophica e economica. Não é que eu acceite tudo ou a maior parte do que o Dr. Le Bon diz ahi. Muito longe disso, muito frequentemente tive que discordar do que elle pensa. Mas o livro é por tal fórma rico de idéas, de observações, de experiencias interessantes, de approximações surprehendentes, que empolga immediatamente e prende até o fim. E a parte de verdade definitivamente obtida, posto que pequena relativamente do alvo que se teve em mira, é assim mesmo qualquer coisa que não se póde dizer até onde po-

derá crescer e que modificações poderá effectuar nas nossas condições de vida e nosso modo de comprehender o mundo.

Segundo o Dr. Gustave Le Bon a materia toda se dissocia lentamente; os productos dessa dissociação tem caracteres intermediarios entre os da materia e os do ether, tanto mais proximos d'este e tanto mais affastados d'aquella quanto mais adi-antada a dissociação; e tudo desaparece aos poucos no ether. Elle imagina para a materia uma constituição particular. Diz elle (pag. 12): «quando estudarmos a structura do atomo chegaremos á conclusão que o atomo é um immenso reservatorio de energia unicamente constituido por um systema de elementos imponderaveis mantidos em equilibrio pelas rotações, attrações e repulsões das partes que o compõem. D'este equilibrio resultam as propriedades materiaes dos corpos taes como o peso, a forma e a apparente permanencia. » Essa energia contida no atomo é o que elle denomina a *energia intra-atomica* e é com ella que elle explica os phenomenos de dissociação — os raios X, os raios cathodicos, as emissões radioactivas.

Foi o Dr. Gustave Le Bon quem primeiro demonstrou o character geral dos phenomenos de radio actividade observados a principio no Uranio e depois no Thorio, no Radio, etc.: n'um pequeno numero de corpos que pareciam os unicos a possuil-a. Effectuou um grande numero de experiências e as descreve no seu livro, mostrando como pela acção da luz ordinaria, da luz ultravioleta, da electricidade, do calor, das reacções chimicas, são obtidas dos corpos mais diversos os phenomenos radio-activos. Approxima os raios X e os raios cathodicos d'essa ordem de phenomenos e conclue pela identidade dos primeiros aos raios *gamma* e dos segundos aos raios *beta* das emissões radio-activas.

Para o Dr. Gustave Le Bon toda a manifestação de radioactividade importa em dissociação revelada e demonstrada pelos effeitos de calor, de electricidade, pelo spintariscopeo, pela acção magnetica.

Procurando medir, applicando theoremas de mecanica racional, a energia necessaria para a projecção de particulas, como eletrons e ions, productos da dissociação, com velocidades da ordem da velocidade da luz, elle chega a algarismos extraordinariamente grandes: a dissociação de uma peça de um centimo, effectuada n'um segundo forneceria 6 bilhões e 800 milhões de cavallos vapôr.

Elle procura harmonisar tudo isso com a sua hypothese da constituição da materia. As particulas projectadas, quer dos tubos de Crookes, quer de corpos quaesquer em radioactividade, seriam então elementos dos turbilhões atomicos cujo equilibrio fosse perturbado. N'esses elementos, n'essas particulas, que effectuam impressões photographicas, phosphorescentes, e atravessam, algumas, chapas de aço, elle encontra o desaparecimento de uma parte das propriedades da materia, a constancia, por exemplo, do elemento—massa—, a massa passando então a crescer com a velocidade. Elle procura acompanhar a dissociação até onde pôde, o mais longe que lhe é possivel— até os electrons dos raios *gamma* e dos raios X. E imaginando a evolução, ou melhor, a dissolução continuando n'esse sentido elle conclue pela perda final de todos esses effluvios no ether.

A hypothese é engenhosa e os elementos que se vão reunindo aos poucos tornam, á medida que se caminha pelo livro, a objecção cada vez mais difficil.

Experiencias de photographia e de electricidade, aproximações e observações de toda a ordem,

tornam, aos poucos, cada vez mais sustentavel essa synthese dentro da qual se encontraria mesmo a electricidade commum.

Em seguida elle expõe a importancia enorme das pequenas quantidades de substancia; o valor d'aquillo que se denominam as *impurezas* em Chimica; as probabilidades de que a radioactividade seja o effeito de reações chimicas; a variabilidade das especies chimicas; e a unidade provavel da composição dos corpos simples. E termina com um resumo de todas as suas idéas no assumpto no capitulo que intitula—Nascimento, evolução e fim da materia.

O livro está cheio de defeitos e de erros mas é simplesmente empolgante. Parece impossivel que um outro livro com o mesmo numero de paginas possa suggerir maior numero de idéias. Os factos apresentados ahi são do maior interesse, determinando approximações imprevistas e curiosissimas. A's vezes mesmo elles tem uma applicação immediata e facil a problemas extranhos ou que pelo menos parecem extranhos ao assumpto de que se trata, como, por exemplo, para citar o caso mais simples e mais claro—o dos veos incandescentes. Ahi o oxydo de thorio sosinho não produziria ou produziria em gráo muito pequeno a propriedade da incandescencia, e esta só é obtida convenientemente com a addição de 1 % de oxydo de cerio. Com o augmento ou a diminuição de quantum d'esta ultima substancia a incandescencia diminue immediatamente. Comprehende-se o valor de uma comparação n'esse sentido relativamente á medicina homœopathica.

O livro é assim extraordinariamente interessante; mas haveria n'elle muito que corrigir.

A exposição do Dr. Gustave Le Bon conquanto rapida, facil, brilhante, tem o defeito de diluir a argumentação, espalhando a dedução pelo livro

todo de um modo mais ou menos desordenado: o raciocínio não é seguido, homogêneo, seguro. Além d'esse ha, n'essa ordem de idéias, relativa á feitura geral do livro, ao modo geral de pensal-o e de escrevel-o, um outro defeito muito sério. Esse defeito, importantissimo, se revela logo no enunciado mesmo da sua conclusão: nada se crea, tudo se perde. Quem vê uma phrase como essa, imagina naturalmente que o Dr. Gustave Le Bon affirma a destruição da substancia emquanto que elle tem em mente a transformação da materia em elementos imponderaveis e a sua incorporação no ether, que não se póde dizer que não seja substancia. Depois ha mais ainda. O Dr. Le Bon apresenta a hypothese de haverem surgido o atomo e a materia da condensação do ether. Se é possível que a materia tenha provindo do ether, não seria possível ainda hoje uma evolução semelhante? E d'ahi, no mesmo sentido em que se disse que—tudo se perde— não se poderia, não se deveria admittir a hypothese de que alguma coisa se creasse? E não se poderia imaginar mesmo ahi um d'esses rythmos de movimento de que Spencer fala, a condensação e a dissociação se succedendo, n'uma oscillação, como uma arvore balançada pelo vento, em torno de um valor medio?

— Esse erro domina o livro todo, apparecendo ora aqui, ora ali, até a conclusão final

Além d'esses dois defeitos fundamentaes, o livro está crivado de outros de detalhe, de erros, de falhas. Assim é que o Dr. Gustave Le Bon se apresenta em posição especial contra os fazedores litterarios de philosophia, se apresenta como um observador meticoloso e a cada passo faz affirmações de que se está vendo immediatamente a falta de meticulosidade. Basta citar dois factos. Na pag. 8 diz o Dr. Le Bon que elle havia demonstrado experimentalmente que « os phenomenos observados

com os corpos ditos radio-activos taes como o Urânio — o unico d'essa especie então conhecido — podiam ser observados em todos os corpos da natureza»... Ora basta observar, entre outras coisas que occorrem immediatamente, que na epoca em que o Dr. Le Bon diz ter feito essa demonstração, segundo a sua propria affirmação n'esse mesmo trecho citado, o unico corpo, dos ditos radio-activos, conhecido, era o Urânio. A generalisação era muito mais açoitavel do que a que é feita geralmente aqui nas aulas de Physica onde se prova a existencia dos chamados póros sensiveis *em todos os corpos* fazendo passar mercurio atravez de um pedaço — sempre o mesmo, parece — de couro de buffalo; mas ainda assim era defeituosa. Esse é o primeiro facto; o segundo é o seguinte: á pag. 17 o Dr. Gustave Le Bon, procurando mostrar como era por sabios eminentes respeitado o principio de Lavoisier, cita Spencer erradamente. Diz o Dr. Le Bon á pag. 17:

« C'est ainsi, par exemple, qu' Herbert Spencer dans un chapitre des *Premiers Principes* intitulé *l'Indestructibilité de la matière*, dont il fait une des colonnes de son système, déclare que « si l'on pouvait supposer que la matière peut devenir non existante, il serait nécessaire de confesser que la science et la philosophie sont impossibles. » Ora o que Spencer diz não é isso. O que elle diz é o seguinte que eu copio textualmente da traducção de Cazelles:

« Si l'on pouvait montrer, ou si l'on pouvait avec quelque apparence de raison supposer, que la matière, soit dans ses masses, soit dans ses atomes, puisse devenir non existante, il faudrait ou constater sous quelles conditions elle devient non existante, ou avouer l'impossibilité de la Philosophie et de la Science »; o que é bastante differente do que publicou o Dr. Le Bon. Evidentemente foi uma citação feita de memoria, tanto mais que a querer citar aiguma

coisa n'esse sentido o Dr. Gustave Le Bon poderia citar o que é dito n'esse mesmo capítulo, no fim, sobre a indestructibilidade da materia considerando-a como significando apenas « a indestructibilidade da força » pela qual a materia nos é revelada. Esta citação aproveitaria mais ao Dr. Le Bon do que a do trecho que elle attribuiu a Spencer mesmo que Spencer o tivesse escripto. Não se trata de modo algum de uma citação propositalmente errada: essa supposição é que pôde haver de mais absurdo. Mas é em todo o caso um defeito, uma falta a notar, sobretudo em quem falou como elle na philosophia que sahe do laboratorios.

— Mas o livro tem ainda defeitos de outra ordem e fortes.

Tratando-se de calcular a energia proveniente da dissociação, á pag. 41, o Dr. Gustave Le Bon applicou ao movimento das particulas projectadas, o theorema das forças vivas. Ora sendo esses productos da dissociação, segundo o Dr. Gustave Le Bon, elementos de transição entre a materia e o ether, nada garante que a elles sejam applicaveis os theoremas da mecanica racional, deduzidos das 3 leis fundamentaes, de Kepler, de Galileu e de Newton. E' verdade que logo depois, á pag. 45, o Dr. Le Bon diz:

« Notre calcul de l'energie radio-active a été établi dans les limites de vitesse ou l'experience démontre que l'inertie de ces particules ne varie pas sensiblement, mais il est possible qu'on ne puisse — comme on le fait généralement cependant — assimiler leur inertie a celles des particules matérielles et, alors, les chiffres trouvés pourrait être différents. »

Mas, ainda que se interpretasse esse trecho da maneira mais favoravel, mais adiante, á pag. 185, o Dr. Gustave Le Bon conclue das experiencias de acção de campos magnetico e electrico sobre as par-

ticulas *beta*, que a massa d'essas particulas varia coma velocidade. Ora se a mecanica fosse applicavel ahi, salvo uma demonstração directa que não foi feita, o valor achado para a massa não seria variavel. A applicação dos theoremas da mecanica racional conduzindo a essa variabilidade, isso é um signal, salvo a hypothese citada e não verificada, de que a mecanica não é applicavel ahi. Nada garante então a realidade do valor achado para a massa. Poder-se-ia garantir sim, salvo vicio de experiencia, que não se tratava de materia commum, d'essa que nos é familiar e com que nós fazemos experiencias e observações para o estabelecimento das 3 leis da base physica da mecanica racional; mas não se póde dizer que nas particulas examinadas a massa varie com a velocidade.

Tratando-se da conservação do calor do Sól o Dr. Gustave Le Bon a attribue á energia intra-atômica libertada pela dissociação Mas n'esta questão de calor do Sól, debatida ha tanto tempo, não haverá um vicio de generalisação? Póde-se garantir, é razoavel acceitar que em todos os pontos da superficie espherica que tem para centro o Sol e para raio a distancia do Sol á Terra a descarga calorifica seja o que se observa aqui, no nosso planeta? Não haverá motivos para acceitar, pelo menos como hypothese, que essa descarga de calor é maior na direcção dos planetas do que nas outras direcções do espaço, em que a irradiação só muito longe do Sól encontre um corpo mais frio do que ella? Não se poderia assimilar o facto ao que se daria com encanamentos d'agua partindo todos de um mesmo reservatorio cylindrico, de fundo horizontal, geratrizes verticaes e secção circular, tendo todos a mesma carga, o mesmo diametro, a mesma declividade, inteiramente nas mesmas condições todos elles excepto quanto ao comprimento que eu suporia menor n'um d'elles do que nos outros?

Ha ainda uma serie de defeitos que eu deixo de citar para falar no mais interessante, pelo que revela do espirito do autor.

O Dr. Gustave Le Don é, pelo menos em Physica, o que o positivismo denomina um espirito metaphysico. Já não falando na sua crença na realidade do ether, que poderia ser apenas um effeito da permanencia, elle acredita por demais nas hypotheses que faz. A's vezes elle declara que se trata apenas de uma hypothese — mas logo adiante vem uma affirmacão cathgorica de certeza. Electrons, ions, atomos, turbilhões atômicos, elle acredita n'isso tudo.

N'esse terreno das hypotheses Augusto Comte é particularmente exigente. Elle não se contenta com a duvida a respeito de uma hypothese. Vae mais longe e só as permite em Sciencia como adiantamentos sobre a experiencia. E' mesmo ainda mais preciso dizendo na Philosophia Positiva :

« ; et que, par conséquent, on admettra, en physique, comme principe fondamental de la vraie théorie relative á l'institution des hypothèses, que *toute hypothèse scientifique, afin d'être réellement jugable, doit exclusivement porter sur les lois des phénomènes, et jamais sur leurs modes de production* ».

As hypothese do Dr. Gustave Le Bon seriam todas ellas condemnadas por Comte. Em todo o caso não me parece que essa condemnação fosse inteiramente justa. Uma hypothese sobre o modo de producção dos phenomenos, apresentada como hypothese, pode ter a vantagem de effectuar uma synthese e de compôr a comprehensão como um symbolo. E' mesmo inevitavel até certo ponto. Quem é que vendo o crepitar das pequeninas estrellas na placa de sulphureto de zinco de um Spintariscope pôde deixar de associar o phenomeno ao choque de feixes de particulas?

Mas ha alguma coisa mais ainda. A crença, mesmo como a tem o Dr. Le Bon, n'essas hypotheses póde ser um estímulo forte para observar e compôr experiencias. O Dr. LeBon o sente. E não será essa crença errada, mais fecunda, a esse respeito, do que a feição positivista ?

— Mas com tudo o que se póde notar de defeituoso ou de inferior no trabalho do Dr. Gustave Le Bon, o seu valor ainda assim, é extraordinario. O caracter geral da radio-actividade, descoberto e mostrado por elle; as suas experiencias photographicas; as probabilidades que elle constróe da unidade de composição dos corpos; as aproximações e as hypotheses com que elle procura enfeixar um grupo vastissimo de phenomenos — tudo isso fica de pé. E elle nos colloca diante de uma possibilidade com tal força que mesmo tratando-se da destructibilidade ou indestructibilidade da materia, é necessario examinal-a e discutil-a cuidadosamente sem que se saiba de ante-mão aonde se irá chegar — se no fim do caminho ter-se-ha ou não que modificar bastante idéias fundamentaes na concepção do mundo.

M. Ribeiro de Almeida



TUNICA DE BEIJOS

AO DEODORO LEUCHT

Em teu collo de jaspe a cabeça repouso
 E aspirando ó perfume e aspirando esse aroma
 Que se evola de ti, um desejo me assoma
 De sorver toda inteira essa fonte do Gozo

Uma poma me deste e depois outrã poma
 — Taças cheias de vinho — esse vinho cheiroso...
 Gotta a gotta sorvi o licor capitoso
 Que domina meu ser e os sentidos me doma

Lança as vestes de ti, e inteiramente núa,
 — Mostra teu corpo feito de um bloco de lua,
 Olympico, soberbo, a provocar desejos ;

E ao ver-te a fórma esculptural, a fôrma unica,
 Tua nudez envolvi nas dobras de uma tunica
 De caricias tecida, tecida de beijos!..

Octavio da Rocha.



CEZAR

Era um grupo de cinco ou seis creanças, formando roda ali, na alameda do jardim. O sol pallido, fraco, o anemico sol dos poentes invernaes diluía tonalidades melancolicas na relva verde-escura dos tableiros. Paradas ou saltitantes as creanças brincavam; juntas ou separadas iam, vinham e fugiam de novo. Nas corridas, nas fugas, nos ataques, às vezes, os seus cabellos louros, castanhos, negros, compridos ou curtos, chocavam-se. Os olhos banhavam-se de lágrimas brilhantes, de coleras rapidas.

Mas o que mais me prendeu a attenção foi um menino de oito ou nove annos, que pulava e corria mais do que os outros. Em certos instantes quando elle estava mais longe, eu sentia de um banco proximo a^o meu, um olhar tranquillo de mãe, inquietar-se e seguir vigilante os passos rapidos, emquanto uma voz murmurava «Cesar, Cesar.»

Nome evocador de idades mortas, de tragedias onde turbas submissas rugiam revoltadas e de novo se submettiam. E este outro Cesar, infantil e fraco, ali volteando pelas avenidas areientas do campo.

Quando elle voltava, meio cançado, com a bocca entreaberta, ia sempre sentar-se e a mesma voz velada e profunda dizia:

—Cesar, tu não corres mais hoje.

—Mais uma carreira só, os outros ainda vão correr.

E pedindo, voltava, para os olhos que o fitavam os seus grandes olhos negros, supplicantes, acariciadores, fugindo novamente para o circulo dos amigos, e Cesar reduzido do seu pequeno mundo, ia dirigir novos brinquedos, novos jogos.

Logo que vinha outra vez, para o banco, dos mesmos labios, cahiam quasi as mesmas palavras:

—Agora acabou, tu estás muito suado.

E uma branca e fina mão deslisava pelas costas do dolmann pardo, dedos indagadores, emquanto o filho respondia:

—Esta é a ultima, só esta.

Mais uma vez a mãe deixava que o já insubmisso Cesar fosse de novo pular, correr, cançar-se, pelas ruas, pelas avenidas, entre os outros meninos, na frente de todos, numa alegria doida, transbordante, no contentamento absoluto da idade irreflexivel.

Por instantes, um desvio imprevisto da marcha, trazia-os, a todos, bem para perto de mim e eu pódia contemplal-o a vontade, galopando serenamente.

Quando no jardim florido e magnifico, nesse mystico minuto ante-crepuscular puz-me a pensar nesse Cesar, amimado, obedecido, vigiado por um carcerreiro preso a sua vontade. Vi-o caminhar pela vida crescendo entre risos e festas, trotando em volta dos campos, dirigindo velocipedes, com satisfações successivas, infinitas, calmo, rico, querido e sempre feliz, até o momento em que bem amado da vida, soffresse a primeira dôr. Como a todos, chegaria a hora em que elle havia de sentir a cada passo que desse, uma figura seguindo a seu lado, attenta, inilludível.

Com a primeira idéa, o trabalho multimillenar do homem em revolta contra a natureza entraria linha a linha em seu cerebro a dentro deixaria o residuo de todas as dôres, das alegrias mesquinhas, das illusões dispersas, dos sonhos irrealisaveis.

E logo, com a segunda interrogação esse Cesar, para quem o mundo hoje se concentrava numa corrida e num descânço, havia de ver entrar, sem o poder impedir, no pensamento fumegante, o aguilhão formidável da duvida.

Depois, por todos os lados, rodeando-o, vendo todos os seus actos, guiando todos os seus passos, examinando todas as suas resoluções, os braços incontaveis da sociedade, a teia immensa onde todos são aranhas e todos são moscas; a teia insaciavel chupando, enrolando, asphyxiando...

Como o antigo escravo que adorava ou aborrecia o senhor, conforme o senhor dava descânço ou chibata, elle havia de odiar a vida, para logo após amar a vida e desprezal-a depois e tornar a idolatral-a, segun-

do recebesse da impenetravel deusa uma dadiya ou um castigo.

E a vida na sua horrivel harmonia tem de ser inflexivel. O homem está preso á Terra, a Terra ligada ao Sol, o Sol suspenso de outra estrella e tudo, do verme ao astro, galopa pelo espaço sem termo, tudo seguro, domado no infinito do tempo; na immensidade da distancia infinita.

Feliz daquelle que se satisfaz da sua liberdade relativa e se contenta quando o seu curto pé transpõe a todos os instantes o mesmo curto caminho e quando a sua idéa infima alcança o seu infimo conceito. E esse já indomavel Cesar tinha de ser como todos os revoltados, o escravo da vida; o servo que ruge concentrado.

Agora o mundo era o campo, cortado de alamedas sinuosas, cheio de grama e paz onde as suas pernas firmes galopavam, não sentindo ainda os abysmos imprevisos, os poços invisiveis fervendo, por detraz das rosas e da relva.

Ainda lá estavam todos rapidos, circulando, fugindo pela pista enorme e Cesar na frente altivo, triumphante e, attentas, seguindo-o, duas doces, tranquillias, profundas pupillas.

Quinze dias depois tornei ao campo, por um novo poente. O leve rumor, que passava, não conseguia afastar o silencio sagrado da hora. As mesmas crianças corriam, mas os passos deslizavam pesados, gritavam e os gritos saiam abafados e quando uma voz mais alta troava espancando a tristeza das coisas, havia gestos assustados.

Procurei com o olhar Cesar, o victorioso, o bem amado da vida, e no grupo que o peso indefinivel da hora chegava a tornar sombrio, não encontrei os

seus cabellos escuros, a face rosada, as pernas nervosas, todo o seu corpo radiante de leveza, de alegria.

Só no mesmo banco, no logar de sempre a mesma figura feminina, esbelta e grave, fitava com as pupilas saudosas, doloridas, a roda infantil e a sua visão scismadora, num longo olhar de exprobação e revolta ia mais longe, tacteando o espaço em direcção á abobada soberba, onde o Sol agonizava e ondé ella pensava existir um mundo, uma região encantada e mirifica, em que a alma pura e branca de Cesar, bem amado da vida, vagava entre incensos e canticos.

Rio, 907.

Gilberto Moraes



A Educação Negativa

IDÉAS GERAES.

O espectáculo desgostante da vida moderna, o aspecto irregular e inquietador da sociedade em que a fortuna ou o infórtunio nos mantem, fazem com que se pergunte:—Será este o fructo logico e legitimo da educação positiva que se ministra á mocidade contemporanea?

Eu o creio. A força de nos ensinarem a viver, matam-nos. Fazem de nós como dos animaes amestrados, os cães e ursos sabios, deslocados do meio natural e postos ao suicidio lento para hilaridade das multidões.

Educar é desvirtuar; toda a educação, por consequencia, age como os artificios, os instrumentos, os processos de transformação de um objecto

em outro, de um ser em sujeito diverso, de uma forma em forma divergente. Os bens ou os males da educação são de tal modo confundidos uns com outros, que é impossível dizer claramente onde uma educação trouxe um proveito, onde ella trouxe um desastre.

A analyse de todos os actos de nossa vida, executados, não de accordo com os instinctos, mas consoantes ao modelo dado na educação, a analyse e a critica da nossa vida social são, nesse ponto, extremamente fecundas. Nós nada sabemos, nós não temos o menor vislumbre de consciencia para qualquer distincção entre os proveitos colhidos pela nossa educação e as perdas que della nos resultam.

Entretanto, como recurso de graça, a illusão milita em nosso favor, e na maioria dos casos asseguramos ingenuamente que vamos bem e que, somos felizes. Quer isso dizer: qualquer que haja sido a nossa educação, os actos de nossa vida se cumprem pelo melhor, ou, si estamos em estado de pessimismo, tudo nos vae mal. Nenhuma revolta, porém, contra a educação surge do desgosto de viver de accordo com os modelos impostos. Demais, na propria educação que se nos ministra, e que não passa de um *Chernowitz* moral e elegante, com formulas e receitas para as abstracções da vida, ha um principio altamente positivo para agir como escudo e máscara no convivio das gentes, e vem a ser este aphorismo machiavelico: « a ninguem confesses a tua fraqueza ». Resulta d'ahi que, tudo quanto confessamos, deve ser forçosamente o inverso daquillo que não confessamos; a verdade sobre os factos está com o segredo, e o segredo é a miseria, a vergonha, a ruina, a gangrena. Sobre-tudo, uma vez que semelhante aphorismo é do uso e da consciencia de cada um, todos nós já guardamos contra o proximo uma duvida segura depri-

mindando e invertendo todas as affirmações optimistas que ostentamos no *train-train* da vida.

Apezar, portanto, de nos sabermos falsos, nós nos acreditamos verdadeiros; tal é a força aniquiladora da nossa inverosímil educação.

Disgredindo assim sobre um caso pittoresco do moral humano, já sufficientemente discutido, eu guardo uma certa benevolencia contra esses principios que, sendo indifferentes para os fins particulares a que se destinavam, são fecundos para os fins superiores vizados por uma nobre rebeldia contra a vida actual.

Quero dizer que, á imagem desta parte modelar da educação social, o todo da educação humana é uma boa farça, um illusionismo, uma *jonglerie* que divertem um momento, uma vida inteira mesmo, mas que desgostam alfim, que irritam, que envenenam.

Semelhante educação que nos torna anormaes, artificiosos e articulados, é chamada de caracter positivo.

Si é positiva, e nos ensina o inutil, nos subjugando ao ephemero e nos desgarrando no superficial, a educação moderna dá logar a que pensemos, como remedio a um mal desgostante, em outra educação, na *educação negativa*, cujos fructos é possível avaliar desde já.

Não é só ministrando aos educandos uma serie negativa de principios em contrario aos que formam o corpo de doutrina actual, que se terá feito a obra maxima da educação negativa. O contrario das coisas que nos ensinam pouco nos ensinará. As deformações da educação positiva juntar-se-iam ás da negação, feitas em sentido contrario, por forças oppostas que acabariam aniquilando ou reduzindo a uma massa informe o sujeito sobre que agissem.

A educação negativa deve ter uma sanção pratica nas formas e nos recursos em que a educação positiva haja falhado, e embora essas falhas sejam quasi totaes, o systema não deve substituir radicalmente o outro, para não falhar egualmente.

Eu digo, por exemplo, educando á moda positiva: *Tem ambições e sê forte*; na fórmula negativa eu direi: *Tem ambições, mas limita-as á educação pura e simples dos teus sentidos, sê forte, mas tanto quanto baste para realizar os teus desejos.*

Ha ahi uma objecção grave: Os teus sentidos, sendo imperfeitos, as tuas ambições serão desmarcadas; os teus desejos, sendo anormaes, a tua força será monstruosa.

Sim. A'quelles que me objectassem semelhantemente, eu diria que os sentidos são a parte da natureza que a educação tem, até hoje, tentado aniquilar, e que só por essa deformação sinistra é que elles são irregulares, vesgos, *gauches*, claudicantes. Toda a educação que comprime os sentidos é falsa e odiosa, e, si é positiva aquella que os annulla, a negativa tenderá a cultural-os e restabelecel-os no nivel regular e compativel com a vida em si.

Os desejos, manifestações desses sentidos, são a vida por excellencia, e falar nelles é abranger o cyclo de toda a existencia animal. O mesmo racio-cinio anterior se applica á objecção sobre a educação negativa dos desejos.

Ainda outro exemplo de pequena monta: Na educação actual, desde a cultura scientifica até á dos deveres do homem no seu fôro intimo, somos preparados para uma chimera ou muitas chimeras que se chamam: o Bem, a Justiça, a Egualdade, o Amor

Ainda que a vida nos desminta asperamente esses principios, acreditamos na sua validade, porque a educação positiva repousa sobre elles ou os mantém como mediadores da batalha implacave

pela existencia. Pois bem; na educação negativa dir-se-á simplesmente: «não ha bem nem mal, justiça ou injustiça, egualdade ou desigualdade, amor nem odio.»

Um espirito forrado dessa negação tem as mais solidas garantias contra as comedias que se representam, os qui-pro-quos, os *mal-entendus* nascidos daquellas chimeras; por isso que os factos, que ellas implicam, se demonstram negativamente por inversão. Uma vez, portanto, que o educador assevera haver um bem, elle presuppõe o mal no avesso, o odio nos antipodas do amor, a injustiça no reverso da justiça.

Si até hoje, todos os esforços dos espiritos apaixonados não conseguiram provar, nem definir, nem isolar o bem, o amor, a justiça, a egualdade, é provavelmente que, como a quadratura do circulo, essas coisas não serão jamais isoladas nem perceptíveis. Affirmal-as é incidir em um erro banal, ridiculo e esteril. Na educação negativa far-se-ia a ablação dellas, sem tentar substituil-as.

Sobre o bem, que é afinal uma idéa ancestral, poder-se-ia dizer: «o bem é a vida, quaesquer que sejam os seus males; e o mal é a morte, ou antes: a não-vida.» Sobre o amor, seria elle reduzido á sexualidade: o amor unico é o prazer do attrito intersexual, o odio será a indifferença, o não-amor. E assim tudo mais.

Em relação ao character, uma das pedras angulares de quanto monumento grotesco se ha elevado sobre o espirito humano, a educação negativa quebraria todos os modelos existentes e diria que o character é uma resultante, uma função desprezível de ser moral cuja existencia é um mytho e que é insusceptível de cultura, como o perfume por exemplo. Qual o hortelão que cultivaria o sabor das hortaliças e não as hortaliças?

Domingos Ribeiro Filho.

Recordações do escrivão Isaias Caminha

—:—

(Continuação)

II

A viagem de trem correu-me enfadonha. Não sei se devido á falta de commodidade do banco, não sei se ás grandes emoções porque passara, o certo é que me invadiu durante toda ella um lethargo, um torpôr que me chumbou o corpo e tornou-me a intelligencia difficil de penetrar. Encostado ao êspaldar do banco, viajava meio acordado, meio dormindo; de quando em quando, um solavanco do carro abria-me violentamente os olhos e obrigava-me a considerar mais detidamente a pay-sagem que fugia pela portinhola do wagon.

Eram as mesmas charnecas humidas ao sopé de morros de porte médio, revestidos de um matto ralo, anemico, verde escuro, onde, por vezes, uma arvore de mais vulto erguia-se soberbamente, como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade propria.

O sol coava-se com difficuldade por entre grossos novellos de nuvens erradias, distribuindo sobre as cousas que eu ia vendo, uma luz amarellaça e desigual.

Pelo declive suave de uma encosta, o tapete escuro do matto apparecia mosqueado, com manchas arredondadas, claras e escuras, salpicadas com relativa regularidade. Por aqui, por ali, trechos foscos e baços contrastavam com tufos vivos, profusamente illuminados—rebentos de vida n'uma pelle doente.

O trem parara e eu me abstinha de saltar. Uma vez, porém, o fiz; não sei mesmo em que estação. Tive fome e dirigi-me ao pequeno balcão

onde havia café e bolos. Muitos passageiros lá se achavam. Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como demorassem em me trazer o troco, reclamei. «O'! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem v.?! Aqui não se rouba, fique sabendo!» Ao mesmo tempo que eu, ao meu lado, um rapazola alourado, reclamava o d'elle, que lhe foi prasenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu minha indignação. Curti durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ella não rebentou em pranto. Tropego e tonto, embarquei e tentei decifrar a razão da differença dos dous tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa... Os meus dezenove annos eram sadios e poupados, e o meu corpo regularmente talhado. Tinha os hombros largos e os membros ageis e elasticos. As minhas mãos fidalgas, com dedos afilados e esguios, eram herança de minha mãe, que as tinha tão valentemente bonitas que se mativeram assim, apezar do trabalho manual a que a sua condição a obrigava. Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. Tinha-o perfeitamente oval, e a tez azeitonada, de azeitonas claras.

Além de tudo, eu sentia que a minha physionomia era animada pelos meus olhos castanhos que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei do meu pae. Demais, a emanação da minha pessoa, os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade. Por que seria então, meu Deus?

Os esforços que fiz, mais espessa tornaram a carapuça plumbea que me opprimia o cerebro. O torpôr tomou-me mais fortemente e por fim dormi, dormi não sei quantas horas, não sei quantos mi-

nutos, pois que, ao despertar, era bocca da noite, e o crepusculo cobria as cousas com uma capa de melancolia por assim dizer tangivel. Afagava, roçava pelas minhas faces, tocava-me nas mãos de leve como uma pellucia. . . Por entre laranjaes dourados de pomos maduros, a locomotiva corria célere. . . Chegamos á estação terminal, mas não acabou ahi a viagem. Passamo-nos para uma barca que atravessou vagarosamente por entre ilhotas até alcançar o largo da bahia.

O espectaculo chocou-me. Repentinamente eu me puz outro. Os meus sentidos se aguçaram; a minha intelligencia entorpecida durante a virgem, despertou com força, alegre e cantante. Eu via nitidamente as cousas e ellas penetraram em mim até ao âmago. Convergi todo o meu aparelho de exame para o espectaculo que me surprehendia. Estive por instantes espasmodicamente arrebatado, para um outro mundo, a adivinhar além das cousas sensiveis e materiaes. Voluptuosamente, cerrei os olhos; depois, aos poucos, descerrei as palpebras para olhar em baixo o mar espelhento e mysterioso. A barca vogava, as aguas negras se abriam fingindo resistencia, calculando a recusa.

O casario defronte—o da orla da praia, envolvido já nas brumas da noite, e o do alto, queimando-se na purpura do poente—surgia revoltado aos meus olhos, bizarramente disposto, sem uma ordem geometricamente definida, mas guardando com as montanhas que espreitavam a cidade, com as inflexões caprichosas das collinas e o meandrc dos valles, um accordo occulto, subtilmente logico.

Evolava-se do ambiente um perfume, uma poesia, alguma cousa de unificador, a abraçar o mar, as casas, as montanhas e o céu; pareciam erguidos por um só pensamento, afastados e approximados por uma intelligencia coordenadora que calculasse a divisão dos planos, abrisse valles, re-

cortasse curvas, afim de agitar viva e harmoniosamente aquelle amontoado de cousas differentes.

O aconchego, a tepidez da hora, a solemnidade do logar, o crenelado das montanhas engastadas no céo concavo, deram-me impressões várias, fantásticas, discordantes e fugidias.

Havia um brando ar de sonho, e eu fiquei todo penetrado d'elle. Andamos. Agora, a barca movia-se ao longo de uma comprida ilha pejada de edificios. Mais perto, mais longe, pequenas lanças corriam, erguendo para a pureza do céo irreverentes pennachos de fumaça; na linha horisontal de uma terra baixa, ao fundo, dolentemente agitado pela viração, um esguio coqueiro, firme e orgulhoso, crescia solitario; grandes cascos escuros de saveiros e galeras ruminavam placidamente; e botes velozes, cruzando as respectivas derrotas, brincavam sobre as ondas como crianças travessas.

Um escaler approximou-se da barca, bem perto; a tripulação rubicunda entoava uma canção, um hymno. O escaler afastou-se logo, desdenhoso e superior

Antes de atracar, a noite cahiu de todo.

Na cidade longos riscos de fogo brilharam, juntos e espaçados, rectos e curvos, parallellos e emaranhados. Chegamos. Quando saltei e me puz em plena cidade, na praça para onde dava a estação, tive uma decepção. Aquella praça inesperadamente feia, fechada em frente por um edificio sem gosto, offendeu-me como se levasse uma bofetada. Enganaram-me os que me representavam a cidade bella e magestosa. Nas ruas, havia muito pouca gente e do bonde em que as ia atravessando, pareciam-me feias, estreitas, lamacentas, margiadas de casas sujas e sem belleza alguma.

A rua do Ouvidor, que vi de longe, illuminada e transitada, em pouco diminuiu a má im-

pressão que me fez a cidade. Pouco antes de partir, eu me havia informado dos hotéis e, por essa ocasião, recommendaram-me o hotel Jennikalé, na praça da Republica, de modica diaria. Dirigi-me a elle, no proposito de me demorar os poucos dias exigidos para obter a collocação que me daria o deputado Castro. Fui jantar e sentei-me á mesa redonda, onde havia já muita gente a falar de tudo e de todas as cousas. Evitei travar conversa com qualquer dos circūstantes. Jantei calado, de olhos desconfiados, baixos, erguendo-os de quando em quando do prato para as gravuras que guarneciam a sala, sem me animar a pouzal-os na physionomia de qualquer dos commensaes. Não obstante isso, alguém, pelo fim do jantar, venceu a minha obstinação:

— Creio que viemos juntos...

— Não me recorda, fiz eu polidamente.

— Perfeitamente. O senhor dormia quando embarquei.

— Póde ser Viajei quasi sempre assim...

Alonguei a resposta muito a custo e a medo; mas, arrependido, comecei a pezal-a bem e vi que por ella o meu interlocutor não me poderia roubar o fraco peculio.

— Vim a negocios.... O senhor sabe, continuou o desconhecido; o senhor sabe: quem quer vai, quem não quer manda.... Se me limito a encommendar a farinha — é uma desgraça! Chega azeda e de pessima qualidade — então é um inferno! Os freguezes reclamam; a pretexto disso, não pagam. Para evitar essas e outras, venho de dous em dous mezes compral-a, eu mesmo.... Veja o senhor só — é uma despeza, mas que se ha de fazer?!...

— O senhor está estabelecido?

— Em Itaporanga, sim senhor; tenho uma padaria, pequena sim, mas rende. O senhor sabe: o pobre não passa sem pão.

Aproveitei um instante em que se virara para o visinho, para analysar o padeiro de Itaporanga.

Era um homem baixo, de membros fortes, que respirava com força e desembaraçadamente. Falando, torcia com a mão aspera de antigo trabalhador, o bigode farto. Descobria-se que na sua mocidade se entregara a trabalhos grosseiros, mas que, de uns tempos a esta parte, gozava de uma vida mais facil e leve. O seu olhar inquieto e fugidio, mas vivo quando se fixava, era de velhaco mercadejante, bem com o codigo e as leis.

— O senhor veio a passeio? perguntou-me.

— Não senhor, disse-lhe de prompto. Vim estudar.

— Estudar!

— De que se admira?

— De nada!

Em seguida, abrindo o rosto queimado e ameiando a voz, em que havia longinquamente o sotaque portuguez, disse :

— Venha commigo, doutor ; vamos dar uma volta.

Não tive tempo de oppôr uma resposta. O padeiro voltou-se para os fundos da sala e gritou ao caixeiro:

— José! Charutos...

Aquelle homem ia pondo em mim uma singular inquietação. A sua admiração tão explosiva ao meu projecto de estudo, as suas maneiras ambiguas e ao mesmo tempo desembaraçadas, o seu olhar cauteloso, prescrutador e sagaz, junto ao seu ar bonancheirão e simplorio, provocavam-me descontraídos sentimentos de confiança e desconfiança. Havia nelle tanta cousa opposta á profissão que dizia ter que eu me puz a desconfiar.— Quem sabe? Entretanto, a sua affabilidade, as suas mãos grossas,...

— Oh José! Os charutos? fez impaciente o negociante.

O caixeiro veio capengando sobre umas amplas botinas, e estendeu-nos uma caixa cheia de charutos claros, pimpantes, cujo aroma rescendia e tentava fumar-os.

— Sirva-se, doutor! São magnificos! O Machado recebe-os directamente.

E com um franzir de sobr'olhos, deu-me a entender a origem semi-criminosa dos charutos. Picou a ponta com os dentes, e não sem uma certa elegancia, chegou o phosphoro acceso ao seu e depois de esperar que eu tambem accendesse, falou-me:

— O doutor conhece o Rio?

— Não, fiz eu prazenteiramente, pois que o tratamento me agradava. Era a primeira vez que o recebia; lisongeava-me naturalmente.

— Venha então commigo. Não saio nunca, mas posso acompanhal-o na primeira visita. Podemos ir ao theatro, são 8 1/2. Em dois minutos chego alli á confeitaria da Estrada, e antes das 9 estamos no Recreio....

— Mas, meu caro senhor...

— Lage da Silva, um seu criado.

— Mas, meu caro Sr. Lage da Silva, continuei, estou cansado. Seria melhor...

— Oh! o senhor! Um menino! Deixe-se disso... Vamos, doutor.

O doutor era magico. Accedi e o Sr. Lage da Silva, negociante com padaria em Itaporanga muito orgulhosamente estendeu a perna esquerda, e dos profundos refolhos da algibeira da calça respectiva tirou um masso enorme de notas, escolheu uma e pagou os charutos que fumavamos.

(Continúa).

Lima Barreto.

Revista da quinzena

Jornaes e revistas

O Paiz de 29 do mez ultimo, na secção *Artes e Artistas*, dá noticia de quatro descobrimentos de preciosidades artisticas. Não tiveram lugar entre nós, na Galeria Rembrandt ou no Pará.

Um realizou-se em Leipzig, outro em Douvres ; o terceiro em Munich e o quarto no Museu de Bruxellas.

São preciosos, de facto. O primeiro refere-se a *11 composições inéditas de Beethoven, que datam de 1819 e que foram escriptas para uma sociedade de musica fundada em Vienna por um grupo de amigos do illustre compositor. São musicas de dansa: quatro valsas; cinco minuetos e duas valsas lentas (tyrolezas).*

Não foi perfeitamente uma descoberta, adduz o mesmo jornal; as composições eram conhecidas, sabia-se da sua existencia, mas eram attribuidas á Escola de Weber; ultimamente, porém, fixou-se definitivamente a sua paternidade. São de Beethoven e vão ser editados.

O segundo descobrimento tem a historia banal e vulgar de todos os descobrimentos artisticos. Em Douvres, num belchior, um antiquario, etc., etc. Depois de limpar a téla, reconheceu que era de Rubens, pois tinha a assignatura desse grande pintor no angulo direito da téla. Enriqueceu, etc.

De todos, o mais importante achado é o de 11 (oh!) *retratos de imperadores romanos, pintados por Ticiano em 1537, para o duque de Mantua.* O descobrimento foi effectuado por um paizagista no palacio real de Munich.

E' facil de imaginar a importancia da descoberta e o attractivo excepcional que taes télas encerram.

O quarto não é inteiramente uma descoberta, é antes—uma identificação.

«O museu de Bruxellas, diz o *Paiz*, adquiriu em Abril ultimo, por 1.700 francos, um quadro attribuido a David Teniers. Ora, acaba de descobrir-se que esse quadro é um Rembrandt, particularmente raro, porque representa uma natureza morta, Vale mais de 50.000 francos.»

Taes são os auspiciosos factos de que o *Paiz* dá noticia, e levam a concluir que se a Terra não offerece mais regiões a descobrir, em compensação nos palacios reaes e belchiores ha campo para successos tão grandes como aquelle que devia ter enchido Colombo de uma emoção especial em 12 de Outubro de 1492.

O mundo vaé ficando pequeno e os palacios muito grandes. E' um consolo.

*
* *

A *Liga Maritima* publicou o seu numero 5. Compramol-o por 400 réis, e é a segunda vez que o fazemos. Da primeira vez havia nella tantas mensagens que a julgamos uma sorte de diario official de todos os governos da União Brazileira. Entretanto, não foram totalmente perdidos os nickeis que gastamos. Um artigo de um respeitavel Capitão Tenente trouxe-nos inefaveis recordações dos tempos de collegio.

E' uma cousa sempre doce de ter, principalmente quando ellas são as dos inicios, dos começos, da aula de portuguez, dos primeiros passos na composição portugueza.

Imaginem os que nos lêem, que saudades não dá das «Descrições» do Dr. Alfredo Gomes, e como evoca as nossas aos treze annos, este lindo trecho da «Tempestade» do Capitão Tenente alludido, publicada no n. 4 da *Liga: era na manhã de 14 de Setembro de 19* !!

Este numero, o quinto, já não traz tantas *mensagens*, para não desacostumar os seus 40.000 leitores, porém, dá-nos um asinhado Rio Grande do Sul. Os annuncios, como sempre, accupam mais de dez paginas e a capa é uma bella allegoria do Malaguti. Ha estampas, as photogravuras de costume: um retrato de Deodoro, vistas de Escolas de Aprendizizes, algumas bugigangas do Musêo da Marinha, etc.

A parte escripta é rica: seis artigos, tres sonetos e algumas notas.

Abre com um artigo allusivo ao 15 de Novembro. Obra fraca, tristemente banal, sem brilho nem relevo. Os artigos, em geral, soffrem de um grande defeito: não são nem technicos nem de vulgarisação. Para o primeiro fim, falta-lhes substancia, desenvolvimento e fundo; para o segundo, seducção e exposiçào facil, corrente, sem a phraeologia do officio.

Por exemplo: o artigo *A marinha de guerra e canhão* começa assim:

«Hoje em dia, quem diz Marinha diz canhão.

A comprehensào deste axioma já está facilmente se desenvolvendo entre nós de um modo admiravel, quer por parte dos officiaes, quer dos marinheiros, como uma consequencia directa de factos recentes.»

Eis ahí uma cousa que póde ser uma verdade extraordinaria, mas que o illustre official devia demonstrar e explicar a quem como nós, não está perfeitamente a par do assumpto. Agora, se o illustre marinheiro falava para seus pares, podia ter-se

dispensado de dizer uma cousa que talvez seja muito sabida e repetida entre elles.

Não julguem ver nestas notas má vontade da nossa parte para com a marinha. Gostamos muito della e dos seus officiaes. Na rua do Ouvidor, na Avenida, no Corso, nas entradas de bailes, reparamos sempre para duas sortes de pessôas: officiaes de marinha e moças bonitas. Mas dahi gostarmos de sua *Revista*, a cousa é outra.

Temos sobre a meza o n. 4 da *Revista do Brazil*.

E' um bello numero da novel publicação. Ha muito verso, mesmo muito, todos bons e dignos de nota, sobresaindo entre todos, uma *Oração* de Hermes Fontes, animada por um *elan* poetico pouco vulgar na joven poesia brasileira.

Nella, encontram-se versos soberbos, imprevidos. Vejam só este que quasi vale por si só, isolado: *um sol, dous sóes, tres sóes, milhões de sóes, constellaões*.

Relativamente, em prosa, a *Revista* é menos opulenta, sem deixar de ser tambem brilhante.

Lafayette Côrtes continúa a sua «Viagem ao Norte»; e Anibal Mattos subscreve um interessante «Sonho de Estudante».

Ha ainda um curioso artigo de Noronha Santos, sobre antigos «Jornalecos e Pamphletos». Cita delles: *Os ladrões de casaca*, o *Barco dos Traficantes* e o *Hospital dos Loucos*, publicados respectivamente em 1867 e 1862, os dois ultimos. São da década de 60 a 70, que se inicia com a humilhante questão Christie, pondo em alta tensão o patriotismo nacional, sobrecarga que foi encontrar a sua fatal sahida nas guerras do Estado Oriental e Paraguay, que afecham. E' uma epocha de acceleração do nosso patriotismo, que,

naturalmente impressionado e exacerbado pelas affrontas do Ministro Christie e do Almirante Warren, devia ter-se manifestado tumultuariamente e posto nos animos apaixonados azedas hostilidades contra os homens publicos do tempo. Por isso, seria de particular interesse que um estudioso intelligente, como o Sr. N. S., se esforçasse por nos dar esses documentos impressos enquadrados na atmosphera moral e politica da epocha.

Os trechos que transcreve, mostram que a nossa satyra, por aquelles tempos, ainda era por demais pelluda e grosseirona, aliás, parece, os taes jornalecos não na queriam fina e delicada.

Coisa notavel! Segundo o artigo do Sr. N. S., estes versos (?!):

*Por dentro — pão bolorento,
Por fóra — corda de viola.*

usados ainda hoje não sei em que jogo infantil, foram em primeira mão destinados a ferir os *pais da patria*. *Sic transit...*

O artigo, de um interesse inegualavel, veio ao encontro dos nossos gostos pessoaes, pois é um delles, conforme a lição do mestre de nosso amigo e primo Barreto, o eminente J. Gonzaga de Sá, official da Secretaria dos Cultos, a leitura de folhetos esquecidos e obscuros. Sabemos perfeitamente como é feita a opinião da nossa grande imprensa (jornaes e revistas), para ir procurar opiniões sinceras e originaes nos jornalecos e pamphletos pouco lidos. E' facil, portanto, de inferir que interesse não teve para nós um estudo sobre alguns de 62 e 67.

A *Revista do Brazil* traz ainda um bom conto «Um doente» do Sr. Francisco L. França, em que ha reaes qualidades de exposição e composição ; e outros artigos em prosa dignos de leitura.

Juliano Palhares.

LITERATURA E ARREDORES.— *Estudos de uma moral. Cravo Vermelho, romance por Domingos Ribeiro Filho. M. Piedade & C., Editores. —Rio de Janeiro.*

Não convem repetir aqui que é um prazer travar conhecimento com um autor como o deste livro. Primeiro, porque, na verdade, não travo conhecimento algum; segundo, porque é repizar uma velha banalidade.

Nós nos conhecemos ha muitos annos. Por esse tempo, o Domingos era secretario da «Avenida» —lembram-se?— um semanario illustrado que alcançou uma voga merecida com as inegalaveis *blagues* do *Cardoso Junior*, um curioso espirito cheio de *verve* e poesia que a Morte nos roubou tão cedo.

Encontramo-nos, eu e o Domingos, discutindo. Dahi em diante temos discutido sempre, Vale a pena, portanto, ter em mãos obra sua, já por ser um livro de opiniões accentuadas e, em geral, de opiniões contrarias ás minhas, já por ser meu amigo o seu autor e não haver nesse antagonismo de opiniões nenhum perigo de inimizade virulenta.

Domingos, por exemplo, acredita na Sciencia, isto é, na Sciencia com S grande, como diz o Sr. G. Galante, essa milagrosa concepção dos nossos dias, capaz de nos dar a felicidade que as religiões não nos deram; acredita, *ipso facto*, que ella é a expressão exacta de uma ordem externa immutavel e constante. Eu não. Tenho as mais sagradas duvidas a ambos os respeitos.

Seu livro está cheio dessa sua candida crença. Na pagina 143, um dos seus personagens affirma categoricamente: «Ha conquistas que não serão jamais ecedidas, a mitologia grega, o, « Dom Qui-

xote de La Mancha», o romantismo e o darwinismo. Tudo isso é um limite para todo o sempre imutável como a geometria de Euclides, a orbita terrestre e a lei da queda dos copos.»

A phrase é eloquente e apaixonada. E' uma moça a falar; e quando as moças falam nessas cousas, lembram sempre as normalistas, cuja intelligencia aos 25 annos tem as confianças e as certezas de um rapazola de 17.

As conquistas a que ella se refere, são serialdas chronologicamente. E' caso, portanto, de lhe dar parabens por ter nascido nos nossos dias e não no seculo de Pericles, porque se assim fosse só teria uma para lançar mão; e é caso tambem de desejar que viva muito ainda para ter outras a ajuntar á sua linda lista. E' possivel que ellas sejam immutaveis, mas não como a geometria de Euclides, mas não como a lei da queda dos corpos e muito menos como a orbita da terra. Sem falar nas geometrias não euclidianas, sem invocar os nomes de Lobatschevsky, Riemann e a subtil « Science et Hypothèse » do eminente H. Poincaré, basta considerar que as modificações trazidas com o correr dos annos nos enunciados dos theoremas, nas demonstrações são taes que a famosa immutabilidade fica reduzida a muito pouco. E quanto á lei da queda dos corpos, basta que um dado novo se apresente para que ella seja desfeita, assim como o foram as de Aristoteles e Baliani.

Os senhores não se assustem com esta minha sabedoria: eu levei quatro reprovações em mechnica racional. E, numa dellas, examinou-me, tive essa honra, a sabedoria excepcional do dr. Otto de Alencar, que ficaria deveras surprehendido se alguém lhe fosse dizer que a orbita da terra é immutavel. Havia de olhar um pouco de lado e aconselhar ao crente que consultasse a « Movimento da Terra », *Astronomia do Delaunay*, pags. 299 a 338.

Vejam só como foi máo nos conhecermos discutindo! Até hoje, em presença de seu livro, vou perdendo um tempo enorme num debate sem logar!

Deixemos de affectações sabichonas de estudante *manqué*, e examinemos o livro propriamente,

O romance é de enredo simples e de poucas personagens. Trata-se de um moço, bacharel e litterato da vanguarda, que se casa com uma sua prima, Laura, moça futil e de boas carnes apetitosas, por capricho sensual e mais nada.

Volta-lhe do Pará o antigo namorado, o Tenente Nelson, official da flotilha que o pae de Laura chefiara. Reata o namoro e como esteja agora casada, o episodio sentimental acaba de maneira diversa.

Leonel Barbosa, seu marido, que se agastava com as suas manias mundanas, ficando sempre nisso, tem noticia da traição da mulher. Uma noite, surprehendendo-a em confabulações com o amante no jardim de casa, expulsa-a e vae procurar no seio amigo de uma moça, Carolina, que conhecera antes de casado e camarada sua de sonhos e doces chimeras, conforto, alento, paz e amor.

Domingos desenvolve tudo isso com a eloquencia e o brilho verbal, esfusiante de paradoxos e *saillies*, que lhe são peculiares.

O primeiro capitulo, aquelle em que o Dr. Leonel discute em casa de D. Olympia, mãe de Carolina, as suas idéas sobre o amôr, sobre o ciume e o casamento, é de uma vivacidade encantadora. O perfil de Carolina é traçado com grande segurança, e, comquanto pareça um pouco *fantastico*, na sua obra é tão coherentemente feito, são tão bem juxtapostas as partes componentes, que ella nos seduz pela sua propria artificialidade.

Não é assim o juiz Leonel Barbosa. Ninguem poderá achal-o irreal. Juiz e anarchista ao mesmo tempo, soffrendo da insufficiencia de seu pensa-

mento, sensível e sensual, arrastado a um casamento infeliz, os seus actos vão se desdobrando no romance com a logica de uma vida normal e commum. A explicação que tem com sua mulher, depois de descoberta a traição, no final do Capitulo XI, é uma das melhores paginas do livro. Ha uma força não commum de sarcasmo pungente e de ironia impiedosa.

E' pena que phrases de um máo gosto evidente—*a nuvem ironica da covardia empanou o sol da minha clarividencia*—tirem-lhe ás vezes o gume da phrase acerada.

Sinto que Domingos não tenha posto o maximo cuidado no estudo do temperamento do Tenente Nelson, do Commandante Romeiro e sua filha Beatriz; sinto tambem que não haja mais poesia no seu livro. Elle todo, quando não é psychologico, é intellectual e doutrinario, destinado a nos dar opiniões e crenças, a rebater *certas infamias que andam por ahí*, falta-lhe a locação, a ambiencia, e isso é tanto mais de lastimar quando quem escreveu aquelle lindo final do Capitulo VI seria perfeitamente capaz de mostrar essa transcendental communicação do homem com as cousas.

Tal me pareceram ser as qualidades e defeitos, no meu ponto de vista, do *Cravo Vermelho*, que me trouxe grande satisfação de ver condensadas em linhas de typographia as idéas originaes e inesperadas que o Domingos vinha gastando nos cafés.

E o publico, se o lêr, terá nelle um motivo de grande alegria intellectual, por ir encontrar entre nós um autor tão proprio e tão differencial.

Lima Barreto.

Theatros e

Conferencias

Durante a quinzena passada, houve nos nossos palcos um pequeno movimento que convem registrar. No Recreio, por ocasião de festejar a companhia Dias Braga o seu 24.º anno de existencia, foi levado á scena o «Medico das Loucas», drama de Montepin e Dornay, traduzido por João Luso; e no Lucinda, «As Mulheres de Palha», comedia traduzida do francez pelo Sr. João do Rio, do Instituto Historico.

São duas peças de segunda ordem, traducções além, mas que entre nós, no nosso acanhadissimo meio theatral, répresentam um facto digno não só de menção, mas tambem de franco e decidido apoio.

Não vi o «Medico das Loucas»; no Lucinda, porém, a 28, fui assistir ás «Mulheres de Palha». A concurrencia era diminuta, mas escolhida, como se diz no estylo de noticiario.

Grande cópia de amigos do traductor lá estavam a postos.

O espectáculo correu frio, não houve grandes applausos, nem grandes risos, embora a traducção seja bem feita, espirituosa e *up-to-date*.

Acho curioso que pessoas de nome, cheias de transcendentés poderes, dispondo do cartaz jornalístico, como os Srs. A. Azevedo, João Luso e Paulo Barreto, não concordem n'uma agitação séria para levantar o theatro entre nós.

Em geral, elles se limitam a deitar, de onde em onde, alguns folhetins de lastimas, e isso quando

as suas peças caem. Não é preciso ter trabalhado muito tempo nos escriptorios da Lambary e Cambuquira, ou observar os recursos do *Puirgen*, para se affirmar que o género de propaganda que empregam, é completamente improficuo. Falta-lhe continuidade e attractivo.

Não seria difficil a jornalistas de sua fama a organização de uma associação, de uma liga, em que entrassem actores, amadores, destinada a levantar o theatro em portuguez entre nós, por meio de uma propaganda tenaz, contínua e variada.

O successo de certas marcas de cerveja e de calçado, obtido com o annuncio intelligetemente feito, traz proveitosos ensinamentos á questão.

Occorreu-me isso na noite da representação da peça de Gavault e Guillemand, quando olhei a sala semi-vasia, apezar dos meios efficazes de annuncio de que o seu intelligente traductor dispõe.

Seria feio que elle os tivesse empregado em seu favor, talvez mesmo não dêsse resultado ; mas se a campanha datasse de alguns annos atraz, em prol do theatro em geral, bastavam alguns annuncios, em todas as folhas, para que a concurrencia tivesse sido maior.

Trata-se, nada mais nada menos, de recalcarrem um pouco o egoismo profissionall de cada um, e trabalharrem de commum accordo para uma obra de interesse geral.

Embora eu não queira de modo algum substituir o Sr. Francisco Guimarães, deixo aqui esta lembrança para que seja tomada na consideração que merecer dos interessados.

*
* *

As conferencias que, ha mezes, se repetiam com tanta frequencia vão pouco a pouco escasseando.

Nos ultimos quinze dias passados, creio que foram annunciadas unicamente duas: uma da interessante senhorita Julia Cesar e a outra do Sr. Coelho Netto.

Esta ultima vem sendo annunciada durante o mez todo, e por isto ou aquillo, foi adiada até 30. Houve quem dissesse que motivaram isso dous factos sem connexão alguma: a teimosa chuva dos ultimos sabbados e a escassa venda de entradas, que foram passadas pelos amigos como nas representações particulares e de beneficio.

Não fui e não irei. Não supporto o Sr. Coelho Netto. Acho-o falsissimo com o seu bucolismo portuguez de zagaes e ovelhinhas brancas, de serranas e espigas louras; não lhe tolero o aprumo conselheiral do periodo, a emphase, a solemnidade, a mania biblica e os termos sem significação, sem valor algum, para as nossas idéas e sensações actuaes, catados aos dictionarios. Os jornaes, porém, rasgam-lhe os mais decididos elogios, e o «Binoculo», com uma antecedencia louvavel, deu o resultado da conferencia nos termos mais calorosos e veridicos.

Os jornaes são sempre insuspeitos.

Chaves Barbosa



ECHOS

V., um attraente collaborador do «Paiz», ha dias, falou-nos superiormente sobre os jogos da moda. Entre elles, o elegante chronista referiu-se ao vetusto «bilboquet», no seu entender, um perfeito «out door game» pois só póde ser jogado nas chacaras dos collegios «chics» e nunca nos salões dos mesmos.

O que, porém, me pareceu extraordinario no seu estimavel artiquete, foi ter V. dado a entender que vagueia pelas chacaras dos collegios de meninas, procura-as nos kiosques afastados para lhes propor o moderno jogo «diavolo», em vez do «bilboquet», que parecem apreciar com paixão.

Não sei ao certo como seja o tal «diavolo»; mas, como tenho certa força de intuição, acredito que se trate de alguma modificação recentissima do velho jogo do demo-serpente no Paraiso (Genesis, cap. III), ao qual tanto deve de bem e de mal esta nossa especie humana. E' o titulo que me leva a isso.

Entretanto, embora com modificações, attendendo as desvantagens resultantes d'elle, não me parece divertimento lá muito para recomendar a uma menina qualquer, quanto mais a uma sagrada *up-to-date!* E mesmo que o fosse, pasmo que V. tenha desviado a attenção dos leitores do grande jornal, para assumpto que tão restrictamente lhe interessa, permittindo até que alguns interpretem malevolamente a sua confissão, comquanto possa ser desculpa sua (e eu a admitto) que em homem com o seu lindo talento não ficam mal algumas dessas excentricidades malsinadas pelos psychiatras, entre os quaes, se não estou de todo esquecido, conta-se um tal Krafft-Ebing.

Lastimando a sua confissão, não é proposito meu dissuadir o velho camarada V de continuar nesses agradaveis exercicios, tão favoraveis, segundo parece, ao desenvolvi-

mento da sua intelligencia. Ao contrario, muito ao contrario! Pois seria até do meu prazer vel-o funcionando plenamente nessa modificação do veneravel jogo biblico!

E caso não lhe fosse possível, á vista da minha extracção plebéa, permittir-me a entrada na ensombrada chacara (especie de *Paradou*, com certeza) do collegio rico, aceitava que elle se me mostrase depois da partida, afim de lhe notar as luminosidades do olhar e as irradiações da physionomia, porquanto ainda estou bem lembrado de que Barbey d'Aurevilly diz nas suas «*Diaboliques*» que o melhor regalo do diabo é uma innocencia. Ah! Tiberio...

Se assim fôr de seu agrado, é favor escrever-me para o escriptorio do «Floreal».

*
* *

Alegres e felizes, a passos meditados, caminhavam ao longo da formosa Avenida Beira-Mar o illustre dr. Umberto Gottuzo e o sr. dr. Ataulpho Napoles de Paiva.

Cahia a tarde. Tudo era monotonia. As ondas vinham morrer preguiçosamente na muralha pètreia do cães. Um vento leve, um vento que de tão leve nem era vento, era uma especie suavissima de brisa, acariciava, cicante, as folhas verdes. Para completar a descripção do quadro em que se moviam os dois egregios patricios, eu poderia, com grande brilho, enfileirar todas as velhas chapas do velho e poetico estylo dos bucolisinos e dos idyllios. Imagina, leitor, que eu as enfileirei e que tu as leste. Sáio, pois, da phraseologia eleváda. Caminhavam as duas culminancias. Dois operarios, marchando em sentido contrario, estendiam um fio de arame ao longo dos postes illuminativos. O medico e o juiz pararam subitamente, examinaram attentamente o arame. Disse um, intrigado:

— P'rá que diabo será este arame?!

E o outro, gravemente.

— Com certeza é para o telegrapho sem fio.

... não assenta bem á classe esse unico rotulo de mo-

ços bonitos, procuremos um titulo generalizado, que englobe a todos com acerto e equidade. A nossa mania em tudo é imitarmos Paris. Pois então ha um nome já prompto, até consagrado pela admiravel peça de Dumas filho, que bem desenha o typo sob a rubrica de *M. Alphonse*. Chamem-se *os Affonsos* todos esses que, sem distincção de physico e idade, exploram a toleima feminina.

(CARMEN DOLORES, *Paiz* de 17 de novembro)

As razões são tão profundas, são estabelecidas com tanta logica, que a gente fica a pensar que se esconde de baixo dessas manhosas palavras uma cega opposição ao conselheiro Affonso Penna

*
* *

Pequeno almanaque de celebridades—DUAS PALAVRAS

— Nestes ultimos cinco annos, depois que gozamos da benefica influencia dos requintados habitos da diplomacia superior do Barão do Rio Branco, os *restaurants* têm ganho muito, entre outras razões, pelo simples facto de ir sendo a nossa capital objecto de frequentes visitas de milhares de estrangeiros. Não ha oito dias um dos proprietarios da casa Franciskaner, á Avenida Central, dizia a um dos nossos amigos que, se alguém merecia especial gratidão da classe dos hoteleiros, nesta nossa terra asselvajada, era o illustre brasileiro que preside excellentemente as nossas relações exteriores. O Moreira, do Minho, é tambem dessa opinião.

A observação nos foi transmittida e puzemo-nos a pensar em tirar das nossas modestas pennas alguma coisa que nos pudesse dar um relativo lucro com os estrangeiros de passagem e com o Barão do Rio Branco. Não deviam ser só os hoteleiros a enriquecer com elles...

Em começo, pensamos em fazer algumas odes: lembramo-nos, porém, que o Snr. Mario de Alencar já tinha explorado o filão e que, para os estrangeiros, ellas seriam perfectamente incomprehensíveis.

Para agradar unicamente ao Barão, seria estulto. Nunca

tirariamos do nosso plectro, os carinhosos sons que a doçura archiangelica do Snr. Alencar soube tirar. Nesse intuito, mais valeria então pôr em versos portugezes o velho romance de Rabelais. Tentamos a obra; mas quando chegamos áquelle Capitulo XXI do Gargantua, especialmente no trecho : *Puis estudioit quelque meschante demie heure, les yeulx assis dessus son livre ; mais, comme di le Comique, son ame estoit en la cuisine — até — et lors cessoit de manger quand le ventre luy tirait*, vimos bem que estavamos a plagiar vergonhosamente o sr. Mario de Alencar. Desanimamos e, vindo-nos á memoria o famoso Almanaque de Rivarol, lembramos que seria bem util aos estrangeiros de passagem um livrinho de informação succinta sobre cada uma das pullulantes celebidades de nosso meio, e que elle seria até necessario ao proprio barão do Rio Branco, quando quizesse fazer nomeações para diplomacia ou para a Academia de Letras.

Eis como nasceu este Almanaque.

Por ora, sae desageitado, sem ordem alguma; no fim de um anno, porém, havemos de organizal-o em perfeita ordem alphabetica, solicitando do nosso amigo Serpa Junior alguns dados biographicos e os «clichés» dos retratos á publicados na «Rua do Ouvidor». Assim prompto e em obra, offercel-o-emos ao Sr. Olavo Bilac, para figurar como appendice a uma 2ª edição do seu guia dos Estados Unidos do Brasil, fazendo nós traduzil-o convenientemente para o francez e pagando-nos o Sr. Bilac uma certa porcentagem sobre a venda do seu curioso livro.

Estão, portanto, os leitores inteirados das origens e os fins deste Pequeno Almanaque de Celebidades Brasileiras. Não são outros.

* * *

Num dos ultimos domingos (segundo o Joe do *Cine-natographo*, o domingo é o dia em que o carioca lê) o *Jornal do Commercio* publicou, na integra, a ordem do dia 1.º do valoroso BARÃO DA FRENTE, ao assumir... a cadeira Casimiro de Abreu, na Academia de Letras.

Como de uso em taes documentos, o illustre almirante

recordou a sua gloriosa carreira militar, accentuando que, rapidamente, galgara todos esses postos, e, desse modo,—(era bem que o soubesse o Sr. Affonso Penna, *n'en dé-plaiseo* Sr. Alexandrino de Alencar)—sempre tivera o cuidado de se preparar para assumir, em qualquer momento, a suprema direcção das coisas navaes.

S. Ex., confessando, com encantadora modestia, a pouca assiduidade de seus estudos litterarios—revelou, entretanto, que conseguira escrever em um estylo muito agradável..

S. Ex. foi, porém, verdadeiramente inedito em relação ao seu antecessor, o poeta Teixeira de Mello. Ninguem se lembrára ainda de uma d'aquellas! Lisamente, S. Ex., confessou sem rodeios, que nunca lhe lera os versos—e que tambem, agora, não os quizera lêr «apressadamente...» Por isso, transferia ao Sr. Affonso Arinos — que, pelos modos, tinha obrigação de conhecer os versos do academico finado—o encargo de lhe fazer o elogio funebre... De certo, o Sr Affonso Arinos disfarçou, falou da guerra do Paraguay e do descobrimento do Brasil—mas sobre Teixeira de Mello nem pio! Pobre Sr. Teixeira de Mello!

Imagine, porém, o denodado Barão da Frente a situação do seu futuro successor na curul academica, em dias que, praza aos céos!, longe virão... Imagine S. Ex. si o seu successor —talvez o poeta Albano— lerá as substanciosas paginas da «Reorganização Naval» ou preferirá recorrer ao mesmo estratagemma, commodo e original...

Quem ficou escandalisado com o facto foi, por certo, o eminente Sr. Barão do Rio Branco—tão profundo conhecedor das tradições academicas. E, seguramente, o Sr. Machado de Assis não deixará de recorrer a S. Ex. afim de evitar a reproducção do lamentavel caso — do mesmo modo que já se tem recorrido ao nosso glorioso chanceller para mobiliar decentemente o Palacio do Catete, para fazer a gente passeiar de carro descoberto, e até para tornar concorridos os *Four ó clock concerts!*...

O novo academico confessou ainda que attribuia a sua eleição simplesmente ao desejo de prestar uma homenagem ao seu patriotismo; e o Sr. Affonso Arinos confirmou.

Podemos assegurar que estas considerações causaram grande successo. Está, por isso, assentado que, na proxima vaga, entrará para a Academia o valoroso defensor do Acre, Sr. Placido de Castro. Está até combinado que o Sr. Paula Barreto desistirá ainda uma vez. . . .

*
* *

Do nosso segundo numero, avulsamente, vendemos 82 exemplares. O augmento veio certamente da «Caravana», que, ao que parece, quer a nossa prosperidade. Não ha como inimigos da ordem desses beduinos (!) sem camellos! Gente de bons bofes, sem rancões, que desse modo dá a mais insuspeita prova de desejar sinceramente a prosperidade das letras patrias.

Mas agora não se enganem e ouçam uma cousa: se tudo marchar como até agora, nós venderemos neste numero 126 exemplares, no 4º 170, e no 24º, caso a «Floreal» dure um anno, 1050; o que é ainda por demais insignificante para podermos pagar a preciosa e carissima collaboração de Vs. Percam as esperanças. . .

* *
*

O Sr. Alcino não foi lá muito veridico, quando affirmou na Camara que o serviço militar na marinha ingleza é obrigatorio.

Pelo menos, em face do que se lê no—*Little Londoner—a concise account of the life and ways of the English with referencce to London*—é o que se conclue.

A livraria Laemmert vende-o.

E' um livro de informações a granel, publicado este anno, e trata do commercio, sports, trens, aguas mineraes, laxantes, etc., em cuja pag. 173 se lê o seguinte: *Navy—To the navy Great Britain owes her wealth and enormous colonial possessions. The recruitment is voluntary asin the army, etc., etc.*

Parece que o Sr. Affonso Costa continúa a estar em boa companhia.

Perolas e Diamantes

Porque seu genio se desentranhava
Como o equador — em nuvens pardacentas

(LUIZ MURAT, *Paiz*, 15—11—07)

Penso logo existo, bradava o grego orgulhoso.

(*A Dôr*, Conf. litteraria de Alcindo Guanabara.)

... pelo harmonioso estylo architectonico, calcado sobre o corynthio, em que lhe moldaram todas as partes da fabrica, desde a fachada singela, em que predomina o caracter do renascimento italiano, até o elegante zimbório de secção espherica...

(Arthur Dias. *Brazil Actual*, pag. 210.)

*
* *

As arvores soffrem, as arvores adoecem, as arvores amam. Se as cousas têm uma alma—*anima rerum*— com muito mais razão tem-n'a tambem as plantas. E' a theoria pantheista.

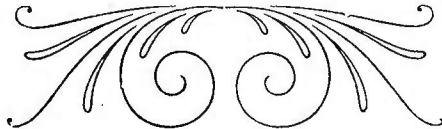
(Binoculo. *Gazeta de Noticias*, 17 de Novembro)

*
* *

Conselhos

Aos amadores de novidades :

A chronica rimada de O. D E., no *Correio da Manhã*, e os folhetins do Dr. Vieira Fazenda, na *Noticia*. Dous regalo's !





Floreal

ANNO I



Num. 4

PUBLICAÇÃO BI-MENSAL
DE
CRITICA E LITERATURA

DIRECTOR

Lima Barreto

REDACÇÃO

RUA GENERAL CAMARA, 103

BRAZIL

RIO DE JANEIRO

1907

Avulso: \$500

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

Trimestre.	3\$000	—	Semestre.....	6\$000
Anno.....				12\$000.
Avulso.....				\$500



Rio, 31 de Dezembro, 1907



Summario :

<i>Anima rerum</i>	J. Pereira Barreto.
<i>Natal</i>	D. Ribeiro Filho
<i>O sophisma de Zenon</i>	M. Ribeiro de Almeida
<i>Recordações do escrivão Isaías Caminha (Continuação)</i> ..	Lima Barreto.

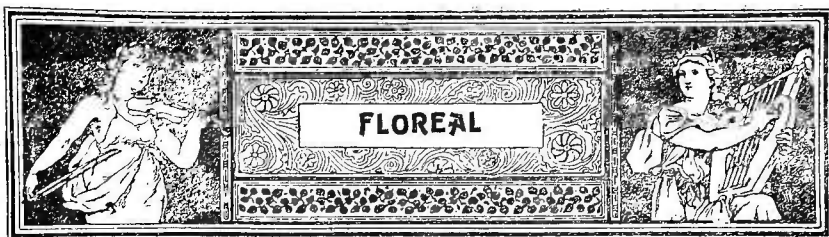
Revista da Quinzena :

<i>Prelextos</i>	Chaves Barbosa
<i>Theatros</i>	Gilberto de Moraes
<i>Jornaes e Revistas</i>	Juliano Palhares
<i>Literatura e arredores</i>	Lima Barreto
<i>Echos</i>	



AVISO

Com todo o acatamento, ousamos levar uma pequena reclamação ao Sr. Administrador dos Correios do Districto Federal. Frequentemente, os exemplares desta revista não são entregues aos respectivos destinatarios. Até o dia de hoje, estavamos na convicção que o Correio servia para isso ; de hoje em diante, porém, a nossa opinião é outra.



ANIMA RERUM

(FRAGMENTO)

Doiravam-se de sol a terra, o mar e o espaço.
Deslumbradas de luz e exaustas de cansaço
As aves na floresta acolhiam se aos ninhos.

Nem uma sombra havia á margem dos caminhos.
A voz das virações e os murmurios da agua,
Gemendo na amplidão como um suspiro ingente,
Pareciam falar solemne e tristemente
De uma secreta magoa.

Eu trazia commigo a duvida sombria
Que tira o aroma á flor, o sonho á phantasia,
E, sentindo afundar cada vez mais o abysmo
Desta incerteza que ha-de ir ter commigo á morte,
Vergado á minha dôr, fatigado de heroismo
Maldisse minha sorte!

Como as ondas azues das correntes do oceano
Rebentam no alto mar, batidas pelos ventos,
Àos impulsos fataes de um poder sobréhumano
Quebrava-se o escarcéo de meus vãos pensamentos ;
E então, á luz do sol, em plena mocidade,
Vendo enluctar minha alma a nevoa da agonia,
Senti crescer no peito uma tristeza fria
Como a que envolve á noite o ermo da immensidade.

As fauces do mysterio entreabriam-se adiante
Com as attrações do céo, do céo limpo e distante.

Assentei-me scismando á beira da corrente,
E, ao ver como era bella e grande a natureza,
Senti banhar-me o sêr a ineffavel tristeza
Que em face do universo apenas o homem sente.
Mas, subito, do sol á fulva claridade,
Como através do sonho e da melancholia,
Ouvi distinctamente uma estranha harmonia
Echoar na soledade...

O SOL

Meu destino é brilhar.. Quando surjo no espaço
Azul se torna o céo, azul se torna o mar:
A terra é de meu corpo enorme um estilhaço
Gelado de uma extrema á outra extrema polar.
No fogo, na agua, no ar, nas pedras dos caminhos,
Nos perfumes da flor, na luz do humano olhar,
Nas forças collossaes e nos sêres mesquinhos,
Em tudo existe sempre um raio a scintillâr..
Quando eu surjo no espaço até nas frias lousas
Palpita e resplandece a alma occulta das cousas.

A PEDRA

Destino singular!.. Hontem de viva chamma,
E hoje de inerte luz nas serras e no mar!
Desmaiou no meu seio o espirito de Brahma,
E em vão meus flancos nús exponho á luz solar..
Congelado clarão no seio do infinito,
De que me serve ter duração millenar?
De que me serve ter os musculos de granito,
Se eu não posso soffrer, se eu não posso gozar?
— Immovei, como um deus eterno e indifferente,
Amortalhado jaz em meu seio o Inconsciente.

O CARDO

Adormecido ao luar. (Quem sabe se eu dormia?)
De chofre despertei numa fragoa do mar...
Acairelava o oriente a purpura do dia,
E as ondas em redor quebravam de vagar.
Nutrindo-me de luz, e de orvalho, e de poeira,
Germinára em silencio e como que a sonhar,
Mas vendo-me chumbado áquella erma pedreira
Tive confusamente um desejo de andar..
E nesta aspiração indistincta e latente,
— Lethargico, em meu seio adormece o Inconsciente.

A LESMA

Nasci para rojar, mas guardo sobre a terra
Vagas recordações de já ter visto o mar;
E, quando galgo a custo o cimo de uma serra,
Vendo o céu mais além, sinto ancias de voar...
Nesta angustia mortal de uma sorte sem nome,
Ora rojando ao sol e ora rojando ao luar,
Ineffavel tormento os dias me consome,
E, sonhando com o céu.. meu destino é rojar!
Comtudo no meu ser opaco e repelente
Desperta como instincto e como alma o Inconsciente.

A NOITE

Viuva que não tem lar, viuva que não tem filhos,
Minha tristeza envolve a terra, os céos e o mar,
Com as gottas de meu pranto entreabrem se os junquillos,
E as arvores sem flor fecundam-se a chorar,
Mas o Sol, meu irmão, evita-me a presença,
E eu scismo em balde entregue a meu atroz pezar,
Sobre tudo estendendo a minha sombra immensa,
Communicando a tudo um somno tutelar...
Arrastam-se no céu meus cabellos sem nastros,
E em minha fronte fulge o diadema dos astros!

UMA VOZ

O' poeta, o Sol deslumbra e ha tormentas no mar. .
Vem, misero, dormir! A noite faz sonhar.

OUTRA VOZ

O' poeta, ergue-te e vem ouvir a melopéa
Da Fórma universal ao reflectir na Idéa.

O POETA (dirigindo-se ao Sol)

No principio era o Chaos.— Sem leis nem harmonia,
Como um deus insensato, a Natureza agia.
O Espaço e o Tempo, irmãos no cyclopico alento,
Engendravam na treva o Ether e o Movimento.
Depois. . . Foram depois aos poucos despontando,
Nas entranhas do abysmo em luminoso bando
As caudadaes de materia, os nucleos estellares,
-- Alvas condensações, incandescentes mares,
De onde, com brancos soes, gazozos e embryonarios
Surgiram na amplidão turbilhões planetarios.
De um desses turbilhões foi formado o diadema
Em que sómente resta uma esplendida gemma,
Que és tu, brilhante Sol!

Os differentes mundos,
— Estilhas collossaes de teus flancos fecundos;
Scintillavam no céo como enormes diamantes
Appensos ao collar das estellas radiantes;
Mas ninguem poude ver o estranho panorama
De uma constellação feita de astros em chamma

Fadados a attingir a mesma excelsa gloria,
Todos os astros têm uma identica historia.

— A Terra era talvez o menor de teus astros,
E ao tempo em que o fulgor intenso de seus rastros,
Enrubecendo no ar, lentamente morria,
Tombava ella tambem nas vascas da agonia.

Mis um filho do Sol não morre de repente :
 Millenios perdurou essa agonia ingente
 De um mundo que a morrer, em contorsões, lançava
 Do roto coração catadupas de lava ;
 Millenios perdurou essa agonia bruta,
 E enquanto ella durou, numa assombrosa lucta,
 — Lucta descommunal travada entre elementos
 Firmaram se da Terra os petreos fundamentos.

Quem póde imaginar o que seria a Terra
 Na phase millenar dessa estupenda guerra ?
 — Esta lasca de sol, este vivo estilhaço
 De estrella a contorcer-se em convulsões no espaço,
 Era um monstro de chamma, um colosso de brazas,
 Agitando no abysmo as coruscantes azas ;
 Era um jorro de luz e rutilas scintellas
 Irrompendo a ferver das entranhas vermelhas
 De um mundo em combustão . . .

Aquella massa ardente

Era a alma dos vulcões, esplendida, fremente
 A percorrer o céu de uma extrema á outra extrema
 Sob o imperio fatal de eterna lei suprema !

Com aquellas explosões, com aquelles cataclysmos,
 Que lhe abriam no corpo as chagas dos abysmos
 Por onde em borbotões, com plutonica furia
 De candentes metaes jorrava a onda purpurea,
 Sob seus flancos nús, convulsionados, quentes,
 Soltavam-se do céu as limpidas torrentes ;
 Chaotico pulmão soprava irado vento
 Desfazendo os bulcões do espesso firmamento,
 E na lucta empenhada entre esses tres collossos,
 Deixando em derredor fumegantes destroços,
 Como sangrento heroe, no lance deradeiro
 O fogo foi vencido e tombou prisioneiro !
 — Nessa lucta sem par a victoria foi da Agua :
 A chamma se fez braza, a braza fez-se fragoa ;

E, contendo os clarões sob as petreas entranhas,
Congelou pouco a pouco a rocha das montanhas !

*
* *

Pendêra no alto o sol. Agitados, os ramos
Acordaram na selva os somnolentos gamos,
E as aves, desertando a placidez dos ninhos,
Foram cantar em bando á margem dos caminhos.
A voz das virações e os mürmúrios da agua,
Gemendo na amplidão como um suspiro ingente,
Pareciam falar solemne e tristemente
De uma secreta magoa !

E o poeta disse então, contemplando uma fragoa
Pela face da qual corria um fio de agua :

—Antes que houvesse mar, antes que houvesse terra
Foi chamma, foi clarão a rocha desta serra.
A força que transforma em pedra de montanha
A luz da nebulosa é a mesma força estranha
Que te obriga a chorar, ó bruta penedia,
Essa lagrima eterna, essa lagrima fria.
Mas o pranto da rocha, o pranto do granito
Corre sem que jámais a Pedra solte um grito,
Sem que por sua face estúpida e serena
Passem clarões de amor ou contracções de pena !
Emergindo do oceano ou sobre os serros, Ella
Vence as furias do mar, as furias da procella,

Que arrebetam rugindo e se aplacam gemendo
Debalde no broquel de seu dorso estúpido !
Ribomba e o raio em fogo embate-lhe na pelle
Em vão, que ella sem dor, sem esforço o repelle !
O tempo, que devasta e aos poucos destróe tudo,
Passa e repassa em vão sobre seu petreo escudo !
—Astros surgem no céo, brilham no céo, a afagam
Por millenios, depois lentamente se apagam,

E Ella que os viu nascer, morrer no céo, persiste
Sempre na mesma eterna indiferença triste !
— O' cadaver da luz, o pranto que desliza
Por tua face que é que a'final symbolisa ?

Coado a custo através da entranha dos escolhos,
De onde teu pranto veim ? De que invisiveis olhos
Ha millenios mareja essa lagrima fria.
Que inunda tua face, ó bruta penedia ?
Acaso ao congelar-se, ao transformar-se a chamma
Deixou preso em teu seio um espirito que ama,
Que padece, que ri, que tem consciencia, que age ?
Como a de alguém que dorme, e sob a fria lage
De um sepulchro sem ar, de uma tumba deserta,
Desesperado e só de repente desperta,
Com certeza agonisa essa alma encarcerada
Onde a luz não penetra, onde não se ouve nada ;
E é por isso talvez, ó bruta penedia,
Que em tua face corre essa lagrima fria !

Na meia escuridão, no silencio das furnas
Abertas em teu flanco ha tristezas nocturnas
Que gemem, pela voz lamentosa dos ventos,
Tua secreta dôr, teus occultos tormentos ;
Ha columnas de luz formadas lentamente
Pela congelação de teu pranto fulgente,
Nas quaes vão reflectir e á socapa brilhar
Os lividos clarões de um mysterioso olhar ;
E estranhos vegetaes, e cactaceas informes
Que apegam no granito os tentaculos enormes,
Parecendo na sombra, á meia luz, parados,
Gigantescos reptis em plantas transformados ;
Ha as folhas carmezins de um arbusculo exangue
A fazer-nos pensar que a Pedra tenha sangue !

Por essas solidões, ou seja noite ou dia,
Paira o genio do sonho e da melancholia ;

E o poeta, ao penetrar esses ermos retiros,
 Senté ancias de chorar e de soltar suspiros,
 Diffundindo na voz merencorea dos ventos
 Sua secreta dôr, seus occultos tormentos..
 E' que ha na alma do poeta, onde a tristeza medra,
 Uma porção da luz congelada na Pedra,
 E, como numa lyra encantada e plangente,
 Acha uma voz nessa alma harmoniosa o Inconsciente !

J. Pereira Barrêto



NATAL

Um menino me contou esta historia do natal:

« Quando eu era menorsinho, eu e minha irmã moravamos com a vovó e o papae viuvo em Copacabana. Era pobre a nossa casita escondida ao sopé do morro que, quasi a pique, desce sobre o mar.

Ao lado de nós numa casa immensa morava um grande homem que possuia muito ouro e muitos cavallos, como um rei, e de quem se dizia que era senador. Surgia pertinho de nós a sua casa onde ás noites brilhavam luzes de todas as cores e soavam musicas de todos os tons.

« Uma noite de fim de anno, eu e a menina fomos attrahidos pelas luminarias do palacio onde havia festa. Dizia-se que era o natal; e nós, curiosos e medrosos, mal dormiu a avósinha, fugimos e corremos á grade do jardim a espiar a festa. Aquillo foi para nós um deslumbramento; havia fogos, joias, doces, musicas, perfumes. Vinte crianças, como nós, riam, dansavam, cantavam numa enorme alegria, numa felicidade que nós dois, miseravêis, não podiamos comprehender

« Ficamos bem quietinhos a ver e a ouvir esse festim real e como um encantamento, adormecemos ali mesmo com as cabeças de encontro á grade do jardim.

« Nós sonhamos.

Um homem nos tomava ao cólo e nos dizia ;

« Meus filhos : hoje é a noite de Natal. O Natal, meus meninos, é um pretexto para meia duzia de canalhas banquetear-se com o producto dos latrocínios feitos no anno. E escolhem este dia porque foi num dia correspondente ha quasi dois mil annos que nasceu num curral de vaccas um sujeito ao mesmo tempo imbecil e feroz que encheu o mundo de espantos, de terrores, de loucuras, de odios e de mortes. Entretanto como esse idiota furioso tem servido aos interesses dos homens mais fórtes, mais cynicos e mais audazes, as datas de sua vida são os melhores pretextos para as exhibições hypocritas do mundo

O Natal, por exemplo. Para que os pobres e os vencidos não protestem e não se revoltem contra as leis e os costumes que os mantêm na eterna miseria... esses bandidos, esses salteadores festejam o Natal do famoso paranoia e lembram com perfida piedade que elle nasceu entre as palhas de uma vaccaria, que era pobre e que viera ao mundo dar exemplos á humanidade... ah ! meus filhos ! esses canalhas são incomparavelmente hediondos ! Vocês, pobresinhos, dormindo ao relento, ralados de fome e de inveja, emquanto nesse palacio, cem crianças, como vocês, folgam e riem no esplendor de uma ceia fidalga ! Eis ahi o natal ! eis ahi a obra do immortal idiota que ha servido de pretexto para todas as mortes, todos os saques, todas as torpezas de uma humanidade allucinada !

Não, meus filhos ! para nós para todos quanto hão soffrido na vida, o Natal ainda não raiou.

Mas ha de vir: ha de nascer, não um ho-

mem, mas uma geração, uma animalidade nova para o dominio da Terra, para a gloria tranquilla da vida, para o amor, para a justiça, para a liberdade. E' da vossa miseria, da humildade dos pobresinhos que surgirá a revolução social e moral da humanidade, em tempo remoto quando a razão humana, tão longamente perturbada pelo illusionismo do raciocinio dos philosophos, começará a trabalhar em linha recta e ao nivel da Terra, para a apprehensão da verdade natural e a comprehensão das fatalidades da vida,

« O Natal será então nessa época.

« Hoje, a estúpida passividade dos homens soffre que uma pequena parte explore a outra em em nome de um judeu indecente, de um gallileu analphabeto e delirante. amanhã isso não será mais possivel: a comedia durou muito e todos vós, miseraveis, estais impacientes.

« Despertem, meus filhos; amanhã o dia ha de ser lindo: o Sol virá á vossa cabana, fará rir a caducidade da vovó, dourará os musculos do papae, e sobre as vossas cabecinhas irradiará com aureolas de graça e juvenilidade.

O Natal, meus filhos, é a aurora; é o ar puro da manhã, são as rozas e os fructos; o Natal é a luz igual em toda a Terra para o homem livre. .»

E nós acordamos quando o homem nos largou do cólo, o Sol nascia e a voz cheia e triste do papae gritava da cabana:

— Oh! meninos! meninos! o café está frio!

Domingos Ribeiro Filho



O Sophisma de Zenon

No meu artigo publicado no numero anterior da *Floreal*, a respeito do livro do Dr. Gustave Le Bon —*L'Évolution de la Matière*— eu me referi ao sophisma de Zenon sobre a impossibilidade do movimento. Eu disse que o facto de não se poder conceber a destruição da materia não era sufficientemente forte para apoiar-se sobre elle a certeza na verdade do principio de Lavoisier. Disse que não seria a primeira vez que o homem se encontrasse diante de duas affirmações diametralmente oppostas e ambas irrecusaveis diante dos elementos cerebraes; e que bastava mesmo, para o caso, o exemplo do sophisma famoso de Zenon.

E' esse sophisma que eu desejo examinar n'este artigo. Elle póde ser apresentado do seguinte modo:

«Um corpo, um movel qualquer, não póde ir de um pontô A a outro ponto B. Sendo a o comprimento da trajectoria qualquer que elle descreveria para ir do primeiro ao segundo, o movel teria que percorrer, primeiro, a metade de a , depois a metade do comprimento restante, isto é, a quarta parte de a . depois a oitava parte de a ; e assim por diante. O movel teria que percorrer, portanto, um numero de espaços, um numero de trechos de trajectoria, igual ao numero dos valores que toma a fracção $\frac{a}{b}$ quando b cresce de 2 até o infinito, dobrando sempre. Essa fracção variando, por esse modo, não póde attingir nunca o valor zéro e o numero d'esses comprimentos é, portanto, infinito. Suppondo numerados todos esses trechos segundo a série dos numeros inteiros, o movel, se

fosse de A até B, teria tocado em todos os numeros da série dos numeros inteiros. Elle a teria esgotado. Ora, a serie dos numeros inteiros é inesgotavel e, portanto, o movel não a poderia esgotar. O movel não poderia, portanto, ir de um ponto A a outro ponto qualquer B. E como o raciocinio se applica qualquer que seja a , segue-se que um corpo qualquer não se pôde mover do menor deslocamento dado. O movimento é, portanto, impossivel.»

Esse raciocinio não demonstra a impossibilidade do movimento, não havendo nada n'elle — pelo menos eu não o vejo — que obrigue a accetral-o de preferencia aos dados de observação directa. Mas desde logo elle assume uma importancia extraordinaria, porque nos colloca diante da seguinte duvida :

« O nosso cerebro não será constituido de tal modo, pelo menos actualmente, que seguindo dous caminhos, por processos logicos onde não encontremos vicios de raciocinio, elle nos conduza a conclusões, ás vezes, totalmente oppostas ? »

Essa duvida, que aliás não é a unica a formular ahi, o raciocinio de Zenon é bastante forte para pô-la de pé, quando mais não seja para ser derrubada, mas em qualquer caso obrigando a um exame. E' isso que eu vou procurar fazer.

— Nós dizemos que a série de numeros inteiros e em geral que uma série qualquer de um numero infinito de termos é inesgotavel. Mas em que sentido será ella inesgotavel? E' um ponto que é indispensavel precisar. Se o raciocinio de Zenon possui alguma falha, eu não vejo que ella possa estar em outro lugar. Tudo o mais é rigoroso. A serie dos comprimentos a percorrer é realmente infinita, e se de modo algum uma serie de numero infinito de comprimentos, que são successivamente percorridos, pôde ser

esgotada, isto é, se de modo algum se pôde dizer de uma série d'essas, em uma dada época, que ella *foi percorrida* por essa maneira, a conclusão da impossibilidade do deslocamento A B é inevitavel. Eu devo procurar, portanto, saber em que sentido se pôde affirmar que uma serie de numero infinito de termos é inesgotavel.

No momento actual, a questão pôde ser simplificada. Sabendo eu que os termos todos da série devem ser percorridos, dispostos em uma certa ordem, posso —e o faço expressamente— pôr de lado, n'este instante, todas as maneiras porque se poderia imaginar percorrida uma serie infinita, para pensar exclusivamente n'essa que foi enunciada.

Se o movel imaginado gastasse o mesmo tempo no percurso de cada um dos trechos em que foi decomposta a trajectoria A B, por menor que fosse esse tempo, sendo elle maior do que zéro, seguramente que seria preciso um tempo total infinito para que se pudesse effectuar o percurso total. Desde que fosse necessario um tempo infinito para ir de A até B, com effeito, o movel nunca chegaria a B. E o mesmo se daria em toda uma serie infinita de casos, todos assimilaveis a esse, em que os tempos gastos nos percursos parcellares fossem todos maiores do que um dado valor finito t , differente de zéro, e ainda em toda uma outra serie incorporavel a essa.

Em todos esses casos, a somma dos tempos daria um tempo total infinito, e vê-se muito claramente que o movel nunca chegaria, então, a B. Ora, essa somma ou é finita, ou é infinita. Quando infinita, viu-se o que dahi decorria ; resta vêr, portanto, apenas, o que acontece quando é finita essa somma de tempos.

Ella pôde, de facto, ser finita, comquanto

seja infinito o numero das parcellas e nenhuma parcella seja nulla. E' sabido que, por exemplo,

$$\frac{1}{2} + \frac{1}{4} + \frac{1}{8} + \frac{1}{16} +$$

é rigorosamente igual a 1.

Não seria, portanto, do tempo, a esse respeito, que proviria a impossibilidade do movimento aqui, isto é, a impossibilidade do movimento não decorreria aqui do facto de ser infinito o numero de parcellas de tempo a gastar pelo movel para ir de A até B.

Dada a maneira pela qual foi dividida a trajectoria A B em um numero infinito de trechos, o movimento que dividiria os tempos correspondentes a esses trechos, segundo a série citada, seria o movimento uniforme. Podiam ser imaginadas muitas outras especies de movimentos, todos elles fornecendo para a somma dos tempos parcellares um valor finito. Mas como, para o caso, tanto faz que se trate d'este ou d'aquelle movimento, desde que se tenha a serie infinita de tempos parcellares maiores do que zero e que a somma desses tempos seja finita, eu, para fixar as ideias supporei que é uniforme o movimento com que é percorrida, na questão a estudar, a trajectoria A B. Poder-se-ha vêr, a cada passo, a perfeita generalidade do raciocinio dentro dos limites necessarios.

Não será, assim, na hypothese que examino, porque o seu percurso exija um tempo infinito que a serie em questão não poderá ser percorrida, que ella será *inesgotavel*. Não será mais por isso como na primeira hypothese. Mas não haverá um outro elemento que se opponha aqui á esgotabilidade da serie?

Toda a duvida decorre aqui do facto de ser

infinito o numero de termos a percorrer. E' infinito o numero, de trechos de trajectoria e é infinito o numero de espaços de tempo correspondentes. Assim como, pelo facto de ser infinito o numero de trechos da trajectoria, sem que nem um delles seja nullo, não decorre d'ahi que seja infinito o comprimento d'essa trajectoria, pelo facto de ser infinito correspondentemente o numero dos espaços de tempo, não decorre dahi que seja infinito o tempo total formado pela somma dos tempos parcellares:

Não é sommando, portanto, quer os espaços, quer os tempos, que se encontra impossibilidade no esgotamento da serie, n'esta segunda hypothese. Mas não haverá impossibilidade a um outro respeito qualquer?

Neste instante, pensando n'isso, e procurando representar mentalmente o facto, procurando compôr uma concepção d'elle, e imaginar esse percurso termo a termo, de uma serie infinita, eu tenho a sensação de qualquer coisa que não parece ser o tempo total, e que me faz repugnar o esgotamento da serie. *Imaginando o percurso começado eu não vejo como, uma vez mettido na serie, o movel poderá SAHIR d'ella.* Eu vejo que o movel *desde que termina um trecho começa o trecho seguinte e só sahe de um termo para entrar em outro termo.* Ora, ou ha um trecho final, um trecho de que se possa dizer — este é o ultimo— ou não ha. A primeira hypothese importa n'uma contradicção, e portanto, n'uma impossibilidade. Resta a segunda.

N'esta, como não existe então um ultimo termo, não se póde pensar em o movel sahir da serie percorrendo um ultimo termo, nem dois ultimos termos, nem um numero qualquer finito de ultimos termos, porque tudo isso importaria na necessidade de imaginar finita a serie. N'esta hypothese o movel, só podendo sahir da série per-

correndo-a, não se podendo imaginar que elle sáia pelo percurso de um numero qualquer finito de termos, fica-se reduzido á necessidade de, para conceber o factó, imaginar o percurso de um numero infinito de termos. E' a volta ao ponto da partida—para imaginar o percurso do numero infinito de termos, seria necessario imaginar o percurso de um numero ainda infinito de termos. Aliás, isso era de esperar e seria mesmo extranho que se chegasse a outra conclusão. A concepção da terminação, do esgotamento da serie, deve ser a concepção do que se passa quando termina o tempo correspondente ao percurso total. Ora, então, ou se considera um espaço qualquer maior do que zéro, ou se considera um tempo nullo. Se se considera um tempo nullo, não se póde imaginar n'elle nenhuma mudança, nenhuma modificação, nenhum percurso. Se se considera um espaço de tempo qualquer maior do que zéro, por menor que seja esse espaço de tempo, ha sempre uma serie infinita a percorrer e o seu percurso a representar mentalmente.

Assim, procurando determinar a esgotabilidade ou inesgotabilidade da serie infinita, eu cheguei ao seguinte :

1º A série é inesgotavel quando a somma dos tempos parcellares é infinita.

2º Quando é finita a somma dos tempos parcellares; não se póde representar mentalmente o esgotamento da serie, o que não quer dizer que ella seja inesgotavel ahi.

Procurando em varios sentidos ir além d'essa segunda conclusão e demonstrar para esse caso ou a esgotabilidade ou a inesgotabilidade, me pareceu que era provavelmente illegitima a sensação indicada acima, onde eu disse:

«Imaginando o percurso começado eu não vejo como, uma vez mettido na serie, o movel poderá SAHIR d'ella. Eu vejo que o movel desde que termina um

trecho começa o trecho seguinte e só sahe de um termo para entrar em outro termo»

Pareceu-me provavel que se tratasse de uma generalisação mal feita. Relativamente a grandezas infinitas isso já tem acontecido muitas vezes e de um modo que demonstra como n'essas occasiões é geral a maneira de sentir erronea. Foi apresentada por Bertrand (de Genève) uma demonstração, uma supposta demonstração do postulado de Euclides, muito curiosa. Essa demonstração anda por ali aceita ainda por muitos. O seu erro consiste na applicação a grandezas infinitas de theorema seguramente verdadeiro para grandezas finitas.

Aqui, no caso da serie infinita, ha capciosidades semelhantes. Eu proponho, como exemplo, o seguinte raciocinio :

« Imaginando que o percurso AB se effectue em um tempo qualquer finito, vê-se que, qualquer que seja a occasião escolhida antes da terminação d'esse tempo, ha ainda uma serie infinita de trechos a serem percorridos. Qualquer que seja esse momento, por mais proximo que elle esteja da terminação do tempo total de percurso, terá sido percorrido até elle, então, sempre, apenas um numero *finito* de trechos : haverá ainda a percorrer um numero infinito de trechos. Não ha assim, antes do proprio momento da terminação do tempototal nem um momento e nem um intervallo de tempo de que não se possa dizer que a serie percorrida n'elle ou até então é finita.

Imaginando o percurso observado com o auxilio de um relógio perfeito, que indicasse sempre, rigorosamente, o tempo exacto, vê-se que, devendo o percurso total fazer-se no tempo t , do tempo zéro ao tempo t , da hora zéro á hora t , em todas as horas, em todos os momentos, em todos os tempos que não fossem o tempo t teria sido percorrida apenas uma serie finita, restaria o percurso de uma serie

infinita. A serie infinita não é percorrida, portanto, antes da hora t e é percorrida na hora t . A serie infinita é percorrida, portanto, n'um tempo nullo — no tempo zéro. E' a velocidade infinita; o movel tem de estar ao mesmo tempo, em todos os pontos de uma serie infinita, que elle percorre no tempo zéro, e fóra della.»

Eu penso que no momento actual não é muito facil perceber o vicio d'esse raciocinio. Elle me parece consistir n'um abuso de generalisação.

Quando eu observo que, dos elementos de uma serie como a examinada mas finita, seja qual fôr o elemento tomado isoladamente elle goza de uma determinada propriedade com a indicada, posso dizer que *todos* esses elementos ou o conjuncto d'elles goza d'essa propriedade. Por mais extranho que á primeira vista isso seja, essa affirmação não se póde applicar nas series infinitas todas. Veja-se, por exemplo, o seguinte raciocinio :

«SEJA QUAL FOR o termo que eu considere, em uma serie infinita como a do problema a examinar, esse termo se acha a uma distancia finita do primeiro termo da serie. Se cada um d'esses termos está a distancia finita TODOS os termos da serie estão a uma distancia finita de primeiro termo. A serie é, portanto, finita.»

O vicio aqui existente é exactamente semelhante ao vicio existente no raciocinio proposto acima.

O caso proposto por Zenon não é o unico d'esse genero. Ha d'elles um numero infinito. Entre elles eu cito dois interessantes. O primeiro é o que se dá quando uma recta, obliqua em relação a outra collocada no mesmo plano que ella, gira em torno de um determinado ponto, até se tornar parallelá a essa segunda recta. O segundo é relativo a um movimento que se póde definir de modo tal que um movel percorra, em linha recta, por exemplo, um

comprimento infinito em um tempo dado — dois minutos, por exemplo.

Em todos esses casos o exame feito para o sophisma de Zenon se applica inteiramente. Em todos elles parece-me tratar-se de extensões erroneas de sensações e de noções. Parece-me haver ahi muita coisa semelhante ao que se deu relativamente ás dizimas periódicas simples com o caso da fracção.

$$0.999$$

A noção de numero inteiro repugnava e parece que ainda repugna a igualdade

$$0.999 = 1$$

O antigo processo de deducção foi affastado e substituido por um outro que vem exposto na arithmetica de Tannery com o intuito de evitar essa igualdade que muitos imaginam explicar dizendo que 1 é o limite de $0.999\dots$, como se a noção de limite tivesse essa elasticidade. E tudo isso porque quando se definiu o numero como o resultado da comparação da grandeza com a unidade pensou-se desde logo n'um determinado modo de comparar dentro do qual não se appellaria para as subdivisões da unidade senão quando a grandeza fosse menor que a unidade ou quando, applicada uma, duas ou mais vezes sobre a grandeza a unidade toda, sobrasse ainda uma porção d'aquella que estivesse n'essas condições.

Assim como aqui é preciso reformar essas noções tornando a olhar para os elementos fundamentais diante dos quaes não repugna absolutamente a igualdade

$$0.999 = 1,$$

n'esse caso que tratamos do sophisma de Zenon e nos casos semelhantes ha um trabalho correspondente a fazer.

M. Ribeiro de Almeida.

Recordações do escrivão Isaias Caminhã

—:—

III

(*Continuação*)

« Os antigos bebiam perolas dissolvidas em vinagre. Não eram lá de gosto muito fino, e a extravagancia nada significava. Eu bebo a verde esmeralda sadia, que é a propria natureza, num copo de Xerez, em vez da perola morbida e pallida no acre vinagre.»

Pela manhã, no dia seguinte, lembrei-me perfeitamente dessa phrase que o Raul Gusmão, um jornalista da amizade do Lage da Silva, pronunciou de vagar na meza do botequim do theatro. Disse-a com a sua voz fanhosa, incarateristica, sem accento de sexo e a aflorar nos labios depois de um transito doloroso pelo tubo vocal —voz que me irritou, sobremodo, a ponto de me tirar toda a disposição para a palestra. Fiquei a ouvil-o respeitoso, tanto mais que nos tratou, a mim e ao padeiro, com tal desdem, com tanta superioridade, que fiquei entibiado diante do retrato do grande literato, universal e aclamado, especie de Balzac ou Dickens, que delle fiz interiormente. Falava e não nos olhava quasi; errava o olhar e quando o fazia era para fixar-nos com expressão de escarneo, intermittenmente preparada no perpassé demorado pelo ambito do jardim.

Veio ter á nossa meza por instancias do Lage da Silva. Ia passando um pouco afastado de nós, quando o meu companheiro correu-lhe ao encalço e trouxe-o para a meza, com os maiores rogos. Apresentou-nos e perguntou depois;

— Que toma, doutor?

— Nada,

— Oh! Alguma cousa: um licor... um cognac... um vinho?

— Vinho! Hoje não ha mais vinhos... O senhor, accrescentou, voltando-se para mim com o seu ar fingidamente insolente; o senhor, porventura, dá-me noticias dos vinhos de Smyrna e de Chios?

Sem esperar a resposta, desviou o rosto, tirou uma preguiçosa fumaça do charuto e pôz-se a olhar pausadamente o theatro, fixando esta ou aquella physionomia, alçando a vista até á varanda; por fim, cheio de insolencia e com aquella voz de parto difficil, chamou o criado e encommendou: meio calice de *peppermint* e uma dóse de Xerez. Simulando não perceber o nosso espanto, fez algumas considerações sobre os vinhos antigos, confrontando-os com os modernos, no sabor, na côr e no preparo.

Vieram-lhe ás garrafas e elle, pegando a colherinha com dous dedos e estendendo os outros de sua mão polpuda, abacial, como qualificou mais tarde, misturou ritualmente o verde *peppermint* no Xerez e foi por ahi que disse: «Os antigos...»

Diante d'elle, dos seus gestos, das suas palavras, a impressão das mulheres e da agitação do theatro, apagou-se-me completamente. Elle resumiu-me o theatro e fiquei com esse encontro tão indelevelmente gravado, que ainda agora, ao traçar estas linhas, estou a vel-o erguer-se com visivel esforço da cadeira, ficar um instante parado junto a nós, com o seu corpanzil encostado á bengala vergada, e dizer cheio de profundo aborrecimento — *como isto é feio!* — para então afastar-se definitivamente, mas vagarosamente...

Mal saio, pedi mais detalhadas informações ao Lage da Silva a respeito de tão interessante personagem. Nos confins da minha cidade natal, eu não podia advinhar que o Rio contivesse exemplar tão curioso de homem, exuberante de gestos ineditos e phrases imprevistas.

Lage da Silva, porém, não m'as poudé dar. Um outro seu amigo veio até nós e sem nenhuma cerimonia sentou-se. Era o Oliveira—não me conhece? O Oliveira do *Globo*, tão conhecido.., Oh!

O padeiro offereceu-lhe alguma cousa e perguntou amavelmente:

— Que ha de novo para amanhã, Oliveira?

— Uma inundação, no Norte.

— Onde?

— No forte S. Joaquim, no Purús.

— Perdão! fiz eu collegialmente. O forte S. Joaquim não fica no Purús...

O Oliveira olhou-me com alguma raiva e eu tive que comprimir a alegria collegial do *quináo*.

— Onde fica então? perguntou o Oliveira.

— No Rio Branco, na fronteira da Guyana Inglesa.

— Esta nossa geographia anda tão baralhada.... O senhor com certeza não conhece o rio das Capivaras?

— Não senhor.

— Pois é um rio importante e nenhuma geographia dá! Eu o conheço, porque nasci bem perto d'elle, senão... Neste Brazil, ha ainda muito que fazer...

De manhã, puz-me a recapitular todos esses episodios, e por todos elles, passava a figura inflada do Raul Gusmão. Vi o Oliveira associado ao seu constrangido desgosto, á sua insolencia e ás suas phrases de effeito, e senti que só elle tinha podido desviar-me por instantes da observação meticulosa a que vinha submettendo o padeiro de Itaporanga.

E comquanto ella tivesse sido attenta e contínua, não pude ao certo decifrar o enigma que representava. Achava extraordinario que um varegista de um villarejo longiquo cultivasse e mantivesse amizades tão fóra de seu circulo; não se lhe explicava aquelle norteio para os jornalistas,

No theatro e na rua, complimentou a mais de uma dezena e apontou-me, sem lhes falar, a uma duzia delles. E' de tal jornal, dizia; é de tal revista.... Toda a vida jornalistica, elle conhecia minuciosamente. Informou-me sobre os nomes dos redactores, sobre os pseudonymos, sobre a tiragem e a venda, não só de cada jornal diario, como de cada hebdomadario de caricaturas..., Havia nisso uma pueril mania ou.... Não se manifestava politico, literato, homem de leituras; não lhe senti a mais elementar preocupação intellectual; todo elle me pareceu convergindo para negócios, cousas de dinheiro, especulações. Por isso, a sua jovialidade e sociabilidade não impediram que, aqui e ali, repontassem em mim algumas suspeitas sobre a sua honestidade.

Houve um factó que tornou um pouco mais consistente as fluidicas suspeitas que eu tinha delle.

Acabando de ceiar, ao pagar a conta, o pa-deiro de Itaporanga examinou com um cuidado especial de entendido, o papel, a estampa e e numero das notas do troco. Notando que eu reparava com insistencia o seu exame pericial, com a mais tranquilla das vozes e cheio de ingenuidade, pediu-me:

— Faça favor, doutor: veja de que estampa é esta.... Não posso ler bem....

E passou-me uma cedula velha e encardida, em que li em tom que elle pudesse ouvir-me:

— Estampa 9^a

— Bem! E' preciso muito cuidado, meu caro doutor. A Casa da Moeda tem muitas succursaes não reconhecidas....

Com seu gesto habitual, estendeu a perna, arrumou a nota no massó e guardou-o no fundo da algibeira.

Dahi em diante, não sei se com justeza, mas

certamente com muita segurança íntima, tive por affectadas a sua simplicidade e bonhomia, e julguei que escondiam algo de grave que se desenrolava na sua vida e ainda não tivera termo.

Pelo almoço, a uma minha pergunta, o cozeiro avisou-me que o padeiro tinha ido aos suburbios e não voltaria senão á tarde. Almocei vagarosamente e tranquillo. Tinham dado onze horas quando sahi do hotel e vim vindo a pé até ás ruas centraes. Era cedo; não fui logo á Camara. Fiquei vagueiando pela rua á espera da hora conveniente. Cansado de andar pelo centro, aventurei-me de bonde para cima do Campo de Sant'Anna. Aproximando-se a hora, tomei um outro que me informaram levava ao largo do Paço. Não reparei que ao meu lado se sentara um homem acobreado, de cabello liso e barba rala e crespa, ar decidido e thorax forte; mas notara que, bancos adiante, um senhor alto, de cartola e calças brancas, abancara-se á direita de uma senhora, jovem ainda, cuja passagem pagou, sem que com ella trocasse sequer um olhar. Observei-os durante a viagem intrigado; ao meio della, porém, o visinho disse-me baixo:

— Está vendo que pouca vergonha?! Um senador a *bolinar*!!

Não entendi. Bolinar... Senador.... O que era? O homem entretanto insistiu:

— Todo o dia é aquillo... Uma vergonha! Se fosse outro, mas um senador!

Por esse tempo, o par saltou, isto é, o senhor um pouco antes, com o vehiculo em movimento, e a senhora metros adiante, e ambos, ao geito de desconhecidos, sem olhar um para o outro, tomaram uma rua transversal. O meu visinho não me deixou de olhar durante toda a viagem, e quando saltei, mal tinha pizado o passeio, elle me interpellou assim:

— Olhe, menino, disse-me elle; deixe-se disso, senão...

— Mas o que?

— Então não sabe! Ora, não se faça de besta, continuou, atirando o chapéo para o alto da cabeça.

— Mas..., fiz a tremer.

— E' isso que lhe digo: não se metta na vida do *seu* Carvalho,... E' um graúdo e não tem que dar satisfação a ninguem—fique sabendo!

— Eu!

— Sim, V.!

Olhou-me durante instantes, cheio de desafio e me perguntou com atrevimento:

— V não é *reporter* do «Azeite», um jornalco que anda por ahi?

— Eu, não senhor.

E com a humildade que dictava a minha segurança, expliquei-lhe que havia chegado do interior, que não conhecia tal senador, que ia entregar uma carta (mostrei-a) a um Deputado na Camara, etc., etc. Contei-lhe por alto a minha vida, as minhas difficuldades e os meus desejos. O *vagabundo* enterneceu-se, desculpou-se, disse-me seu nome e me offereceu sua casa.

Dirigi-me para a Camara. A minha simplicidade tinha julgado facil falar a um Deputado. O porteiro mostrou-me que não. Era prohibido, só se trouxesse ingresso; comtudo, ensinou-me a residencia do Dr. Castro e fui assistir a sessão, para encher o tempo.

(*Continúa*).

Lima Barreto.



Revista da Quinzena

Na sua secção de critica litteraria no *Jornal do Commercio* o Sr. José Verissimo referiu-se á *Floreal* com sympathia e com bondade. Foi uma surpresa para a nossa revista ver-se assim percebida tão do alto. Não é que ella se julgasse ou se julgue desprovida de valor — absolutamente não é por isso; mas a distancia era tão grande que ella não esperava ser distinguida com a precisão necessaria. Essa distancia, porém, o Sr. José Verissimo não fez duvida em transpol-a para nos dizer essa palavra de sympathia que profundamente agradecemos e que, dados o feitio e a intelligencia de quem a disse, tem para nós um valor extraordinario.

*
* *

PRETEXTOS

« Illmo. Sr. Dr. tenente-coronel Lauro Sodré. — Dirijo-me a v. ex., á mingua de encontrar nòs livros e tratados, á mingua de encontrar em mim e por mim mesmo, um salutar accordo entre actos e doutrinas e aphorismas pregados como justos e verdadeiros por V. Ex.

Eu sei que só Deus e os burros são mudam, mas V. Exa. que não é uma cousa nem outra, faz timbre de coherencia, de ter uma só linha de conducta, portanto de não — mudança.

A minha admiração por V. Ex. veio desde que me disseram ser V. Ex. discipulo amado de Benjamin Constant. Embora eu não goste do exacto Benjamin, um mediocre mathematico que fugia dos concursos, gosto das lendas e das continuações.

V. Ex. sabe que não estou avançando uma in-

famia. O senador Lauro é tenente-coronel do Corpo de Engenheiros e sabe que a « Theoria das quantidades negativas » é uma delgada memoria, de objecto elementar, tratado sem originalidade propria, notavel, com certeza, para um estudante, mas que mesmo no Brasil de trinta annos atraz, quando se tinha conhecido um Gomes de Souza, não podia dar reputação de geometra a ninguem.

V Ex. sabe demais que Benjamin nada mais deixou e que, certa vez, não entrou em concurso na Escola Polytechnica, porque ia inscrever-se o Dr. Antiocho dos Santos Faure, que ninguem mais conhece. Li o veneravel Teixeira Mendes, Biographia de Benjamin e outras Obras, além de interpretar de outro modo os documentos de segundo volume daquella, surprehendeu-me nessa leitura, da Biographia ou dos folhetos, a insinuação de que o *Mestre* Benjamin não sabia o Positivismo. Entretanto, eu tinha até então o director dos Cegos como um *esoterico* nas cousas da cabalistica *Synthèse* e um interpretador seguro da gnomica « *Politique Positive* ».

Isso tudo, porém, não vem ao caso; trata-se de dizer que admiro V Ex. por manter viva a lenda do coronel positivista, aclamado general e ao mesmo tempo grão-mestre da Ordem de Aviz, dignidade um tanto theologica como é do saber de V. Ex.; além disso, admiro tambem V. Ex. porque continúa a lenda complexa de um modo maravilhoso, hoje, no nosso tempo, á luz deste claro e forte sol, apesar da nossa psychologia experimental, dos raios X que atravessam certos corpos opacos, da dactyloscopia, da microscopia, da *bertillonage*, do papel *tournesol* e outros meios de investigação variados e infalliveis.

E' por admirar V Ex. que venho submeter uma duvida, pedindo da vossa calma de paraense que não vem, como a fleugma britannica de uma forte capacidade de inibição, mas de uma ane-

mia chronica e indispensavel á vida nas paragens amazonicas ; pedindo, dizia, que V. Ex. não a receba de máo humor, antes a deslinde com clareza e verdade.

E' da minha memoria que V. Ex., por occasião do projecto de vaccinação obrigatoria, bateu-se eloquentemente, com a conhecida eloquencia de V. Ex. (cada um dá o que tem), contra o violento projecto. Lembro-me outrosim que V. Ex. apoiou toda a sua feroz argumentação na liberdade individual, não querendo, conforme foi V. Ex. provocado pelo Dr. Manoel Duarte, levar a questão para o terreno scientifico ou medico.

E' de minha lembrança tambem que V. Ex., sancionado o projecto, recordou-se da sua espada, ainda mais virgem que a do mestre Benjamin, e saiu a campo, á frente da briosa mocidade militar, para defender os direitos do povo conspurcados pelo Legislativo e Executivo.

Não quero agora lembrar todas as phases do caso, de que fui testemunha e parte ; não quero relatar os heroismos do tenente-coronel Lauro, da sua, legendaria attitude de descalvagar da montada para não parecer fuga precipitada a retirada, indo a pé, não sei se vagarosamente, para uma residencia hospitaleira, demonstrando singular habilidade para transpor gradís de jardins burguezes a deshoras.

Não é isso que eu quero submetter a V. Ex. ; o meu intuito é mostrar que V. Ex. foi no momento um dos sustentaculos da liberdade individual, e como é (ahi a minha duvida) que V. Ex. não continuou a ser agora no caso do projecto de serviço militar obrigatorio, dando até parecer favoravel ?

Admira-me, eu estou disposto sempre a admirar, que V. Ex. não se tenha justificado cabalmente dessa modificação nas suas opiniões, tanto mais que

o espirito de V Ex. dispõe de recursos valiosos para taes. *accommodements*.

Perdoe-me V Ex. o uso deste gallicismo inutil; mas eu quero lembrar Molière, sem imitar V Ex. que, quando cita, põe uma scena ou canto inteiro, as paginas, as edições e os preços respectivos, tudo isso de que? De que? Do «Théâtre Classique» do Regnier, que usamos nos preparatorios, ou do Victor Hugo conhecidissimo!

Eu sei que V Ex. não é literato, por isso não faz caso dessas cousas; e para que esta, que vae apparecer numa revista literaria, mereça alguma consideração de V. Ex., direi a V. Ex. que fui alumno da Escola Militar, tomei parte nos acontecimentos de Novembro e antes votei em V Ex. tres vezes numa só secção eleitoral, com diplomas falsos, que fui buscar no escriptorio do «Brazil Medico» — com o que V. Ex. se viu guindado ao Senado Federal, como justâ expressão da vontade popular.

De V. Ex., etc. etc.

Chaves Barbosa.

*
* *

THEATROS

Réjane representou na sua ultima temporada em Lisboa, *Suzeraine*, comedia em 4 actos, dum escriptor argentino. A critica acolheu-a bem e o publico applaudiu-a.

Esta noticia, lida num jornal carioca, produziu no meu espirito submisso ao dogma da alta cultura esthetica brasileira, perturbador abalo. Porque quem escreve estas linhas era, desde que agarrou, abriu e leu um primeiro jornal, um crente profundo da superioridade artistica do Brasil na America. Os criticos não se fartavam então, como se não fartam ainda, de escrever que o meio artis-

tico era o mais refinado e o mais culto, como a platéa carioca era e é a mais exigente e a mais intellectual.

Puxar o carro de Sarah Bernhardt foi uma emoção fina. As manifestações a E. Duse passaram por um attestado de intelligencia. Verdade que desde a grande actriz italiana até a companhia do Lucinda, em todas as salas de espectaculos, as representações eram em familia, para duas duzias de cidadãos, numa intimidade tocante. Apesar de tudo isto ou talvez por causa de tudo isto, o meio continuava a ser culto e exigente, os autores magnificos, sem rivaes no continente.

Eis senão quando, surge a nova de que a acclamada artista, que é a Réjane, representara uma peça argentina. O dogma foi abalado. Mas, para comprovar que, se os autores indigenas não eram ainda divulgados no estrangeiro — ambição de todos—o meio superexigente e civilizado gozava no reduzido palco nacional um theatro subtil e moderno, a comedia intensa, o drama magnifico, corro a ultima pagina das folhas. Uma duzia de *cinematographos*, o circo *Spinelli*, *Medico das Loucas*, *Moulin Rouge*.

Bom, disse o meu espirito crente, isto é só hoje ; vae aos jornaes passados. Na mesma ultima pagina, os mesmos *cinematographos*, o mesmissimo *Spinelli*, o *Medico das Loucas* e o *Moulin*.

Ha evidentemente uma discordancia entre os annuncios theatraes e o refinadissimo publico brasileiro. Porque, se o potencial da intelligencia e do gosto é expresso pela collecção dos dramas do Recreio e pelo circo Spinelli, esse bom gosto e essa intelligencia são extraordinarios.

Ou achará a critica que o publico é fino, porque deixa vasiaas as companhias estrangeiras e abandona as nacionaes? Como a entidade dirigente de tudo, desde as sensações estheticas á marcha

do systema solar e do universo, não explicou ainda o que entende por cultura theatral no Brazil, esta pergunta parece insolúvel.

Houve no entanto um momento em que os jornaes e o publico com elles, rejubilaram. Foi na época do *Dote* e da *Ultima Noite*. Então os escriptores theatraes borbulhavam.

Mesmo o Sr. Dias Braga ia, todas as quintas-feiras, dar *premières* com peças nacionaes. As comedias em 1 acto, as peças de folego e these estavam, segundo a vóz poderosa e verídica da imprensa, sendo ensaiadas. Era um florescimento. Nessa época feliz, nas ruas, os meus olhos patrioticos seguiam com alegria e ternura o perfil esguio do poeta Fagundes que vinha de ler a sua peça, ou do dramaturgo X, que acabara talvez de assistir ao ensaio geral do seu drama.

Subito o empresario do Recreio annuncia os mesmos dramas do periodo imperial. Que fim levariam os originaes annunciados dos Fagundes e Fernandos? O publico fugiria do theatro? Outras questões insolúveis. Apenas como compensação o resurgimento triumphal das cousas velhas, dos dramalhões enormes, e a *débaçle* de duas ou tres companhias nacionaes.

E o meio continúa a ser culto, a platéa exigente, a critica profunda. Os actores correm para o circo Spinelli, os cinematographos augmentam, as vasantes nas companhias estrangeiras se succedem e se parecem. Como explicar essa contradicção da cultura e do desprezo das cousas cultas? E' preciso que isso seja explicado.

Ainda mais. Ha por esta cidade alguns jornalistas de genio, como todos os nossos jornalistas, para os quaes do theatro moderno só se salva Ibsen. Tudo mais: o actual theatro francez e o velho, o inglez, o allemão, quando não são banalidades, são carpintarias e velharias, segundo a ex-

pressiva linguagem dos grandes homens. Qualquer um pensará que esses dignos cidadãos escreveram alguma cousa de extraordinario e sublime em qualquer dos ramos da litteratura. Nada. São simples bachareis formados que se apoderaram de uma columna dos jornaes e legislam com naturalidade e desdem essas coisas superiores. Com certeza trabalham, num labor occulto e vigoroso, nalguma comedia hyperfina e nalgum drama superintenso. Tanto elles trabalham que a boa nova resurge outra vez. Foi numa representação em familia, no Lucinda, que m'a sopraram ao ouvido. O mesmo Dias Braga ensaia agora peças nacionaes. Os grandes homens estão a postos numa ancia febril de producção, os jornaes annunciam leituras e ensaios. E desde o *lever de rideau* até á comedia de costumes, os entre-actos e os dramas, tudo está prompto, *made in Rio*, preparado para abysmar o indigena.

E no pateo do Lucinda, com o meu informante ao lado, eu me rejubilava. O homem era categorico:

— Desta vez vae mesmo. A regeneração do theatro está á porta.

Volvi para elle os meus olhos anciosos e sem certeza:

— Bemdicta nova!

— E' no Recreio, no Lucinda, em toda a parte. Os artistas não descançam; o ensaiador vigilante dá a ultima demão, os auctores vigiam.

— Bemdicta nova, meu amigo. Já não era sem tempo, olhe tudo isso.

E eu apontava-lhe a platéa vasia, a geral vasia, os camarotes vasioes. E no *foyer*, com certeza, naquelle momento os jornalistas geniaes conversavam com as actrizes sobre regeneração, elevação, fortuna no theatro, ou falavam da vida alheia.

Gilberto de Moraes

JORNÁES E REVISTAS

A virtude de M. de Montyon.
Figaro, 23 de novembro de 1907.

A Academia Franceza, em certo dia do anno, distribue premios destinados a recompensar a virtude. Dá Jean Remi, num dos ultimos supplementos literarios do « Figaro », curiosas indicações sobre o fundador de tal premio, um tal *Antoine — Jean — Baptiste Robert Auget*, barão de MONTYON.

Renan, a proposito do premio que a Academia confere, de anno em anno, a criadas fieis e a pacatos escriptores, dizia: ha um dia no anno em que a virtude é recompensada. Não nos disse o maravilhoso estylista se tambem nesse dia o vicio era castigado, como nos dramalhões do seu tempo...

De tal fórma, estão ligados o philantropo e a virtude que nesse mesmo dia M. de Montyon é da actualidade.

Segundo diz Jean Remi, M. de Montym amou sobretudo na literatura o genero epistolar, escrevendo cartas sobre cartas a respeito das demandas innumeradas que manteve, das quaes, ao que parece, era um amator apaixonado e consumado.

Passou grande parte de sua vida a combinar processos, com um acerbo sentimento dos seus direitos e com tal encarniçamento que não seria bastante para designal-o logo como o philantropo que veiu a ser pelo correr das idades.

Um autor suiso, o Sr. Aloys de Molin, acaba de publicar um livro agradavel e documentado — *Les Procés de M. de Montyon dans le canton du Vaud*.

Por sua leitura, chega-se a saber que *Jean-Baptiste — Robert Auget de Montyon* tratou sempre de consolidar sua fortuna e arredondal-a conve-

nientemente antes de fazer um testamento opulento, generoso e por demais philosophico.

Nasceu em Paris, pelos fins do anno de 1733, e morreu em 1820.

Era originario de uma familia burgueza, recentemente enobrecida. Houve musicos nella e financeiros habéis que em bôa hora vieram corrigir a tara sentimental daquelles.

Perdendo seu pae em tenra idade, Roberto Auget de Montyon ficou possuidor de uma bella fortuna e não na empregou futilmente. Occupou cargos importantes. Aos vinte e dous annos, foi advogado do Rei; aos vinte e sete, fez parte do grande Conselho de censura literaria dirigido pelo famoso e dedicado M. de Malesherbes; aos trinta e tres, foi nomeado governador da Auavergne, etc., etc.

Obrigado pelas suas funcções a estar sempre fóra de suas terras de Monthyon, lá deixou um administrador, com quem sempre esteve em correspondencia perpetua e vigilante. Quando Fiacre Parin, o administrador, apieda-se pelos pobres que lhe moram nos dominios e tem descachidas sentimentaes, lá vem o philantropo para corrigil-o e pol-o no bom caminho. E' sempre duro e inflexivel.

Tendo o administrador intercedido por uma certa viuva que lhe devia uns alugueis atrasados e que já era perseguida por seu advogado, o immortal philantropo responde inexoravel: *rien à changer*. Entretanto, já fazia ás Academias doações importantes, com fitos caridosos...

Em 1788, o bom Fiacre ainda pedia a M. de Montyon que dêsse tempo ao seu devedor Jean Rousseau, com o que não tinha nada a perder. M. de Montyon ama o certo e não quer o duvidoso, por isso responde: se dentro de uma quinzena não puder pagar, submetta o caso a M. Dumont (seu

advogado), para executar o tal Rousseau e fazel-o citar.

E' de crer que, nos seus descendentes, a viuva e Jean Rousseau tenham recebido, pör intermedio da Academia Franceza, manifestações da philantropia de M. de Montyon.

Vindo a Revolução, emigrou para Suissa, muito secretamente, muito cautamente. Foi então que começaram os terriveis processos. Tendo empregado dinheiro em tudo no cantão de VAUD, quiz reembolsar-se delle para adquirir titulos inglezes então em baixa. Para isso, abusou dos amigos, fel-os trabalhar, escrevia-lhes cheio de rudeza e impertinencia, exigindo serviços e favores. Ganhou todas as demandas e morreu com milhões.

Observa o autor suisso que elle foi generoso em grosso e poupado no detalhe. Viveu cheio de cupidez, amontoou avaramente uma fortuna consideravel e resgatou-se com o seu famoso testamento.

Honra-lhe seja feita, pör ter permittido que os grandes poetas e escriptores de França façam, de anno em anno, um elogio refinado e solemne á virtude obscura e humilde que se resolve a apparecer!

*
* *

Le Siècle — Ficamos sabendo pelo numero de 20 de Novembro, lendo um delicioso artigo de A. Brette, que em França, ultimamente, a Igreja Catholica e Apostolica Romana, na falta de cruzadas sangrentas com sarracenos trucidados, mulheres violadas e cidades roubadas; não havendo mais a Santissima instituição do Santo Officio com as suas ceremonias deslumbrantes de carbonisação e martyrisação de hereges; aborrecida da carencia de emoções da sua vida actual; atirou-se á cynegetica para distrahir-se um pouco do latim e

da missa. Não tendo mais as hostes de cavaleiros vestidos de ferro para lançar com uma benção destinada a ver se elles matavam mais soldados aos infieis do que os infieis a elles, n'uma caçada de gente, tendo-se tornado muito perigoso fazer previsões de victoria com canhões de todos os feitios quer de um lado quer de outro, a Igreja Catholica abençôa as matilhas que vão partir contra o veado ou contra o javali!!

Pobre Igreja Catholica Apostolica Romana! Quem te viu e quem te vê! Antigamente era o dominio irrecusado, o brilho das armas, a emoção das carnificinas e dos martyríos. Quantas espadas não foram desembainhadas em teu nome e pela tua ordem! Quantas! Ter-se-ia feito um Sól juntando o brilho de todas ellas! Quantos peitos foram varados, quanta vida e quanto sangue, por ti! Nunca nenhum deus pagão teve hecatombes iguaes!

E os autos de fé! A emoção aguda da tortura, que empallidecia a face do herege, que lhe partia os ossos, que lhe queimava as carnes, que lhe fazia saltarem os olhos das orbitas, que lhe contorcia os musculos!

E tudo isso passou. Foram-se os combates e foram-se as torturas. . As lanças que brilharam ao sól de Jerusalém e que beberam sangue de sarracenos, que partiram-se, em estilhaços, nos escudos ou traspassaram o inimigo, longe vão ellas. Lá ficaram para trás, na Historia e, depois dellas, tambem, a devoção do Santo Officio e as fogueiras da Inquisição

Pobre Igreja Catholica! Depois de todo esse passado de brilho, de vida fórte, de emoções agudas, para conseguir contribuir, pelo menos na intenção, para que um pouco de sangue se derrame, tu te vês obrigada a abençoar os cães que vão par-

tir na perseguição desenfreada do javalí ou do veado!!.

E naturalmente assim a caçada será mais feliz, os cães vão morder melhor e o javalí, acuado, vae-se sentir perturbado e indeciso e as presas formidaveis não o defenderão tão bem.

*
* *

NA ESTACADA — *Pamphleto Quinzenal* — *Lopes Trovão e Sylvio Romero.*

Em dias deste mez, veiu a publico um pequeno folheto, com a responsabilidade desses nomes ultra conhecidos. Como era de esperar, compramos e lemos.

Com a sua leitura, tivemos curiosas e inestimaveis informações sobre cada um dos aspectos da vida dos seus dous illustres autores. Soubemos que o dr. Sylvio Romero tem uma numerosa próle e o dr. Lopes Trovão é absolutamente esteril.

São duas informações a respeito da physiologia de cada um delles que talvez nos tragam muita luz sobre as respectivas psychologias. Lopes Trovão esteril, Sylvio Roméro fecundo.

Ambos tiveram assento no Congresso e ambos estão queixosos deste actual estado de coisas. Curioso é que nenhum dos dous, que tiveram em suas mãos fortes poderes, não nos dão contas do que fizeram para o estabelecimento de um regimen honesto.

O quadro que pintam da nossa sociedade é sombrio, mas não é novo, por ser de observação facil e cabivel em todos os tempos. Estou certo que na mocidade dos dous respeitaveis paladinos a cousa não era differente. Elles mesmos nos dão a entender isso quando nos contam a historia do «Reporter»

cezarianamente amortalhado nos diplomas de deputado e vereador dos seus dous proprietarios.

Contam-nos isso e depois, ao falar dos dias de hoje, asseveram, como se só a elles coubesse: *a palavra, quando escripta, se transmuta no turibulo que inceusa a quem a assoldada.*

Dizem ainda :

«*Virtus post nummus*—porque sem dinheiro... muito dinheiro superposto á virtude não se cevam o luxo e a vaidade, que, na hypergenese em que crescem, ameaçam invadir todo o nosso organismo social, matando-lhe a *Moral*, no que ella contem de mais sadio e o *Ideal*. no que elle possui de mais tonificante: as duas condições sem as quaes os povos não têm existencia real na Historia.»

Estou talvez de accordo, mas a *Moral* não é uma só e o *Ideal* muda de quando em quando.

Demais, não é um idéal *a preocupação assidua, tenebrante, absorvente de haver dinheiro, seja por que meio fôr ?*

Não é este o ideal americano, mais ou menos disfarçado na prosa pastosa de Th. Roosevelt? Será a moral de S. Luiz a mesma de Luiz XIV, será a moral dos tempos de Luiz XI a mesma do seculo XVIII? Sel-o-á talvez nas regras abstractas, mas nas manifestações concretas ha differenças que talvez façam duas e mais moraes, e por isso, pergunto, a França desapareceu da Historia?

O pamphleto está recheiado de latim e escripto numa maneira um tanto archeologico para os nossos vinte e tantos annos, tem dez paginas e vem mostrar aos Conselheiros que elles podem fazer cousa muito bonita, quando se põem no «Jornal do Commercio» ou na paleontologica «Cosmos», mas que quando se dispõem a fazer cousa sua, propria e sem mercancia, hão fazer *folhetinhos* como nós, Consola.

Juliano Barbosa:

Litteratura e arredores

GALDINO CUPIDO, contos. Magalhães Carneiro. *Livraria Brasileira. Aracajú, 1907.*

Dentre as sabichonas falsificações de origem allemã, a que menos estimo e prezo é a chamada psychologia dos povos. Não sei que serie de contradicções vergonhosas, que viciosas e absurdas conclusões, que falta de base estavel encontrei nas leituras, naturalmente apressadas, que fiz de alguns autores conspicuos dessa curiosa modalidade do saber moderno, que premeditei a respeito uma brochura clara e comprehensivel. Era meu plano expôr as notas que tomei, sem fazer intervir da minima fórma a minha argumentação; eu queria que a nihilidade dessa fantasiosa sciencia saisse do desmentido que este autor dá áquelle sobre o mesmo assumpto. Eu tinha até pratinhos bem bons: *apud os savantissimi doctores* da psychologia das collectividades, eu mostraria que a formula geral em que alguns querem fixar a feição de espirito de um negro do Dahomey, identifical-o-ia talvez com um inglez de Surrey ou outro qualquer condado.

Sem pertencer á raça daquelle perturbador André Maltére, de M. Barrés, que comprehendia para desorganizar, senti logo que taes sabichões, de industria e má fé, tinham esquecido a existencia puramente logica, abstracta, do que se chama povo, raça, etc. Tomaram essas cousas como entidades reaes, raciocinaram sobre ellas como se existissem de facto, como se fossem vidas individuaes, capazes de terem uma cabeça, capazes, portanto, de ter uma psychologia mais ou menos certa, determinando-lhes defeitos e qualidades, com auxilio de generalisações feitas sobre duvidosos documen-

tos, em que mais entravam os seus preconceitos nacionaes, regionaes até, do que um verdadeiro espirito scientifico. Curioso é que tal maneira de pensar faziam-nos cair naquella singular convicção das *Realistas* da Escolastica que acreditavam que os *universaes*, os *termos geraes*, eram o nome proprio de uma certa natureza subsistente por si mesma, distincta do espirito que as concebe, por isso, adiantava eu na tal brochura projectada, o nosso tempo talvez venha a ver repetir-se o famoso debate dos *Universaes*, entre neo-realistas e neo-nominalistas, até que um *Abélard* qualquer diga a um e a outro partido: *o entendimento, nos objectos que lhe estão ao alcance, considera analogias á parte das differenças, reúne-as e forma classes mais ou menos comprehensíveis para as necessidades do seu saber, de sua sciencia, e, fóra desta, ellas têm uma existencia precaria, ou não existem.*

Eu tinha chegado ahi pelos meus soffríveis estudos de geometria, lembrando sempre os typos geometricos, que qualquer estudante de meu tempo se envergonharia de acreditar na sua existencia de facto.

Porém, nestes ultimos tempos, veio-me ter ás mãos um *Felix Alcan*, de 7 ou 8 francos, que me dispensou de longas leituras, dando-me facilmente indicações de casos curiosos e engraçados, e com o qual pretendo em breve dar um combate decisivo á nossa diplomacia sabichona.

De tal fórma não andamos nós, os homens de hoje, com os nossos actos accordes com as nossas idéas, que eu, apesar da minha incredulidade tão longamente demonstrada nas paginas que passaram, recebendo o sympathico volume do *Sr. Magalhães Carneiro*, não me furtei ao desejo de examinar o espirito sergipano de uma maneira geral.

E' porque a leitura da sua primeira novella,

Galdino Cupido, fez-me condensar na idéa observações e notações de muitos a respeito desses singulares patricios do norte. Ha nelles uma antecipada e exagerada representação intima de si mesmos e de certas realidades grandiosas—de sua força, de sua intelligencia e saber, da gloria e da verdade ; e tocados por ella, agitam-se e movem-se para um grande alvo distante, resplandecente e offuscante. Se intelligentes e illustrados, são os grandes limites do pensamento para que tendem: as vastas syntheses e as reformas radicaes das maneiras de ver e de pensar. Comportam-se como se tivessem vindo ao mundo em missão, ungidos pela Divindade, para reformar, para concertar, para endireitar, e trazer a verdade e a felicidade ; são, como os russos, observou-me uma vez um amigo, uma gente messianica.

As intelligencias oriundas desse amavel pedaço da nossa terra, que tenho conhecido, sempre corroboraram em mim essas observações de outrem. Não sei em que para isso possam concorrer o clima, a situação geographica, a alimentação, as disposições hereditarias, como quer o impetuoso J. Pereira Barreto, e a imitação: porque, me parece, se a imagem de Napoleão perturba a alma russa, a grande figura, grande e original, de Tobias Barreto, paira fascinante sobre Sergipe inteiro. Elle foi durante toda a vida um apóstolo, um combatente, dando e offerecendo combates em qualquer terreno, ás idéas admittidas, emquanto lhe não chegava occasião de exprimir o grande e immenso ideal que parecia ter prestes a lhe sahir de dentro. Como as nossas crenças eram francezas, um reformador não podia falar em nome dellas; procurou allemães, os mais recentes, os mais novos em folha, e falou em nome delles contra a fé que elle queria derruir, e sobre as ruinas da qual iria erguer uma outra melhor, mais concorde com a verdade, só por elle vista. Len-

do-o, sente-se um tão forte accento sincero, um impeto tão violento, um tal ardor, que, ao virar a pagina, irreflectidamente, mas com certa logica obscura, procura-se a sua nova e original construcção. A minha ignorancia não póde ver na nossa intelligencia espectáculo maior, mais soberbo, que o desse immenso talento, a polemizar com todos os vultos de seu tempo, sobre todos os assumptos, quasi sempre victorioso, e inatingivel, como se por uma curiosa herança tivesse recebido no espirito a destreza dos cavalheiros de outros tempos.

Em geral, essa actividade interior de trazer novo, de reformar, de emendar erros, fica, pela fraqueza dos meios individuaes, reduzida a um desordenado tumultuar, por não poder alcançar o alvo visado os fracos poderes de realização de que dispõem os individuos.

Eu poderia applicar no estudo do Galdino Cupido, o aparelho de optica mental, o Bovarysimo, que seu autor, Jules de Gaultier, pôz em minha mão; reservo, porém, para mais tarde, uma exposição completa dessa especie de binoculo para o theatro da vida.

Tanto mais me parecia justa a applicação, que elle mesmo, Galdino, é o primeiro a nos confessar o mal de que soffre.

E' um sabio, tudo sabe; cura milagrosamente, explica no sertão a doutrina microbiana; tem vivido muito; e quando se abre é para dizer desalentadamente: *a intelligencia, senhor doutor, em certas pessoas, é como um monstro fabuloso que nada acceita, ou que tudo engole e não digere nada.*

Sahido de sua villa natal, tangido pela vontade de saber, tudo vê, tudo aprende, tudo ama; chrismado pela desgraça, que lhe arrebatou a familia e o invalida, volta transfigurado pela dôr, cheio de unccão, e vive cercado das Magdalenas

do sertão, que, segundo parece, existem numa proporção razoavel e util, como nos grandes centros tão malsinados. Cerca-se dellas, ouve-lhes os descantes, gaba-lhes as qualidades d'alma, faz arrepende algumas, pois que é ainda vivo o velho imperio dos apóstolos sobre as Magdalenas, como observou alguém.

E' quadro dos mais vivos do livro, quando a Leonidia entra com seus geitos masculinos, e, a convite de Galdino, canta langorosamente :

*A madrugada que passei chorando
Por teu desprezo, meu amor, foi longa.*

Nesse typo de professor do sertão, ha não sei que mistura de ancia de saber, de missão religiosa e de orgulho desmedido, que as considerações rebarbativas que fiz em começo talvez não tivessem vindo fóra de tempo. Mas, o que me provocou de facto fazel-as, foi o trecho em que nos conta o autor, que na feira, certa vez, Galdino se puzera a esbravejar: *povo infeliz ! abandonam o que tem de mais precioso ! Abyssinios ! apedrejam o sol, me deixam morrer á mingua !*

Quando se lê, na narração do Sr. M. C., o accento de paixão e verdade com que Galdino solta taes palavras e se considera que o Cupido nada fizera, quenada de importante tinha escripto, advinha-se que antecipada e grandiosa representação de si mesmo, de sua intelligencia e saber, elle tem na consciencia, e quão fracos são os seus recursos para manifestal-a.

Tem, ao alcance da mão, gregos, allemães e inglezes, esconde os diccionarios e as grammaticas, e quando revela o titulo e objecto de sua obra, sente-se perfeitamente quanto ha de fraco, de infantil, de primitivo ha na sua intelligencia. E' uma interpretação da Biblia, em que o paraiso symbolisa a vida

simples e natural, e a alma não recebe outra significação diferente da corrente, e só o corpo é associado elementarmente á noção moderna do ether.

O Sr. M. C. desenvolve o seu estudo com muita verdade, com muita côr local; e, com um exagerado amor á exactidão, faz os seus personagens falar no calão proprio.

Embora não desenhe os seus personagens de um só traço, dá os contornos com muito cuidado e carinho, trabalho e amor, de modo a fazel-os viver plenamente.

A narração, se em alguma cousa perde, é pela fidelidade por demais procurada. Adivinha-se que seu autor observou muito e não quiz tocar nas notas que trouxe. Pol-as na narração como as tomou no logar.

Agrada francamente, apesar disso, o seu modo de narrar, já pela simplicidade, já pelo desembaraço e naturalidade.

Os outros dous contos, embora menores, têm as mesmas qualidades, sem ter, entretanto, a importancia que, pelo assumpto e desenvolvimento, assume aos olhos do leitor o seu estudo de Galdino Cupido.

Lima Barreto.

*
* *

Barreto amigo.

Tu me permittes?

Li a critica, que fizeste do meu primeiro livro *O Cravo Vermelho*, com a attenção e o carinho que me merecem as coisas que produces.

Quero bem fazer a concordancia entre a tua manifestação e a minha acceitação, mas isso não é totalmente possivel, e eu vou dizer-te por que.

Falas tu nas minhas esperanças na Sciencia e na crença robusta que tenho de ser ella o caminho unico por onde iremos á conquista do velocio do bem.

Rhetoricá á parte, isso te digo e nisso creio.

Mas, Barreto, no meu romance, que é o *estudo de uma moral*, eu não cogitei absolutamente, não tive abso-

lutamente *parti-pris* de fazer-o scientifico, ou de inçar o caracter dos personagens de formulas de sciencia para levar-os ao desenlace classico do amor.

Quem lê a tua critica e vae ler o romance com a tua opinião, presuppõe e acaba acreditando que Leonel é um sabichão, Carolina medica parteira e que dos seus colloquios resulta sempre uma hypothese de gabinete ou uma experiencia de laboratorio.

Ora, tu sabes, eu sou ignorante, e só por pura intuição eu tenho sentimento e apreensão das coisas da Sciencia. Felizmente a tua critica, á força da evidencia, não esmerilhou no livro esse caracter academico de scientificismo como arte e como idéa.

Quando examinaste o enredo do *Cravo Vermelho*, houveste por bem fazer-o, como era natural, sem dizer que nas acções de cada personagem havia formulas, theoremas, leis ou principios que fossem a energia potencial dos mesmos.

Não; porque de facto não ha.

O que ha é o seguinte: Estudando uma moral, eu, que detesto a nossa moral, tive que traçar um paradigma novo, differente do que nos enquadra a actividade nervosa e social. Nesse modelo fiz agir os personagens, forjei-lhes o caracter, preparei-lhes as situações e encaminhei os resultados que, com grande alegria minha, vi serem de uma logica digna de Stuart Mill.

Tu sabes que eu detesto a religião, o Christo, deus e todas essas fabulas grotescas e insultuosas que nos atiram pela cara todos os canalhas que não têm outros recursos de espirito. Que fiz eu, então? Coherente com as minhas sinceras opiniões, tirei aos personagens relevantes todo e qualquer espirito, principio, antecedente ou relatividade com essa espantosa religião christã. Os meus heroes se comportam como criaturas que nunca ouviram falar nessas sandices todas; elles não têm nenhuma fé, porque a fé é uma formula elegante da covardia humana; elles não se apoiam no mysterio nem se soccorrem do milagre; comportam-se todos como se comportariam, os mouros de Granada ou os espartanos que vivessem no seculo actual em Paris, totalmente indifferentes á eloquencia imbecil do Conde de Mun e as marradas do Padre Dion.

Não sentiste isso no *Cravo Vermelho*? Apenas o notaste, Barreto; entretanto, eu fui tão rigorosamente caprichoso em trazer ao meu livro esse cunho de emancipação dos mythos, que nem uma só vez empreguei as palavras *alma, santo, divino, altar, anjo, igreja, communhão, bem-aventurança*, etc., etc., e suas derivadas, assim como excluí, expurguei inexoravelmente toda e qualquer comparação religiosa, toda e qualquer idéa de origem mythica ou mystica.

Oh! esses hediondos logares communs seriam a minha deshonra, Barreto, e tu não tolerarias ser amigo de um intellectual deshonrado pelas estupendas banalidades religiosas que hão sido o refugio das nossas mediocridades.

Isto fiz, e não precisava que me quizeses no seculo de Periclès para conhecer ou desconhecer certas conquistas não religiosas de que usei para a eloquencia dos meus personagens: bastava recuares-me á juventude, aos meus 20 annos, para me ouvires invocar as sandices de qualquer biblia como notas para a intellectualidade de um romance que nesse tempo eu fizésse. Minha expressão, (e algumas achaste-as banaes) seriam outras, comó outro eu era, um imbecil.. Ser-te-ia imperdoavel que eu fosse uma intelligencia bifronte: para mim mesmo um livre pensador, para o publico christão, como litterato, um Coelho Netto (triste exemplo!) um Elysio de Carvalho, rabiscando com a arte *smart* de Julia Lopes a vulgaridade absoluta e insustentavel do Graça Aranha!

Oh! eu seria imperdoavel! Eu quiz ser coerente (é uma tolice? seja!) e foi-me impossivel fazer um romance onde não vazasse com serenidade e coragem todas as minhas conquistas intellectuaes e moraes. Tel-o-ia conseguido? Vamos, Barreto, fala.

E outro por que: Tu achaste que eu não fui bastante poeta... Oh! Barreto! eu não sou um poeta? não, o fui bastante? que desgraça haveres lido o Alencar antes do *Cravo Vermelho*! O Alencar tornou impossivel o romance no Brasil.

Todo teu — Domingos Ribeiro Filho.



PEQUENO ALMANAQUE DE CELEBRIDADES

Sine ira et studio.

- Alcindo Guanabara.** — Jornalista de carreira; asceta e mystico social; socialista, militarista e proteccionista. No quarto de dormir, junto á sua cama luxuosa, tem uma velha esteira em frangalhos e algumas botas acalcanhadas e desirmanadas; nogueira, entre vinte e tantos ternos de todos os feitios e preços, uma velha calça de trabalhador de estiva; no toucador, um pedaço de sabão ordinario; quando janta, depois de bellas iguarias e vinhos generosos, rói um pedaço de pão durissimo — tudo isso elle tem e faz, para não se esquecer dos que soffrem fome e frio e vivem semi-nús pela superficie da terra dolorosa.
- Afranio Peixoto.** — Medico alienista e autor da «Rosa Mystica». Obra preciosa impressa em Leipzig.
- Araujo Vianna.** — Mestre de obras e cantor dos tempos coloniaes. Conta-se que, quando lhe faltava o massete, batia o escopro com a propria cabeça.
- Carmen Dolores.** — Chronista. Escriptora aristocratica; discipula do V de Taunay. Está traduzindo ou compondo um drama em francez: *La chercheuse d'amour*.
- Curvello de Mendonça.** — Romancista celebre que se dedicou entre nós á regeneração da cultura da canna de assucar.
- Pinheiro Machado.** — Senador e chefe do Bloco. Um dos muitos brasileiros que aprenderam portuguez pelo methodo «Berlitz».
- Salvador Santos.** — Jornalista de nome; penna de ouro. Caso phenomenal, pois é alumno da 3ª Escola Primaria do sexo masculino, estando no 2º livro de leitura!

O CORSO

O dia de Natal caiu em quarta-feira, portanto em dia de «Corso», o pessoal que não tem figurinos elucidativos e revistas de elegancias deu na telha de lá ir.

Como os Srs. sabem, o Figueiredo do *Binoculo* não faltou. Sem a presença do maestro da nossa orchestra de elegancias, não ha *corso* que preste. Dessa feita, como das outras, lá foi, acompanhado de Mr. Toché e mulher, de auto-movel, num auto-movel de aluguel que chocalhava desesperadamente.

Ao chegar na praia, dando com aquellas estravagantes, carruagens tiradas a quatro muares, cheias de gordas senhoras e avinhados perfis de homens, o F. Pimentel deu o desespero.

Mas é a festa da Penha ! disse.

A sua voz não se presta muito ás grandes explosões de colera, por isso absteve-se de gritar; mas foi ao posto da rua de S. Clemente e pediu providencias á policia. O inspector era um homem criterioso, respeitador da nossa legislação liberal; assim, não deu passo algum, não mandou prender ninguem nem expulsou qualquer carruagem da praia.

Figueiredo voltou á praia e a cada carruagem exotica que passava, apertava convulsamente os punhos e murmurava: que vergonha ! que vergonha ! que irão dizer de nós, lá no estrangeiro ?

Mr. Toché e mulher pareciam contentes. Apreciavam aquellas cousas pitorescas e ineditas; elegancias *comme il faut* estão fartos de ver em Paris, nas praias e nas estações de aguas; mas Figueiredo..

Num dado momento, a seu lado, passa uma velha caleça, dessas sem revestimento, com a maderia apparecendo, em que se costuma ir á Penha, levando um casal (vejam a caricatura).

A senhora, no fito de vêr melhor, tinha se sentado na beira da carruagem, Figueiredo não pôde se conter. Man-

dou tocar o automovel até alcançal-a e pedio com delicadeza, com a delicadeza de um guarda civil ou dos professores de Mr. Jourdain:

— Sente-se no banco, minha senhora; não é elegante essa posição. . . Os estrangeiros. .



O mundo todo tem conhecido e conhece milhares SUPERSTIÇÕES e a nossa terra deve ter entrado ahí com uma grande quota. Não tive a felicidade de ler o Sr. Paulo Barreto, do I. Historico, como tambem não tive a de entabolar commercio com os chronistas do tempo do descobrimento; se tivesse, talvez aqui pudesse enumerar muitas. Uma, porém, conheço de primeira mão: a da imprensa.

Não cabe nas proporções de um «Echo» o estudo della, nem fôra meu proposito fazel-o ao encetar estas linhas.

Nesta nossa cidade cheia de leis, cheia de justiça, cheia de posturas sobre a venda de qualquer artigo, um ramo de comércio, em virtude da tal superstição em que falei, escapa completamente ás injuncções legaes.

As calçadas das praças, das ruas principaes, são occupadas com grandes depositos de revistas e jornaes, e ai da autoridade que pretenda impedir tal abuso!

A autoridade que o faz, vê-se logõ retaliada nas columnas dos grandes jornaes diarios, debicada nas revistas humoristicas respeitadas, etc.

Isso não serve directamente aos jornaes, nem ao vendedor, mas ao distribuidor que, em geral, é nesta terra de liberdade e democracia, o tyranno mais feroz e a pessoa mais digna de consideração—, excepto o Labanca, bem entendido!

Demais, aos pequenos jornaes e ás pequenas revistas tambem em nada serve. A razão é simples, sendo obrigado a occupar pequeno espaço na via publica, o vendedor

faz o seguinte: põe á vista os quotodianos sagrados e as revistas respeitavelmente paleontologicas e debaixo delles as pequeninas publicações. de modo que se um qualquer der de olhos sobre a mercancia não as poderá comprar seja por *sympathia*, seja por curiosidade, seja por que fôr.

O nosso caso é eloquente. Cada um de nós passa junto de um vendedor e não vê a «Floreal»; quando se recolhe a edição, venderam-se trinta e oito exemplares.

Que se ha de fazer ? . . .

Houve no Brazil muitas superstições, ha ainda muitas, haverá ainda outras, mas a maior de todas, a mais tola é da Imprensa.

Os aztecas de Montezuma tambem pensavam que os hespanhóes eram immortaes; um dia, porém.. Oh ! E' quasi prehistoria. . .

*
* *

«No salão vasto conversava-se. A *leading*, Botafogo de 1^a, atrahia todos os olhares, com o seu vestido sumptuoso e audaz. Já se tinha falado sobre o diavolo e o seu particular encanto. Condemnara-se o *limerich* difficuloso. Mesmo o *cabotin* Rocca enchera minutos de palestra difficil. Mas quando se commentava o arrojo do capitão Luz, o seu balão, a idolatria das multidões pelo merito visivel e palpavel, um dos meus amigos, inglez viajado, chamou a attenção para a aerostação feminina. Em Pariz, em Londres, disse elle, os grandes globos pardacentos e os esguios chautos entraram definitivamente em moda. E' *up to date* fazer uma ascenção. Mesmo as grandes damas da margem do Sena e do Tamisa já contam viagens perigosas. E é um agradavel prazer contornar a Eiffel ou a S. Paulo. No Rio, a terra da maxima elegancia feminina, poderíamos introduzir este sport. Como seria agradavel aerostatizar com as formosas cariocas. A voz do *lachez tout*, ver a multidão ir diminuindo, o echo das exclamações se amortecer. Ah ! o *flirt* aereo ! Como seria perturbador este sport

com uma carioca perturbadora e bella! Como seria perturbador!»

Do V da «Imprensa».

O Dr. Alfredo Pinto leu certamente essa terrível novidade. Naturalmente, sabiamente, S. Ex. prohibirá a introdução do balão. Pois que todo mundo sabe que os arrojados senhores do espaço costumam atirar com o nome de lastro, desde a areia até viveres, sapatos, calças, e cadeiras. E a cabeça respitavel do Dr. Affonso Penna póde por um acaso ser attingida. S. Ex. prohibirá o balão.

*
* *

Na rua do Ouvidor, canto da Avenida (lugar sagrado), nosso amigo, o poeta Luiz Edmundo, disse-nos ha mais de vinte dias que tinha vendido do seu ultimo livro cerca de 9.000 exemplares, havendo de fóra, dos estados e até de Buenos Ayres, Bogotá, Guayaquil e Caracas, innumerous pedidos insatisfeitos, razão pela qual ia tirar uma 2 edição.

Exultamos com a noticia, não só como autores latentes e amigos do poeta, como tambem pelo facto de desejarmos sinceramente a prosperidade da literatura nacional.

Nas nossas letras, parece que está destinado ao Luiz e ao Paulo Barreto, o *distiucto jornalista* do Instituto Historico, o papel de Destoiewsky e Tolstoi na Russia. Como toda a gente sabe, estes autores e alguns outros do seu tempo, fizeram uma revolução na tiragem das obras literarias moscovitas.

O admiravel Luiz attribue tudò, e o faz cheio de uma candida modestia, ao gabinete de leitura da «Garnier»

A sala, é elle quem informa, fica nos fundos e é presidida pelo Nestor Victor. Ninguem mais proprio. O Sr. Victor é um enigma, e um autor nunca poderá saber se elle approva ou desapprova o seu trabalho. Do *comité* (tal qual como na Comedia), fazem parte alguns professores do Gymnasio, gente sabia em virtude de uma portaria do M. do Interior.

Está ahí como se explica a presença delles na famosa livraria — acontecimento que muito intrigava a tanta gente. E' o velho saber da «Provincia», é a tradição dos Soteros, Franças e Aristarchos, que se offerece officiosamente para policiar os trabalhos dos nossos literatos, sem lenço de alcobaça, voz fanhosa e pregões retumbantes.

O Marió de Alencar concerta os versos, é orthopedista; e o meu camarada P. Couto corrige os erros de botânica, enquanto o joven João Ribeiro fiscaliza a parte mathematica. Oh! O violino de Ingres...

Da secção mais trabalhosa, a d'agricultura e zootecnia, está encarregado o Sr. Curvello de Mendonça, pois S. S. fala de cadeira sobre o capim jaraguá, febre aphtosa, mormo, plantas forrageiras e os succedaneos da alfafa. Nisso, tambem os professores do Gymnasio mettem o bedelho..

Este Luiz...

*
* *

O discurso do Sr. Alcino, que tem tido uma publicidade desusada, não demonstra que o voluntariado não chega para as nossas necessidades militares.

Era indispensavel que o fizesse, já que tomou uns ares de porrete logico, pois assim, EM FALTA DO VOLUNTARIADO, como estatue taxativamente a Constituição, é que o sorteio é legal e constitucional. Aliás, o Sr. Alcino não precisava escamotear essa difficuldade; a cousa passava mesmo, para que então esse recurso de fraco dialectico?

*
* *

O sr. Arthur Azevedo precisava duma casa. Um leitor amigo e anonymo, com benevolencia e solicitude, indicou uma no campo de S. Christovão. Numa das suas carinhosas palestras de *merito transcendente*, como disse o senador Pinheiro Machado na elegia de outro senador, a Incarnação Viva do Theatro Brasileiro contou-nos a sua odyssea de inquilino. O senhorio pretextando um outro

candidato anterior fel-o ir ás 4 da tarde. Pontual e ancioso, o illustre academico appareceu no longiquo escriptorio ; mas ahi o desconfiado proprietario dilatou o prazo para o dia seguinte. Queria, disse Arthur na «Palestra», procurar informações. Soube que o candidato era litterato e funcionario, e feroz e seguro quando, no dia seguinte, o gordo homem de letras appareceu, negou-lhe a casa. E o comediographo eminente numa longa jeremiada abriu-se com o publico. Elle que nada deve passando por caloteiro. Ah ! as letras patrias e os officios indigenas ! Que tristes carreiras !

Um pequeno commentario : hoje o sr. Arthur Azevedo está morando no Campo. Como é isto ? O proprietario nega a casa e depois o candidato apparece morando nella.

C'est épatant. Faz desconfiar falta de assumpto. Quem sabe se no banquete a Bilac o convite foi dirigido e pela mesma causa surgiu depois aquella longa lamentação na «Palestra».



Perolas e Diamantes.

Theophilo Braga acaba de enriquecer a Litteratura Nacional com mais um volume precioso — *Camões* (epoca e vida).

(*Imprensa*, Rio de Janeiro, 10 de dezembro de 1907.)

*
* *

Uma tremenda crista submarina, que acompanha a linha de costas do Brazil norte.....

..... ..imponente e curiosa fôrma dessa róca plutónica...

(Arthur Dias, *Brazil Actual*, pag. 203.)

Servido por tão apreciados combatentes, o pamphleto *Na Estacada*, moldado pel'*As Farpas*, vae de certo obter igual successo ao que obteve, além-mar, o seu synonimo.

(*Noticia*, de 12 de dezembro de 1907).

Aquelle *segunda* faz crer que Fonseca tivera outra outra officina ;

Arthur Azevedo, «Palestra», *Paiz* de 19 de Dezembro de 1907).

* * *

.. dois capangas lhe vibraram na cabeça duas formidaveis cacetadas que lhe abriram logo innumeras brechas...

Noticia de 17 de Dezembro.



